

INDIÇÃO HISTÓRICO DA

ALTA BOROCABANA

INDIÇÃO HISTÓRICO DA ALTA BOROCABANA

Paro o  
José Maria, uma  
recuperação desta  
"reliquia".

Agosto 17/08/2004.

Francisco

## INDICE

Aspeto Geral da zona .....	11
O Progresso na sua marcha triumphal .....	25
A Catequese dos Indios .....	43
Os Indios que habitavam a região .....	57
Os primeiros povoadores .....	69
Uma Pagina de historia: Frei Manoel .....	77
Ruinas historicas do Rio Paranapanema ....	82
A epopea das divisões de terras e fraciona- mento dos latifundios .....	90
Uma cidade historica: Campos Novos do Pa- ranapanema .....	100
Uma cidade pitoresca: Salto Grande .....	111
Imprensa .....	117
O Primeiro bandeirante: José Theodoro de Souza .....	124
A herança de um grande latifundista: Fran- cisco de Paula Moraes .....	132
Um fidalgo na fundação de Campos Novos: Nicolau de Maio .....	139
As victimas do progresso: Manoel Pereira Alvim	144
Um grande precursor do progresso: Comm. José Giorgi .....	150
Um grande colonizador: Cel. João Gomes Martins .....	160

São Paulo, Julho de 1943.

Meu caro

Dr. Bruno Giovannetti.

Só ha poucos dias, por ocasião de minha ultima viagem a Quatá, me foi dado o prazer cultural de conhecer o livro que ha cerca de 20 anos sobre a Alta Sorocabana escreveu o Dr. Amador Nogueira Cobra.

A' gentileza do ilustre sanitarista Dr. Philemon Ribeiro da Mata que têm no mundo das letras patrias lugar de merecido destaque, como jornalista e poeta de fino quilate que é, devo encontro tão agradável.

Realmente, confesso, ignorei, sempre, a existencia desse precioso manancial de conhecimentos sobre a grande zona. E como eu, acredito que muita gente também o desconheça. No entanto assim não devêra ser. Obra de merito incontestável, natural fôra que ampla divulgação a tivesse bafejado, eis que a todas as manifestações de atividades interessa: ao cultivador e apaixonado da terra, em face da descrição de sua exuberancia; ao advogado que terão oportunidade de defrontar e com os casos de justiça mais intrincados ocorridos na poca do reconhecimento das "posses", contados com abundancia de detalhes; aos que se comprazem, diletantes ou tecnicos, com relatos de construções ferroviarias e penetração ou com estudos das nossas grandes bacias hidrograficas, terão satisfeita sua curiosidade estabelecendo contato, através largos e elucidativos extratos de relatorios, com ilustres engenheiros patricios, que locaram a Sorocabana, bem como com o eminente sábio bra-

sileiro, Dr. Teodoro Sampaio que fez o levantamento do Paranapanema; aos filantropos que se horrorisarão por certo com a leitura dos processos adotados na caçada de extermínio ao índio, encontrado em estado selvagem naquelas imensas paragens; ao estéta que aí achará fartas menses de beleza entrevista; ao folclorista em fim, com os elementos nela contidos de valôr apreciavel. Ao lado de tudo isto, Dr. Giovannetti, releva notar, ainda a circunstancia de ser talvez a Alta Sorocabana a unica região do Estado a formar no concerto do progresso paulista com a sua historia escrita. Dai a providencia que se impõe da continuidade na iniciativa do Dr. Amador Nogueira Cobra. E quando, no transcorrer da viagem a que me referi de inicio e em que li o livro em apreço manifestei a idéia que me assaltou o espirito de escrever-lhe esta carta, sugerindo-lhe tomar sobre seus hombros a tarefa árdua mas honrosa, fui por quantos me ouviram sem restrições aplaudido; um dos ultimos a quem transmiti esse proposito, nosso comum amigo Dr. Leonidas Barreto, mostrou-se entusiasmado com a lembrança.

Efetivamente, Dr. Giovannetti, quem, como o Sr., reúne tantas e tão boas condições favoraveis ao empreendimento? Sertanista dos mais abalisados; inteligencia lucida e flexivel obedecendo a um grande e nobre coração; cultura solida e multiforme; aprimorado gosto pelas letras historicas às quais vem prestando relevantes serviços nos variados setores em que as tem ensaiado — suas biografias e perfis, publicados nos bem feitos jornais da terra e traçados em torno de vultos destacados da maravilhosa região, onde vive ha longos anos, confirmam a minha assertiva, Dr. Giovannetti.

TENORIO DE BRITO

## PREAMBULO

Velhos e bons amigos, insistiram para que reunisse numa brochura vários artigos escritos, nas horas vagas, quando me permitiam os vários afazeres profissionais, que tenho publicado em jornais editados nas melhores cidades da Alta Sorocabana. Aqui cheguei nos primeiros alhores do desenvolvimento económico, quando ainda Campos Novos desfrutava o pomposo nome de capital do "Sertão do Paranapanema".

Aceitei entretanto o convite. Três décadas de minha vida decorreram do dia em que o clássico "trolley" me conduziu de Salto Grande a Campos Novos, tendo, daí por deante, numa vida nômade, errante, cheia de emoções e comoções, perlustrado todos os quadrañtes da região.

Fui, por conseguinte, ator e espectador do drama empolgante do desbravamento que creou a grandeza e a opulência dessa imensa zona, para a qual meu espirito, de fundo romântico, teve atração maravilhosa e de nostálgicas recordações.

Se a vida do passado não registra acontecimentos de grande valor, todavia episódios e particularidades dignos de serem lembrados, podem

servir ao historiador do futuro para criar uma obra sublime, digna da vastidão da zona.

A volúpia emocionante do tempo passado no sêio "da selva selvaggia", que desapareceu na luta tremenda e gigantesca combatida pelo homem, leva ao meu espírito a embeber-se no perfume doirado dos crepúsculos inesquecíveis, que iluminaram outrora a primavera da vida.

Este modesto trabalho visa apenas, lembrando épocas já vividas e que se apagaram na palidez do tempo, recordar à geração que surge, vários aspectos do passado, cujos dados foram obtidos de fonte originais de informações: notas de arquivos extintos, homens da primeira geração desaparecidos e impressões pessoais colhidas com carinho e zelo durante 30 anos passados na "Bela Sorocabana".

Pelas falhas o leitor paciente e indulgente desculpar-me-á, dizendo como o divino Poeta: "vagliarai il lungo studio e il grande amore".

B. GIOVANNETTI

## ASPECTO GERAL DA ZONA

O território que outrora constituia o chamado "Sertão do Paranapanema" confrontava com o Rio Paraná, Paranapanema, com o divisor Peixe-Feio e com o Ribeirão Coimbra. Dentro dessa imensa área temos três aspectos orográficos distintos: o divisor Peixe-Feio, o divisor Santo Anastácio-Peixe e o divisor Peixe-Paranapanema.

O mais interessante e pitoresco é o divisor Peixe-Paranapanema com a bellissima elevação chamada "Serra do Mirante".

Quem não conhece a região denominada "Serra do Mirante" não pode fazer uma idéia do que seja aquela riquíssima zona. Cafezais ondulantes, geomêtricamente alinhados, de um verde puro que morre no azul esplêndido dos espigões com uma tonalidade empolgante e sedutora.

E' preciso andar, nas diversas direções, para se aquilatar da formidável e gigantesca massa de cafezais que se desdobra em extensões imensas, numa vitalidade encantadora. Quem palmilha hoje a imensa região entre Santo Anastácio e Bela Vista e observa o grande e ciclópico desbravamento ali realizado, no curto prazo de poucos anos,

sente nascer no coração um sentimento de profundo amor, devotado aos heróis obscuros que criaram tanta grandeza e tamanha prosperidade.

Ali o horizonte é o café, com raras manchas de florestas, verdadeiros monumentos que se elevam soberbamente sobre o grande taboleiro verde sem fim, todo tomado pela plantação fantástica, jorrando vida e ostentando o símbolo nobre do trabalho livre e fecundo.

Ali tudo é grande: a terra, o panorama, a agricultura e a alma do homem que se plasmou à generosidade do meio físico.

A "Figueira Branca" o "Pau d'Alho" a "Jan-gada", são os campeões da vestimenta exuberante do solo e, a "Primavera" empresta ao cenário fitográfico um encanto sublime, com as suas flôres que enfeitam os jardins naturais das nossas matas seculares.

\* \* \*

A estrutura do solo, de formação cretácea no cume do espigão, e de formação triássica nas vertentes do Rio do Peixe e parte nas vertentes do Rio Paranapanema, constitui um tipo definido de chapada quasi plana com as eminências realçadas como a Catequese e Mirante, os dois acidentes topográficos com altitudes superiores a 600 metros sobre o nível do mar. A região apresenta, portanto, sob o ponto de vista do relevo do solo, dois aspectos bem definidos: a região mais alta

constituída pelo "divortium aquarum" Peixe-Paranapanema, cuja estrutura é representada por uma camada superficial arenosa, tendo como subsolo arenitos ou xistos impermeáveis. Nas baixadas, como nas encostas encontram-se possantes camadas de barro. A região mais baixa é constituída dos terrenos marginais ao Rio do Peixe e dos terrenos em cujas depressões têm as nascentes o Rio Capivara, Taquaral, Rio Novo, St.º Inácio, S. João etc. Nesta região o declive é muito pequeno e constitui baixadas tão férteis capaz de, somente com seus únicos productos, enriquecer o Estado. Os terrenos marginais ao Rio do Peixe, são constituídos de solos profundos, permeáveis, leves e formados de areia solta.

Na vertente do Rio do Peixe, entre a parte alta (cume da cordilheira) e a parte baixa marginal ao Rio do Peixe, o terreno forma picos e fraturas semelhantes às regiões do sistema Lauren-ciano.

Estes picos são formados de arenito branco e amarelo, sendo notável o arenito que os geólogos denominam: arenito de Baurú. Os xistos argilosos cinzentos constituem, inegavelmente, as rochas permianas do período triássico que, com as contínuas e constantes ações dos aluviões determinaram as enormes fraturas que se apresentam principalmente em direção Norte da Vila "Nova Columbia". A elevação dominante pela altura é a Serra do Mirante, cuja massa gigantesca, outrora

sugestionava os visitantes pela opulencia de suas florestas milenarias, recoberta hoje de esplêndidos cafezais que representam o mais extraordinario painel de beleza e de suntuosidade no mais empolgante cenário da região da Alta Sorocabana. Quem percorre o caminho que segue no cume da Serra é obrigado a parar a cada instante, enlevado diante das maravilhas que descobre. (1)

Ali colinas que se abaixam e outeiros que se vão emergindo como por encanto; aquí precipícios a escancararem fauces medonhas, mais além vales recobertos de linda vegetação tropical. Tudo isso forma uma gentil e magestosa perspectiva que extasia o artista e o poeta, em silenciosa e agradável contemplação. Da Serra principal destacam-

(1) Evidencia-se também sobrelevações (morros) formando dobras anticlinais das camadas do Triássico, nas proximidades da barra da Agua de Manoel Caetano com o Ribeirão Ralcharia, no Mirante de João Clementino e na Fazenda Boa Esperança próxima à Vila de João Ramalho. Pairam afloramentos de lençol eruptivo do arenito de Baurú. Os planos de estratificação geralmente são regulares e com tendência à horizontalidade. A constituição litológica destas camadas é composta quasi exclusivamente de arenito argiloso, com raras intercalações de conglomerados derivantes das mudanças esporádicas de facies. Encontram-se seixos, provenientes de formações quartzosas, ou de formações cristalinas antigas. São camadas de fácil desintegração e decomposição, dando origem a um solo arenoso característico da Alta Sorocabana.

-se em certos pontos, serras isoladas, que repetem em ponto pequeno o caráter da Serra principal.

\* \* \*

Entre os muitos problemas geológicos que se deparam ao exame do pesquisador podem-se colocar os que se relacionam com a paleontologia, a qual esconde, no profundo e insondável mistério das idades pre-históricas, a vida dos primeiros seres viventes que povoaram este hemisfério.

No Rio do Peixe se nota uma extranha constituição geológica que abre o campo às investigações paleontológicas por uma documentação interessantíssima, encontrada em 1941, na cidade de Lucelia, situada no divisor Peixe-Feio.

Num poço aberto na Serraria do snr. Spartaco Astolfi foram encontrados, a uma profundidade de 40 metros, restos de animais desaparecidos, e, em maior quantia, num outro poço aberto ao lado de uma máquina para beneficio de arroz. Não foi possível reconstruir, nem em forma fragmentária, a espécie de mamíferos que desapareceram ha milhões de anos. Estes restos acham-se incorporados a uma espessa camada de rocha basáltica, que do Salto Quatiara — onde existe a Uzina Hidro-Elétrica "Cayua" — segue a rumo Norte, atravessa o espigão em que se assenta a cidade de Lucelia e segue até o Salto Carlos Botelho no Rio Feio. Ali, as camadas de xisto da

formação de Baurú são atravessados por um sedimento basáltico que no Rio do Peixe não ultrapassa uma largura de 500 metros. E' nesta camada de rocha dura que foram encontrados varios fósseis reduzidos em pequenos pedaços em virtude da escavação dos poços. São incontestavelmente restos de mamíferos pertencentes ao periodo jurásico. E' sabido que durante o periodo triássico se erguiam gigantescas florestas com o predomínio de aracuarias. A vida animal teve transformações profundas, seja pelo aumento e variedade das espécies como pelo aparecimento dos dinossauros, ictiosauros etc.

O desenvolvimento porem das variedades das espécies veio a ter notavel incremento no periodo sucessivo "jurassico" que representou a época dos animais gigantescos, como os brotosauros e centosauros de proporções monstruosas, e que foram os maiores exemplares da fauna terrestre que se conheceu.

O exame dos fósseis encontrados em Lucelia presta-se a uma série de considerações proveitosas. Não serão, talvez, restos do cavalo pre-columbiano? Darwin encontrou resto do cavalo fóssil na América do Sul, consistindo em dois dentes perfeitamente caracterizados. Mais tarde Lund também encontrou numa gruta do Estado de Minas alguns dentes de cavalo. Os geólogos e os paleólogos encontram em Lucelia o verdadeiro livro das rochas, cujas páginas são ilustradas com gra-

vuras que dão imagem perfeita e bem clara, suficientes para reconstruir os capítulos da nossa prehistória.

\* \* \*

As ricas vertentes do Rio Novo, Parí, Capivara, S. Mateus, Jaguareté, Laranja, Doce, etc., afluentes da margem esquerda do Rio Paranapanema, pertencem à serie de S. Bento do sistema de Santa Catarina, sob a denominação de terras rochas apuradas, que resultam da decomposição do diabase e basaltó, entrando nesta composição os melafiros calcíferos. Ditas terras contêm 18% de óxido de ferro, com quasi idêntica porcentagem de óxido de alumínio. São terras de longas durabilidade, e representam a grande reserva para o futuro agrícola do Estado. Constituem um tipo de solo fundo, permeavel, poroso e fertil e, portanto com propriedades físicas que lhe emprestam grande valor. Esta formação do "trapp" triássico é geralmente conhecida pelos geólogos como pertencente à Série de S. Bento. A zona diabásica penetra em nossa região pelo Rio Paranapanema e forma vários afloramentos no Rio Capivara, constituindo um todo contínuo, estéril em fósseis, e os espécimes das florestas se congregam nas matas virgens de grande proporções.

Entre as duas formações citadas dos arenites de Baurú e da Série de S. Bento, existe uma zona central de campos extensos, pouco ondulada com

limites botânicos bem claros, e que se estende em direção este-oeste até as cabeceiras do Ribeirão Rebojo.

A transmutação florística se passa na descontinuidade das matas de terras brancas, (cretáceo), com rebordos e escarpadas que se desenvolvem em linhas caprichosas entre a zona central dos campos, e reaparece em toda a sua formosura na região sulina em que predomina o arenito de S. Bento. Os campos ocupam largas extensões em nossa zona. Praticamente inexplorados, alimentam apenas escassas cabeças de gado. Denominamos "campos" as terras fracas, cobertas de macega, com raros arbustos ressequidos, e com enormes manchas de areia branca que alcançam, em certos lugares, áreas estensas. A vegetação primária é o cerradinho com a palmeira acaule "Indaia" e moitas de bromeliáceas.

O Dr. Derby dividiu o sistema geológico em três séries: o inferior distinguido por camadas de conglomerato, o medio com camadas de sílex e o superior com os arenitos de Botucatú. O Dr. Wite adotou análoga divisão. Chamou a serie inferior de Tubarão, a media de Passa Dois e a superior de São Bento, ou dos arenitos de Botucatú.

\* \* \*

O regimem fluvial é um dos mais típicos do rebordo do Oeste do Estado, devido a um curioso

paralelismo da rede hidrografica principal, em cuja diretriz se projetam os planos que formam as depressões dos caudalosos rios Paraná e Paranapanema.

A grande linha de relevo orográfico que segue a direção geral este-oeste e separa as vertentes do Rio Paranapanema e Peixe apresenta dois ciclos de erosão, sendo que o primeiro, mais elevado, (Serra do Mirante), rodeia as nascentes do Rio do Peixe, e o segundo, num aprofundamento sedimentario progressivo, acaba no Rio Paraná; e estes dois ciclos constituem os dois grandes fenômenos fluviaes da zona.

Ao sul, nas vertentes do Rio Paranapanema, derrames vulcânicos estenderam vastos lenções de diabase e basalto, formando nos correços e ribeirões cascatas, corredeiras e rápidos com fundos de grande resistência.

Todos os tributários do Rio Paranapanema, orientados geralmente na direção norte-sul, possuem um curso quasi retilineos na zona formada pelo arenito de Baurú, mas quando penetram no solo de decomposição superficial dos diabases, entre blocos cortados pelas falhas, desenham cotovelos curiosos, dando forma a um geometrismo hidrográfico amplamente desenvolvido nas curvas côncavas e convexas.

O Rio Novo, Parí, Capivara, Capivarí, S. Mateus, Laranja Doce etc. para citar os maiores, apresentam esta característica: seus cursos superiores

se desenvolvem numa trajetória quasi rectilínea, ao passo que seus cursos inferiores seguem estranhas diretrizes, tortuosas, no meio de dobras, de contornos menos regulares, relacionados com rochas eruptivas, de agregamentos, e de formação idêntica à da zona norte do Estado do Paraná. Todos esses rios carregam sedimentos arenosos e seus talvegues são abertos na rocha, já decomposta devido à ação química da chuva e do calor.

Na bacia do Rio Paraná as águas se estendem desmesuradamente nas grandes "vasantes" que constituem, nas ribanceiras, duas faixas recobertas de empolgante vegetação. Quem navega no pitoresco Danúbio Brasileiro observa a muralha verde e majestosa, que moldura as duas margens, com seus grandiosos monumentos vegetais, cuja opulência acompanha o curso do rio para emprestar ao mesmo o aspecto de uma linda avenida fluvial.

Numa média anual de 7 anos, durante a época das chuvas, o nível do rio subiu 9 metros acima do normal. Os afluentes da margem direita do Rio Paranápanema, com exceção das cachoeiras, corredeiras e rápidos, apresentam um desnível médio de um milímetro por metro, ou seja um metro em cada quilômetro.

Todos os nossos cursos de água têm como nível de base o rio Paraná, que representa o eixo hidrográfico do planalto paulista e, os rios e ribeirões que cortam em diversos sentidos o rico território

do Município de Paraguassú, são tributários diretos do Paranápanema e Peixe, as maiores bacias fluviais da Alta Sorocabana.

O Rio do Peixe nasce na Serra dos Agudos. Corre paralelo ao Rio Feio e Paranápanema. Sua orientação geral é de N. N. O., afastando-se apenas deste rumo apoz um percurso de cerca 400 quilômetros, formando uma grande curva em cujo centro desagua o Rib. Santa Maria. Seu leito é formado de areia decomposta dos barrancos de gres que encaixam o curso com paredões sensivelmente elevados.

Antigamente pensava-se que este rio era afluente do Feio. E muitos sertanejos antigos opinavam que era o mesmo Rio Feio. Aliás esta confusão tinha um fundamento de realidade. Os exploradores Sá e Faria e Lacerda e Almeida, que desceram pelo Rio Paraná antes da exploração levada a efeito pela Comissão Geográfica e Geológica do Estado, não notaram a existência de sua barra, por estar talvez escondida atrás da Ilha do Tigre, uma pequena ilha situada mesmo em frente ao desembocadouro deste rio com o Rio Paraná. Neste rio existem saltos, porém de pouco valor para serem aproveitados industrialmente: Quatiara, Dourado, Biguá, Gaucho, Cágados, Capiçingui, Lage, etc. Até hoje foi aproveitada a foça do Salto Quatiara pela Cia. de Força e Luz "Cayua". Esta obra, seja sobre o aspecto técnico,

seja sob o aspecto económico, representa uma das maiores realizações da nossa zona.

A zona é efetivamente pobre de quedas de agua. Nos ribeirões vertentes para o Rio Paranapanema notam-se as seguintes quedas, algumas das quaes foram por nós estudadas, quando a zona reclamava, pelo seu progresso, força e luz.

**SALTO DE PLATINA.** Essa cachoeira acha-se localizada no Rio Parí a um quilómetro mais ou menos abaixo da Vila de Platina. Em 1922 foram estudadas suas possibilidades de aproveitamento. Com uma barragem modesta, cujo represamento podia atingir a uma area de 50 alq., ter-se-ia uma força de 600 HP.

**SALTO DO PARÍ.** Este salto está á cerca de 12 quilómetros de distância da Estação de Sussuí e, retirado 6 quilómetros do Rio Paranapanema. A Empresa de Eletricidade Vale do Paranapanema construiu uma Uzina geradora de força, para o fornecimento de fôrça e luz ás cidades situadas entre Salto Grande e Rancharia, limites extremos da concessão que os poderes competentes deram áquela Empresa.

**SALTO DO RIO CAPIVARA.** O potencial que se pode obter é de cerca 1000 HP. Seu aproveitamento é difficil por estar proximo á ponte metá-

lica da Estrada de Ferro Sorocabana. Dista da estação de Cardoso de Almeida 5 quilómetros. Além destes ha o salto situado pouco abaixo da cabeceira do Ribeirão Laranja Doce aproveitado pela Empresa Força e Luz da Companhia Caiuá, o salto no Rio Novo distante 6 quilómetros da cidade de Salto Grande; o salto no Ribeirão do Cervo proximo á cidade de Assis; e o salto dos Andradas no Rio Capivara. A grande cachoeira do Rio Paranapanema, que dista de Salto Grande cerca de um quilómetro, constitue uma das mais promissoras riquezas da região Noroeste do Estado. Sua beleza semi-irregulada emoldura a paisagem duma forma maravilhosa, num verdadeiro prodígio da Natureza. O regimen torrencial do caudaloso Rio Paranapanema, prejudica extraordinariamente o valor da queda, diminuindo excessivamente a energia permanente da mesma, mas o potencial da estiagem, pode-se muito bem calcular em 15.000 HP. com uma barragem no braço esquerdo de 4 metros de altura media, e de 3 metros de altura media no braço direito.

Nesta cachoeira observa-se o derrame eruptivo do *trapp* paranaense, ao passo que na ilha encontra-se o arenito da formação de Botucatu. A referida cachoeira será o eixo económico dos Estados de S. Paulo e Paraná, quando as iniciativas mais eloquentes, no campo do aproveitamento das riquezas do nosso territorio, alcançarem o exem-

plo realizador do trabalho na fase subsequente à agricultura: a fase industrial.

No entrelaçamento da vida moderna, o grande problema da hulha branca terá, forçosamente, uma solução prática extritamente ligada à grandeza das conquistas das grandes realizações humanas.

A potência das quedas d'agua constitue o máximo problema da estrutura económica de uma Nação. E, o Estado de S. Paulo, que é a retorta em que se opera o revigoreamento do progresso nacional, deverá alcançar a altura de uma ampla organização industrial. E, nesse particular, a privilegiada posição de Salto Grande terá pelo futuro, inconfundível importância e será o berço da emancipação económica de toda a Alta Sorocabana.

## O PROGRESSO NA SUA MARCHA TRIUNFAL

No meiado do seculo XIX, enquanto cada vez mais se povoava o interior do Estado, à região do Paranapanema continuava entretanto a figurar nos Mapas Officiais como zona desconhecida, pois a civilização tinha como linha divisória Botucatu, Avaré, Lençóes, S. Domingos, Baurú etc. A miragem rutilante das terras férteis desvendou logo os sertões profundos e imensos do majestoso vale do Rio Paranapanema. Era a epoca maravilhosa para as conquistas e para os descobrimentos mais audaciosos.

Surgiu a "struggle for life" isto é, o direito do mais forte que parecia o enterro do sentimento. As teorias Darwnianas, proclamando a nossa origem queriam destronizar a alma. Assim Carlos Marx, espondendo seu conceito materialistico, tentava sufocar o ideal. Periodo de grandes empreendimentos, revolução no campo da sociologia, tendência para novas descobertas e marcha acelerada do progresso em todas as manifestações do pensamento humano. O Estado não podia conservar

a sua linha marcada entre o progresso e o desconhecido, pois os homens suplantariam a inercia dos governantes. José Teodoro de Souza, fundou em 1868 a Vila de S. José do Rio Novo, hoje Campos Novos.

A semente humana começou desde então a dar uma floração abundante. Enquanto Campos Novos ia crescendo, a zona com suas terras cultivadas e descobertas reproduzia a bíblica fertilidade de Canaan. A terra ostentava uma vegetação vigorosa e oferecia todos os elementos que o agricultor necessitava para viver feliz e desenvolver com grande proveito a sua atividade. Os latifúndios inviolados, uma vastidão territorial imensurável, um esplendor de uma Natureza opulenta, faziam irromper o lirismo aos observadores dominados pela fascinação de colorido, das sombras e penumbras dos gigantes florestais.

O Governo do Estado começou a interessar-se pelas riquezas fabulosas que a região encerrava nos seus profundos mistérios. Tornava-se necessário abrir estradas, conhecer o sistema potamográfico dos grandes rios que a sulcavam.

Em 1890, sob o Governo de Francisco Glycerio, atendendo á necessidade de promover o povoamento e a expansão do trabalho nas terras desconhecidas, foi organizada uma Comissão para o fim de estudar a abertura de uma estrada de rodagem que dos campos de Lençóes ligasse o Alto

Paraná e, têr, portanto, uma ligação direta com o visinho Estado de Mato Grosso.

O dr. José Alves de Lima foi nomeado chefe da comissão e chegou apenas a construir uma estrada até as cabeceiras do rio Feio. Em 1892 o Governo insistiu sobre a abertura da estrada e nomeou uma nova comissão chefiada pelo Engenheiro Olavo Hummel, o qual estudou o traçado em direção à barra do Rio Santo Anastacio. Dita comissão chegou em Campos Novos em janeiro de 1893 e seguiu viagem até S. Mateus, onde existiam os últimos moradores efetivos do sertão. Para mais além tinham somente duas famílias: os Me-deiros na Anhumas e os Nantes no Jaguareté.

Ai já existia uma estrada que, pouco além do Ribeirão Rancharia dividia-se em duas: a esquerda em direção ao Paranapanema, passava pelos campos de Jaguareté e ia até a colonia militar de Jataí no Paraná, e a direita ia até as cabeceiras do Ribeirão Laranja Doce, passando a montante da cachoeira em que surge hoje a Usina Hidro-Elétrica da Empreza Caiuá. O primeiro braço da estrada passava próximo a barra da "Água Boa" onde já residia Antonio Ourives, velho sertanejo, genro de João da Silva Oliveira, o qual nos prestou valiosas informações acerca dos primeiros habitantes da zona inclusive José Teodoro de Souza e Francisco de Paula Moraes. Este sertanejo em companhia com o sogro desceu em jangada o rio Paranapanema até a "Cachoeira do

Frade" reconhecendo todos os afluentes que ficavam abaixo do Ribeirão Anhumas.

A comissão construiu 24 pontes e a largura da estrada tinha 4 metros. A estrada alcançou o Rio Paraná a uma distancia certa de 260 metros abaixo da barra do Rio Santo Anastácio.

O serviço técnico foi executado com ótima e louvavel precisão. Foram determinadas as coordenadas geográficas da barra do Rio Santo Anastácio e barra do Rio Paranapanema. A estrada ficou porem sem transito. Zona ainda despovoadada, sem a abertura de um porto no Rio Paraná, ficou o trabalho em completo abandono.

Em 1904 o Governo resolveu abrir de novo a estrada e contratou o serviço com a firma Tibiriçá & Diederichsen, à qual sucedeu a Companhia Viação S. Paulo-Mato Grosso. O traçado seguiu pelo antigo feito pelo Dr. Olavo Hummel. O sertão era ainda impenetravel à expansão colonial e precisava a ação de um homem de pulso para levar a cabo tão ardua tarefa. Em 1906 um homem destemido, tipo marcante de paulista desbravador tomou a peito o encargo e nomeou chefe de serviço o engenheiro Otto Meusser. Este profissional de ampla e profunda cultura clássica, nos relatou o longo desenvolvimento dos trabalhos e os enormes sacrificios suportados para conduzir a termo a obra.

Em 24 de abril de 1906 o Cel. Francisco Sancho de Figueiredo, reuniu em Platina (naquele

tempo esta Vila chama-se Saltinho) o engenheiro e 99 homens para dar inicio a gigantesca obra da abertura da estrada do Alto Paraná. Como nas Cruzadas históricas o nobre P. Frei Fernando Lavalle celebrou na tosca Capela uma Missa e deitou sua bençã aos obreiros que iam afrontar, desabusados, no âmago sertanejo, as asperezas de uma vida de duro trabalho e de forte sacrificio.

O relato do Dr. Otto Meusser, inesquecivel e saudoso colega nosso, narrou com a vivacidade de seu lucido talento, todos os detalhes daquela bandeira de trabalho e, certos depoimentos coevos lançarão por certo, um jato de luz sobre o passado.

Eis o relato feito pelo dr. Meusser: No dia 24 de Abril de 1906 chegamos com 4 carros e 12 muares carregados de mantimentos na casa de Domiciano Luiz da Rosa onde estava marcado o primeiro pouso da comitiva. No dia seguinte continuamos a viagem, passando pela povoação de Conceição de Monte Alegre e, alcançados pelo Cel. Sancho na Fazenda S. Matheus, fomos a armar a primeira barraca nos campos de Rancharia.

Dai seguimos pela frente, passando pelos campos de Capivari, e Laranja Doce, e vimos ainda o fogo aceso pelos índios Chavantes, e chegamos à boca do sertão, onde abarracamos, dando a este pouso o nome de "Coronel Arthur Diederrichsen". No dia 6 de Maio foi dado inicio à derrubada do mato; no dia 6 faleceu o indio Vincente que já ao entrar no serviço estava doente.

Sobre sua sepultura foi colocada uma cruz. No dia 13, quando a turma estava acampada no Rib. Mandaguari, foi visitada pelo distinto cavaleiro Cap. Francisco Whitaker, acompanhado do industrial snr. Ernesto Tolle residente em Santa Cruz do Rio Pardo.

No dia 29 foi mudado o acampamento na Agua da Lagoa. No trecho entre Mandaguari e a Lagoa encontraram vestígios de selvicolas o que obrigou tomar grandes precauções, dobrando as vigias e crear mais uma guarda extraordinaria em redor do acampamento.

No dia 23 de julho chegaram no Ribeirão do Feliccero. No dia seguinte festejaram com solemnidade sertaneja o dia de S. João. Foi cantado um terço dirigido pelo velho Modesto, acolitado pelo José Flausino, que na turma exercia as funções de cosinheiro. À noite os ecos reproduziam os estampidos produzidos pelo detonar incessante das carabinas, garruchas, espingardas, uma longa detonação como nos campos de batalhas, se houve, no furioso encontro de dois exercitos em luta.

No dia 1.º de Setembro avistaram o majestoso Rio Paraná, e no dia 17 tiveram concluídos os trabalhos, e no dia 24 regressaram para Platina.

O Dr. Francisco Tibiriça aguardava a chegada da turma numa ilha em frente a barra do Rio Santo Anastácio e o pavilhão nacional flutuava no alto de sua barraca quando a turma chegou nas margens do gigantesco Rio Paraná. Foi um mo-

mento de vivo entusiasmo, de profundas vibrações de almas, uma festa cordial e alegre: a festa do trabalho realizada numa ilha do Rio Paraná. Em homenagem a este valeroso cidadão o Porto recebeu o nome de "Porto Tibiriça".

Esta estrada foi por muitos anos o escoadouro dos rebanhos Matogrossenses cuja expansão se fez intensamente até o ano 1921; data em que o prolongamento da Estrada de Ferro Sorocabana chegou a Presidente Epitácio. Daí as atividades econômicas inauguraram uma nova vida regional e, aquela estrada, hoje quasi abandonada, marcou o rumo oeste de penetração ás primeiras correntes de agricultores em busca de melhores fontes de trabalho.

\* \* \*

Em 1912 deu-se inicio ao grande ramal Salto Grande-Porto Tibiriça. A Estação de Salto Grande foi inaugurada em 12 de outubro de 1909, sendo Presidente do Estado o saudoso e ilustre D. Manuel Joaquim de Albuquerque Lins. De Salto Grande o traçado segue na direção O. N. G., atravessa o Rio Novo, galga o espigão divisor das aguas deste e das de Pau d'Alho, cujas cabeceiras atravessa, subindo em seguida corta o Rio Pari, rodeia as cabeceiras do Jacú, atravessa o Rio Capivara e alcança o espigão divisor entre o Peixe e o Parapanema na Estação de Santa Lina e segue por este até Regente Feijó; daí continua pelo espigão di-

visor Santo Anastácio e Peixe até a barranca do Rio Paraná.

Quando em 1888 foi concedido o prolongamento da Estrada de Botucatú, para a frente, o traçado devia ter como ponto final de concessão a confluência da Água Boa com o Rio Paranapanema, suposto ponto inicial do trecho francamente navegável do Paranapanema.

Era o ideal de então ligar a viação ferrea com a viação natural e grandiosa do Rio Paraná, que oferece indiscutivelmente franca navegação do Salto de "Sete Quedas" até o "Rebojo" do Jupia um pouco abaixo da barra do Tieté, facilitando a penetração fluvial nos seus principais afluentes que correm no Estado de Mato Grosso como o Rio Pardo e Rio Ivinhema. Os técnicos daquela época pensavam que o Rio Paranapanema fosse francamente navegável abaixo da barra do Tibagi, mas em virtude da exploração feita pelo benemérito Dr. Teodoro Sampaio foi mudada a diretriz do traçado.

Assim é que da estação de Bernardino de Campos o traçado aprovado sofreu uma modificação no sentido de orienta-lo para a Foz do Rio Santo Anastácio, seguindo aproximadamente a trajetória intermediária entre o Paranapanema e Rio Feio. Essa modificação foi aprovada pelo Governo Federal.

As condições técnicas da linha são ótimas, cujo traçado segue sempre o alto de um chapadão, divisor de águas, desaguando no Rio Paraná.

A máxima rampa foi de 1,5%, e as declividades são inferiores a 1%. O raio mínimo adotado para o traçado das curvas foi de 164 metros.

O decreto que modificou o traçado da linha é do n. 7995 de 12 de Maio de 1910, e foi assim redigido: Fica transferido para o porto Tibiriçá no Rio Paraná, no lugar que melhor convier para a travessia desse rio, o ponto terminal da linha ferrea, compreendida nas da Estrada Sorocabana, que segundo a clausula I do Decreto n. 6.623 de 29 de agosto de 1907 se dirigia de Capão Bonito para Água Boa.

Os trabalhos do prolongamento da estrada foram acompanhados pelas volumosas correntes de colonização. Com ingentes esforços os desbravadores da nova zona, iam-se instalando nas terras adquiridas.

Assim, á medida que penetrava a estrada de ferro, iam-se povoando rapidamente as suas margens, de modo que, dentro em breve, os sacrifícios da construção eram fartamente compensados por um grande volume de transporte de passageiros e mercadorias.

Surgiram, portanto varias cidades e vilas, células de progresso material e intelectual; nasceram do zero das matas os focos de uma civilização opulenta que glorifica a grandeza do Estado.

Eis as cidades e vilas que se formaram, num ciclo de 30 anos nas margens do prolongamento da Estrada de Ferro Sorocabana: Salto Grande, Pau d'Alho, Palmital, Sussui, Candido Mota, Assis, Cervinho, Cardoso de Almeida, Paraguassú, Caramurú, Quatá, João Ramalho, Rancharia, Bartira, Laranja Doce, Martinópolis, Indiana, Regente Feijó, Presidente Prudente, Alvares Machado, Presidente Bernardes, Santo Anastácio, Piquerobí, Presidente Wencesláu, Caiuá e finalmente Presidente Epitácio. A geografia da zona começou propriamente em 1912, com a construção da estrada de ferro. Daquela data é que começou o violento duelo entre o homem e as resistências passivas de uma Natureza indomável. Eu ainda vejo no cinema da memória, o duelo gigantesco travado entre o homem e a natureza: ainda vejo os esforços dos Titans derrubando matas, abrindo estradas, levantando cidades num afan construtivo que marcou na história paulista o capítulo mais empolgante de sua vida de progresso.

Na vastidão remota de um grandioso conjunto vegetal, no silêncio imperturbável de um imenso deserto, entraram seres humanos para levantar o grande monumento ao Trabalho, implantando os germens de uma civilização que não tardou a chegar e que se afirmou na plenitude de suas forças construtivas no panorama que hoje ostenta a sua glória e o seu esplendor.

\* \* \*

Após Campos Novos do Paranapanema, como sentinela avançada do sertão foi Conceição de Monte Alegre. José Teodoro de Souza após um rápido reconhecimento de seus domínios que se estendiam para oeste, resolveu fundar mais uma cidade. Por escritura pública lavrada nas notas do Tabelião de S. Domingos, em 20 de Agosto de 1873 fez doação de uma area de terreno assim descrita: "Principiando na cabeceira de um correjo e, por elle abaixo até o Ribeirão do Sapé, pelo Ribeirão do Sapé acima até a primeira agua que encontrar, dahi, por ela fora até sua ultima cabeceira e, dahi corta a procurar o primeiro ponto da primeira cabeceira". Assinou a rogo do donatario o snr. Jerónimo Marques do Vale. Foi registrada em Campos Novos sómente em 5 de setembro de 1902.

Como as divisas mencionadas na referida escritura não tinham nenhum ponto fixo para uma localização certa, José Teodoro de Souza, resolveu escolher pessoalmente o lugar para demarcar o Patrimonio. Em 1876, acompanhado de Manoel João, Vitorino Ramos, Honorio Barbudo, seguiu viagem para o Ribeirão Sapé e, tendo chegado no dia 8 de Dezembro, batizou com o nome de Nossa Senhora da Conceição a futura Vila. Como o lugar escolhido era ameno e de clima saluberrimo, situado na porta das matas ricas e opulentas que ostentavam seu esplendor, imediatamente acorreram os primeiros povoadores que lançaram as ba-

ses do seu futuro. João Luiz Batista, Rafael Gian-nasi, Antonio Jacinto da Silveira, (faleceu em novembro de 1901 com a idade de 63 años) Manoel Bento Batista, João Luiz Fernandes, Vicente Lourenço Ferreira, Francisco de Paula Nantes, Braz Falco e Antonio de Souza Freire, foram os primeiros que levantaram suas moradias no povoado.

Estes moradores construíram uma Igreja dedicada a S. Sebastião, perto do Cemiterio. A nova Igreja foi ultimada em 1893 e benta pelos Rev. Padres Capuchinos em ocasião de uma missão durante a qual levantaram o grande Cruzeiro sito no largo. Anos antes mandaram vir do Rio de Janeiro a imagem de N. S. da Conceição, tipo da medalha milagrosa, e solenemente entronizaram-na em a Capela de S. Sebastião, a qual servia ainda quando o Vigario de Campos Novos do Paranapanema ia ali officiar. Por ocasião de uma festa queimou-se parte da Capela de S. Sebastião e, deste incidente nasceu a idéia de se construir uma nova, mais adequada ao progresso alcançado.

O carpinteiro Joaquim Inácio, muito hábil, industriou-se para arranjar auxílios, quer pecuniarios, quer materiais. Desde S. Mateus arrastou os possantes esteios que até hoje resistem com vigor às inclemências do tempo.

A criação da Paroquia foi feita em 16 de novembro de 1904, tendo sido nomeado Vigário o Padre Roque Scafoglio. Logo seguiram litígios acerca dos limites da Paroquia e o Padre, num bem

fundado relatorio, dirigiu-se ao Governador da Diocese para retificar as divisas entre as duas Paroquias. Conceição de Monte Alegre e Campos Novos do Paranapanema. Por portaria de 29 de julho de 1905 foi nomeado Fabriqueiro o cidadão Manoel Joaquim Batista, um dos primeiros moradores vindos do Estado de Minas.

Na ocasião da criação da Paroquia existiam duas pequenas Igrejas: Uma na Roseta e outro no bairro de Laranja Doce. A primeira sob a invocação de S. Sebastião e a outra não passava de um modesto e rustico oratório.

S. Sebastião na Roseta tinha uma área de 30 alqueires. Na barra do Capivara havia também um Patrimonio denominado N. S. da Candelaria. Na Pitangueira (Maracai) outro Patrimonio denominado S. Antonio. De todos estes Patrimonios, o único que tinha escritura era o de N. S. de Conceição de Monte Alegre. Existiam dois cemitérios, sendo um no Patrimonio Paroquial e outro no bairro de S. Mateus.

A Paroquia no seu inicio era paupérrima. Zona ainda despovoada e os poucos moradores estavam lutando com serias dificuldades para abrir o sertão. O Padre ao relatar ao Governador da Diocese Mons. D. Antonio Pereira Raimão o estado em que se encontrava a Paroquia diz: "que achando-me com falta de recursos, estou luctando e clamando ao povo, sendo que até a cera para o culto divino e azeite da lampada para iluminar o S. S.

Sacramento estão faltando: *sic erit in fatis*". Em 1907 foi dada a posse da Paroquia ao Frei Camillo Valda. Daí vieram os demais Capuchinos, que se achavam na Catequese. Uma vez chegados na Paroquia, começaram trabalhar com afinco para cultivar o grande matagal das almas ignorantes e abandonadas a si mesmas. A Igreja não estava ainda acabada. O Rev. Frei Mansueto de Val Florianiana mandou construir a sacristia e outro quarto, e mandou fazer o grande confessionário e o armário para arquivo. Pesquisamos outrora naquele arquivo que não existe mais. Quasi ninguém pagava o aforamento das datas, exceção de Rafael Giannasi, Eugenio e Florindo Bonini, que eram tidos como elementos de progresso e de grande seriedade.

Em 6 de dezembro de 1917 os Frades se retiraram tempestivamente da Paroquia em virtude de algumas queixas formuladas contra a conduta deles no tocante ao conflito europeu. Foram acusados de germanófilos perigosos. Como sucessor foi nomeado o Padre Niceforo Correia de Moraes. Outros Padres ocuparam o cargo de Vigário da Paroquia até sua transferência para a vizinha cidade de Paraguassú. Findou desta forma o ciclo da vida paroquial da velha cidade sertaneja.

Por Decreto Estadual numero 142 de 24 de Março de 1891 foi a Vila de Conceição de Monte Alegre elevada à categoria de Distrito de Paz, e, pela lei numero 400 de 22 de junho de 1896 elevada

a categoria de Município, cuja instalação foi feita apenas em 22 de Março de 1913. Durante este período em que a política apareceu no horizonte, a Vila teve vida agitadíssima e, as lutas partidárias foram algumas vezes sangrentas.

Em 6 de outubro de 1893, na casa de Joaquim Vincente Pereira Alvim, foi instalada a primeira mesa eleitoral para a eleição de tres vereadores da Camara Municipal de Campos Novos e tres Juizes de Paz para o Distrito. Foi eleito primeiro Juiz de Paz o Padre Francisco José Serodio, cujo nome tornou-se celebre nos anaes forenses da Comarca comprotagonista de questões de terras, nas fases em que os processos divisorios tiveram sua epoca de intensa atividade.

Após a instalação do Município foram nomeados como vereadores: Florindo Bonini, Virgilio José de Carvalho, Azarias Ribeiro, Manoel Francisco da Silva, Luiz Gonzaga de Oliveira e Luiz Manoel da Roza.

Quando foi fundada a Vila, isto é quando José Teodoro de Souza no Pouso Alegre, Roseta e Ca-e, ele com os demais companheiros, foram alcançar o Ribeirão do Sapé a cavalo, atravessando o campo. Do rio Pari até o Rio Capivari foi Joaquim Melchior de Camargo quem abriu a estrada, para entrar em suas terras adquiridas de José Teodoro de Souza no Pouso Alegre, Roseta e Capivara. Efetivamente começou a abertura da es-

trada dos campos da Cerimonia, pois do Pari existia um trilho que apenas retocou. Na "Água da Cerimonia" existiam cerca de 50 ranchos construídos pelas pessoas que demandavam o sertão afim de estabelecer suas moradias efetivas. Como o campo era muito limpo, ficavam livre de um possível ataque dos índios. Assim as famílias residiam na Cerimonia e os homens iam derrubando o mato e preparando um rancho para a mudança. Até poucos anos atrás existiam alguns pedaços de esteios cravados no terreno. Do Rio Capivara até Conceição de Monte Alegre foram os Nantes e os Paivas que abriram o primeiro caminho, e de S. Matheus ao Jaguareté foram os Nantes em companhia de Antonio Batalha.

Não foi efetivamente um caminho, mas um trilho espaçado por alguns palmos de capim o qual se estendia a perder de vista, pelos campos desnudados, marcando seu rumo os rastros de animais — os sulcos profundos dos carros puchados por bois.

Assim se desenrolava a situação da região, alargando-se os postos inexplorados, cobrindo-se o território de arraiais e abrindo na zona florestal beira-campo os primeiros clarões da roça, transformando os vastos desertos em culturas produtivas.

Na barra do "Ribeirão da Figueira" com o Rio Paranapanema Antonio da Silva Oliveira delimi-

tou outro Patrimônio. Ali foi morar João da Silva Oliveira, arrojado sertanejo cujo nome ficou indelévelmente gravado nas aventuras mais arriscadas. Sem bússola, com a única orientação do sol abriu um picadão até encontrar na região dos campos a estrada Campos Novos a S. Matheus. Isto deu-se anteriormente ao ano 1890. Este picadão, ou melhor estrada para carro de boi, foi lembrado no relatório que o Dr. Teodoro Sampaio fez sobre a exploração e levantamento do Rio Paranapanema, chamando-a de "caminho João da Silva", onde a turma transitou de regresso após ter vitoriosamente concluída a árdua e difícil tarefa.

Anteriormente ao ano 1900 na beira do Rio Capivara, e distante 6 kilometros da atual estação de Cardoso de Almeida. Dna. Maria Matilde de Jesus fez doação de um Patrimônio com a área de 32 alqueires. Começava a investida contra a floresta secular e os homens deixavam o campo para embrenhar-se nas terras que ofereciam maior recompensa ao trabalho.

Em 4 de maio de 1906 Joaquim Gonçalves de Oliveira e Joaquim Gonçalves de Mendonça partiram do Patrimônio de Roseta e foram-se estabelecer no Corrego Pitangueira afluente do Rio Capivara. Sabendo de Roseta fizeram a viagem com canoas e transportaram suínos e as primeiras sementes de cereaes.

Durante um ano, a via fluvial era o seu caminho. Apoz desse tempo abriram um picadão até Roseta passando então a ser feito o transporte por cargueiros.

Em 1910 José Merchiol de Camargo fez doação de 120 alq. de terras para erigir-se um Patrimônio sob a invocação de Nossa Senhora do Patrocínio, ficando assim constituído o núcleo urbano de Pitangueiras, primeiro nome que aquela localidade recebeu.

A 11 de setembro de 1919 (lei n. 1650) foi criado o Distrito de Paz com a denominação de Maracá e, em 19 de dezembro de 1924 (lei n. 2000) foi elevado a categoria de Município.

## A CATEQUESE DOS ÍNDIOS

No belo e suntuoso cenário que é a história da penetração do homem civilizado nas florestas seculares, que outrora revestiam o imenso território brasileiro, resplandesce, como feixe de luz faiscante e imortal, a denodada e ardorosa obra das Missões Capuchinas levada aos pontos mais remotos do País. As míseras tribus errantes, abandonadas às duras contingências das leis físicas no ambiente inhospito das florestas milenárias, entregues ao odio e à cobiça de aventureiros, encontraram nas Missões redentoras uma nova Jerusalém que os acolheu com o carinho, com o amor e, com o mais impecável zelo, sublimado no verdadeiro apostolado da Fé Católica. A Cruz que os Franciscanos ergueram em Porto Seguro é a mesma que os Capuchinos levantaram nos baluartes irredutíveis semeados entre as choças humildes dos pobres selvícolas.

No grande quadro representativo das conquistas de ordem moral, que constituem o alicerce granítico da civilização Paulista, sempre fez parte, como elemento precioso e fecundo de progresso, o amparo da população aborigene, que nos tem-

pos passados povoava a vastíssima região, que do Rio Feio findava nas barrancas do histórico Paranapanema e do caudaloso Rio Paraná.

Também em nossa zona coube aos Missionários Capuchinos a piedosa tarefa da evangelização dos índios. É incalculável o trabalho feito por estes Apóstolos que, na vida da nossa primeira coletividade, se ergueu como a luz do Sol. Entre eles houve mártires. Lembramos de passagem os nomes dos Padres João Fuchs, Pedro Sacilotti e Mins. Claro Monteiro de Melo, que foram buscar a morte, os dois primeiros no Rio Araguaia e o último no Rio Feio.

A história destas Missões é tão estensa e grandiosa, tão cheia de heroísmos sublimes e belezas encantadoras, que nunca se a escreveu inteiramente. Aqui, em nossa região, hoje incorporada a um progresso exuberante de glória, tivemos dois ciclos distintos de catequese: o primeiro ainda no período do Império e outro mais recente.

Em 22 de Março de 1888 o P. Frei Mariano de Bagnaia foi convidado, pelo Comissario da Ordem, para organizar a catequese dos índios em Campos Novos; e, em 7 de maio chegou na cidade bandeirante em companhia de Frei Francisco de Alatri. Campos Novos, como dissemos foi a cidade bandeirante. Dalí partiam os Paulistas e os Mineiros sertão a dentro, em busca da terra promissora. E, com eles seguiam os Capuchinos a procura das almas.

Quando André procurava seu irmão Pedro disse: Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda creatura! Foi uma ordem que nunca teve limites no espaço e no tempo. Esta ordem foi exactamente executada na sua íntegra pelos Capuchinos que implantaram o alicerce moral aos incultos, e à sociedade informe e caótica daquele tempo. Campos Novos tornou-se portanto a célula nuclear de uma imensa região e marcou o prelúdio da nossa atual esplendorosa civilização.

Frei Mariano, no obscuro recesso sertanejo, expandia o brilho de sua cultura e foi um verdadeiro arauto da Fé. A velha geração camposnovense lembrava com saudades o nome do grande neofita. De todos os Missionários Capuchinos, nenhum talvez tivesse sua estatura de lutador, soldado, pregador e arquiteto, cuja arte ficou consagrada nos vários Templos construídos.

Não posso deixar de não traçar, em rápida síntese a vida desse incansável Missionário, cujos ossos jazem no largo da Igreja de Campos Novos, no lugar em que hoje surge a Catedral, há muitos anos iniciada e ainda não concluída. Acompanhando as fases de sua vida tem-se a impressão de ler um romance de longa metragem, tipo Ponson du Terrail, pelas passagens trágicas e dramáticas através os campos matogrossenses e, pelo heroísmo demonstrado nos momentos agudos do perigo, durante a guerra com o Paraguai. Olhando para sua vida sente-se uma nobre febre de sentimentos e

de elevadas inspirações, um gozo cordial, uma vibração de suaves ternuras e, revendo sua jeratica figura impressa na celebre obra de Visconde de Taunay "A Retirada da Laguna" o nosso espirito nos convida a prestar uma homenagem póstuma ao Grande desaparecido.

Nasceu em Bagnaia na Provincia de Viterbo (Italia) e foi batizado com o nome de Saturnino. Recbeu os primeiros elementos de humanidade com um Sacerdote que era Vigario de sua Paroquia. Com a idade de 15 anos entrou nas Ordens dos Capuchinos recebendo o nome de Mariano. Terminados os estudos de Teologia, Filosofia e Letras e, logo ordenado, pediu aos Superiores que o deixassem partir para as Missões estrangeiras. Foi imediatamente para Roma afim de aguardar instruções sobre seu novo destino. Na Italia foi o periodo caracterizado por uma forte tendência nas ordens religiosas e tambem nos espiritos de aventuras científicas de procurar regiões desconhecidas para alargar os confins da geografia e saborear, embora com o sacrificio, o ignoto e o desconhecido.

Embarcou para o Brasil em companhia de 12 Frades em 29 de dezembro de 1846 e chegou no Rio de Janeiro em 5 de Março de 1847. Foi logo destinado á catequese dos indios na então Provincia de Mato Grosso. Desembarcou em Santos, subiu a Serra do Cubatão e se hospedou por alguns dias no Convento do Carmo. Continuou sua



*A' direita Frei Mariano de Bagnaia  
(Retirada da Laguna)*

viagem passando por Mogi-Mirim, atravessou parte da Província de Minas e chegou finalmente á Cuiabá. Alí foi recebido pelo snr. Bispo D. José Antonio dos Reis, sucessor de Frei José de Macerata, outra figura de grande Apóstolo que ocupou seu cargo em 1824 e deixou rastros inapagáveis na educação do gentio. Em 1848 foi para Diamantino e inaugurou a Matriz iniciada pelo seu antecessor Frei José de Macerata. Deixou Diamantino e foi catequizar os índios no Baixo Paraguai, fixando sua residência na aldeia dos Kinikinaos, tendo erigido uma capela e fundado uma escola. De Aldeia, esta localidade passou a ser Vila com o nome de Bom Conselho. Foi destruída em 1865 pelas tropas de Solano Lopez. Em 1857 voltou à Capital do Imperio. Descendo o Rio Paraguai, entrou no Rio da Plata e, em Buenos Aires hospedou-se no Convento dos Franciscanos. Passou ali algumas semanas, em tratamento das febres, apanhadas durante o tempo passado nas margens do Rio Paraguai.

Chegando na Capital do Imperio, pediu ao Comissário da Ordem mais companheiros para alargar e dilatar os trabalhos da catequização. Voltou para Mato Grosso com o P. Frei Antonio de Carmanico e P. Frei Jeronimo S. Columba. Porem o P. Frei Jeronimo S. Columba ficou em Sorocaba. Os outros seguiram até o Rio Sucuriú, subiram este até suas cabeceiras, transpuzeram a Serra do Baú e desceram pelo Rio Taquari até Corumbá. Dalí

o Frei Ângelo seguiu para a Vila do Bom Conselho e Frei Mariano seguiu para Cuiabá onde chegou em 24 de agosto de 1859. Foi nomeado Vigário de Miranda e Vigário Foraneo de toda a região do Sul da Província. Em Miranda deu início à construção da Matriz. Em 1861 construiu uma Capela em S. Francisco.

Em 1864 o Paraguai declarou guerra ao Brasil. O odio do Paraguai contra o Brasil vinha desde o governo Carlos Antonio. Elisa Lynch, (1) mulher do ditador, para apagar sua vaidade, inculcou no espirito de Solano que era necessario elevar o Paraguai a um lugar de grande destaque no continente Americano, e, que, somente uma grande guerra podia atuar o sonho de uma aventureira Irlandeza, que viveu muitos anos no demi-monde parisiense. O ditador do Paraguai apresara o navio brasileiro "Marques de Olinda" e mandara invadir o Mato Grosso. Começou uma guerra de grandes proporções. Ai iniciou o calvario de Frei Magnaia. A horda invasora se apo-

---

Esta irlandesa separada do marido, acompanhou Solano Lopez desde os dias alegres de Paris, no tumulto da guerra e nas dores da derrota. Era o tipo de aventureira que sonhava honras, grandezas e glórias. Depois da trágica morte do caudilho regressou a Paris onde viveu como costureira, e morreu na maior pobreza. Seu tumulo está no Cemiterio Monumental de Père-Lachaise com uma placa com os seguintes dizeres: Elisa Lynch Lopes.

derou de Miranda. O Padre foi pedir aos invasores que evitassem saques e depredações, mas teve como resposta sua prisão e foi levado para Niasc no Paraguai. Mais tarde o levaram em Assunção onde encontrou preso o companheiro P. Frei Ângelo de Caramanico. Depois de alguns meses de dura cadeia, foi levado para Ecurra, na Cordilheira e o puzeram num cercado que parecia um chiqueiro de porcos. Tempos depois foi transportado para o presidio de Caacupé. Com a derrota de Lomas Valentinas cresceu de intensidade o furor de "El Supremo" mandando diariamente matar varios prisioneiros. Entre as victimas mandou assassinar em Assunção o P. Frei Basillino Landini que ali estava de passagem da Bolivia para Roma. Tambem foi cortada a cabeça de P. Frei Ângelo de Caramanico e levaram Frei Mariano com mais 18 presos no presidio de Parero Grande para serem executados. Mas, devido a um forte encontro entre os dois exércitos em guerra, houve uma certa desorientação e o Padre Mariano conseguiu fugir e, atravez o mato alcançou o Rio Apa. Lançou-se nas aguas e um soldado brasileiro foi ao seu encontro e salvou o pobre Missionario.

Voltou para Miranda sua antiga Paróquia. Encontrou tudo destruido. (2) Não quiz permanecer

---

(2) Quando as forças brasileiras entraram em Miranda, estava já em ruina. Da matriz, segundo o relato

ali e continuou a viagem até Corumbá. Após pequeno descanso seguiu para Cuiabá, tendo chegado em 1869. A guerra contra o Paraguai estava quasi no fim. O Marquez de Caxias, tendo assumido o comando das forças em 18 de outubro de 1866, atacou a retaguarda das formidaveis posições inimigas das Lomas Valentinas e derrotou successivamente o exercito de Lopez em Itororó, Avai, Angostoura e obrigou o ditador a retirar-se nas montanhas com o resto de suas forças esfaceladas. Em 1.º de março de 1870 nas margens do Aquidaban-nigui, morreu o tirano, com a espada em punho.

Frei Mariano foi então nomeado Vigario da paróquia de Corumbá. Apesar dos longos padecimentos sofridos no meio das hostes Paraguaias, o seu dinamismo não esmoreceu e construiu a Matriz que foi inaugurada solenemente em 14 de outubro de 1877.

Dom Pedro, o insigne brasileiro, reconhecendo a firmeza com que defendeu o nome do Brasil durante a guerra, nomeou-o Pregador Imperial e foi, ao mesmo tempo, condecorado com o título e as honras de Major do Exercito Brasileiro, por carta de 8 de outubro de 1873.

Em março de 1886 seguiu para a Capital Imperial. Dahi seguiu na Provincia do Paraná, afim de substituir por alguns meses o P. Frei Thimoteo de Castelnuovo, grande catequizador dos índios que habitavam nas redondezas de Jataí. Começou a sentir um forte enfraquecimento cerebral e regressou para o Rio de Janeiro.

Em 1888, como vimos, foi para Campos Novos. Embora doente deliberou obedecer às ordens superiores. Seguiu na nova zona sequioso como estava em conhecer os índios e estabelecer um contacto immediato com eles. Mas as suas condições de saude tornaram-se apreensivas. Tinha accessos terriveis de loucura. À noite parecia-lhe ouvir brados misteriosos, vozes ferriveis, lamentos e rugidos: eco longinquo das torturas suportadas com resignação na bolgia infernal do Paraguai. Um belo dia foi em S. Pedro do Turvo e, num momento de forte desespero, suicidou-se cortando com uma navalha a carótide. Levado immediatamente para Campos Novos, ali faleceu assistido pelo Vigario da Paroquia Padre Paulo de Maio.

Com o desaparecimento do Padre Mariano de Dagnaia ficou eternamente aberto um capitulo immortal da nossa história; Campos Novos deve sentir-se orgulhosa em conservar a memória deste grande Apóstolo. Como homenagem a sua memó-

ria a Camara Municipal de Cuiabá designou uma das principais artérias da cidade com o nome de "Rua Frei Mariano".

Apoz a morte de Frei Mariano chegou em Campos Novos o P. Frei Sabino de Rimini que tentou catequizar, porem com insucesso, os índios. Pouco tempo parou em Campos Novos e foi fundar uma catequese no Rio Batalha perto de Lenções. Mas como não havia índios bravos, ficou em Lenções como coadjutor do Padre José Magnani. (1)

Assim findou o primeiro ciclo da catequese dos indios na nossa zona. Passaram-se cerca de 10 anos. A cidade de Campos Novos ia se tornando um centro de comercio ativo e fecundo. Em 1893 de Termo que era da Comarca de Santa Cruz do Rio Pardo, passou a ser Comarca. Começava a grande atuação económica, nas profun-

(11) O Cel. Francisco Sancho de Figueredos, iniciou uma luta sistemática contra os indigenas, organizando expedições que denominou *çadas*. Nas investidas trouxe para sua fazenda varios indios, talvez com o fim de civilizá-los encaminhando-os para os trabalhos agricolas. Nessas expedições teve como companheiros João José Martins, João Hipólito Alves de Barros, Modesto Pedro Claro e Jocelim Martins Dutra. João Hipólito Alves de Barros, conhecedor a fundo do sertão e dos indios, foi convidado como vigia das turmas encarregadas dos trabalhos de estudos do prolongamento da estrada de ferro Sorocabana. Foi um sertanejo de invulgar valor.

das realizações, a luta contra o latifúndio, como inadiavel necessidade histórica, apta a determinar a mudança completa da mentalidade dos antigos senhores das terras. Porem existiam ainda índios, e urgia catequiza-los.

Em 23 de julho de 1901 o P. Bernardino de Lavalle quiz restaurar a catequese que ficou suspensa em consequencia á morte de Frei Mariano. Chegando em Campos Novos o Vigario Padre Paulo de Maio, traçou o plano para a instalação da catequese. Dalí partiu para S. Pedro do Turvo, Espirito Santo do Turvo, S. Domingos e foi visitar o Padre Magnani de Lenções. Feito o estudo das possibilidades da implantação de uma catequese, voltou a S. Paulo para preparar o necessário e obter um modesto auxilio financeiro do Governo. Com o P. Frei Daniel de Santa Maria, P. Frei Boaventura de Adeno e o irmão leigo Frei Paulo de Sorocaba e o ex-carmelita italiano P. Francisco Savelli, partiu de S. Paulo no dia 4 de maio de 1902. Escolheram como sede um lugar proximo as cabeceiras do Rib. Veado, na raiz da Serra do Mirante, hoje conhecido oficialmente com o nome de "Catequese". Mandaram construir uma grande casa de madeira e, deram a este casarão a dignidade do Monastério. Daí, longas e frequentes viagens, subindo morros, descendo escarpas, atravessando rios, levavam em todos os recantos povoados o ministerio da evangelização e da propaganda religiosa. Em agosto de 1904 o Cel. Fran-

cisco Sancho de Figueiredos, chefe político e profundo conhecedor das matas e da vida dos selvícolas, convidou o P. Frei Boaventura para ter um contacto directo com os índios "kaingangues" que viviam nas margens do Rio do Peixe. Como o Cel. Sancho levasse consigo uma turma de cerca 60 homens armados de carabina, os índios atacaram a caravana que regressou sem ter conseguido o fim almejado. Ouvimos da boca do Padre a narrativa dessa expedição e as agruras profundamente sentidas. Os Capuchinos ficaram aí até o começo de 1907. Durante este período o Dr. Jorge Tibiriça mandou proceder a exploração do Rio do Peixe. Este trabalho teve início em 1905 e o caminho escolhido foi o alto de um dos contrafortes da Serra do Mirante, na margem direita do Ribeirão do Arrepellido. A turma seguiu o curso deste ribeirão e, chegando na sua barra com o Rio do Peixe, abriu um largo picadão margeando este rio até encontrar a confluência do Rib. Panela. Deste Ribeirão o levantamento seguiu até o Barreiro (Pedras e Barreiro) e foi suspenso em 12 de novembro. Em junho de 1907 foi organizada uma nova turma para continuar a exploração. O P. Frei Boaventura de Adeno no dia 3 de novembro de 1905 foi visitar o acampamento dos engenheiros instalado nas margens do Rib. Panela e lá celebrou uma Missa que foi a primeira Missa celebrada no Vale do Rio do Peixe.

Como não havia mais vigário em Conceição de Monte Alegre, os Capuchinos abandonaram a Catequese e se transportaram naquela Vila na qual ficaram até o ano 1916. Padre Boaventura foi em Penápolis, sendo em Conceição de Monte Alegre substituído pelo P. Frei Mansueti de Val Floriano.

Este Padre era de uma inteligência soberba. Nasceu numa pequena Vila do Trentino em 27 de março de 1863. Veio ao Brasil em 1890. Foi lente de Teologia e Direito Canonico no Seminario Diocesano de Taubaté. Foi erudito e glotologo de grande valor. Morreu em 1.º de fevereiro de 1921. Compilou um dicionário da lingua dos "kanijgangs" e um trabalho publicado na Revista do Museu Paulista em 1920.

Em 1912 P. Frei Boaventura de Adeno e Frei Sigismundo de Conazei tiveram a idea de instalar uma catequese em Porto Tibiriçá, mas depois resolveram atuar esta tentativa na confluência do Rib. Marreca com o Rio Paraná.

Construíram um rancho batizado com o nome de "Aldeia de S. José". Porem devido às condições sanitárias, foi logo abandonado e, esta foi a ultima tentativa de catequese levada a efeito pelos Frades Capuchinos. Do lado direito da barra do Rib. Marreca existe ainda um cruzeiro levantado por estes intrépidos bandeirantes da Fé.

A custa dos maiores sacrificios, estes abnegados missionarios, espiritos atormentados pela força expansiva da Fé, trouxeram ao nosso sertão uma nova forma de progresso e contribuíram para o desenvolvimento moral de uma geração quasi extinta.

## OS ÍNDIOS QUE HABITAVAM A REGIÃO

Quando José Teodoro de Souza, esse impenitente palmilhador do nosso sertão, penetrou no remoto rincão geográfico que constituia a imensa interlandia entre o Rio Peixe e Paranapanema, seguiu em seu roteiro as trilhas dos selvagens, nos indecisos e vagos sinais que estes deixavam para marcar o rumo de suas peregrinações.

Naquela época a nossa zona era habitada por três tribus selvícolas: os corados nas vertentes do Rio do Peixe, os Cayuas (Guarani) nas vertentes do Rio Paranapanema e os Chavantes no "platau" central, na enorme lingua de terras constituída pela faixa de campo e cerrado que de Avaré finda nas cabeceiras do Ribeirão Rebojo, afluente da margem direita do Rio Paranapanema. Os campos eram, na quasi totalidade de suas extensões, limpos, salvo os capões, verdadeiras ilhas de matas frondosas que até hoje surgem nas beiras dos ribeirões. A mudança do revestimento vegetal operou-se com o povoamento da região sob o imperio de fatores diversos, sendo impossivel conjecturar sobre a história do seu revestimento.

A tribo dos Chavantes ocupava toda a bacia do curso inferior do Rio Pardo (Mato Grosso) e, daí alguns atravessaram o Rio Paraná e foram estabelecer-se principalmente nos campos de Jaguairelé e Laranja Doce. Segundo deduções até certo ponto ponderáveis, estes índios eram menos feroces, pois o meio físico, imprimiu em seus espíritos o suave e alegre encanto da pitoresca paisagem campineira.

O incola era nomade e na mobilidade inquietada e constante que lhe fixava o instinto, vivia em largos espaços vitais sem sentir a necessidade de reivindicar territorios ocupados pelas demais tribus vizinhas. Os Coroados (Kaingangues) viviam em aldeias esparsas nas margens do Rio do Peixe em lugares onde a caça e a pesca eram abundantes, sob a chefia de um cacique, cuja autoridade era limitada e mantinha a ordem e a disciplina por meio de bons conselhos, boas palavras e persuasões. Consideravam seus companheiros já civilizados como inimigos figadais. Em 1898, cerca de 10 famílias de índios, fugiram da Fazenda do Cel. Francisco Sancho de Figueiredo, Fazenda Matão, próxima a atual cidade de Palmital), e se refugiaram na Fazenda S. Matheus na Agua que mais tarde tomou o nome de Aldeia. Os índios bravos investiram contra estes e os mataram, incendiando os ranchos e destruíram as poucas plantações de milho que tinham feito.

Foi uma chacina horrível que veio provar o odio profundo que alimentavam contra os proprios companheiros, absorvidos a força na metamorfose da civilização.

Gostavam de bebidas alcoólicas, especialmente nas festas o "goifa" era consumido em abundância. Esta bebida provem da fermentação do milho e era preparada pelas mulheres em cabaças ou cochos de madeira, cuja cor de um amarelo escuro, dava a triste impressão de ser suja e nojenta. Tinha um paladar azedo amargo, mas corrigiam este defeito, adicionando mel, obtendo uma "licor" mais delicioso que chamavam de "quiquy". Faziam tambem outra bebida chamada "goicupy" que provinha da fermentação do minho (nhára) mastigado. Tambem esta era preparada por mulheres, as mais velhas da tribo que mastigavam o grão de milho, antes amolecido com agua, e os cuspiam no vasilhame reservado exclusivamente para dito fim.

Os utensilios eram poucos: se limitavam somente ao indispensavel para a caça e comida. Para preparar os alimentos usavam panelas de barro, e para partir lenha ou derrubar arvore um machado de pedra. Para derrubar uma arvore levavam dias e dias golpeando-a em todos os pontos da circunferencia. O resto era representado por flexas, arcos e lanças fabricadas de madeira fortissima e com invejavel perfeição. As flexas apresentavam varios tipos: umas terminavam na

ponta com uma bola de madeira: outras em forma de lança, terminavam com uma ponta feita com tibia de macaco ou ferro e, outras terminavam num quadridente. Os arcos bi-coniforme eram geralmente feitos com guaiovira, que é uma madeira preta, resistente e de elegante aparência.

As pontas das flexas geralmente feitas das tibias de macacos e as penas de araras que serviam de guias e estas, eram tão bem amarradas por fitas de imbé que não se destacavam facilmente. Possuíam teares rudimentares em que teciam as tangas para recobrir parte do corpo. Tinham cabelo negro, grosso e abundante; côr fortemente bronzeada; olhos grandes e pretos porem com a pupila pequena.

Nas margens do Rio Paranapanema viviam os "Cayuas" pertencentes á classe dos Guarani. Vieram de Jataí, no Estado do Paraná, e estavam já catequizados pelo grande missionario Frei Timoteo de Castelnuovo, insuperavel Apóstolo que viveu no meio deles quasi meio seculo.

Eram originarios do Paraguai e foram trazidos á zona nórdica do Estado do Paraná pelo sertanejo Lopes e Elliot. Todos os Paraguaioes têm sangue Guarani, com exceção dos filhos de estrangeiros, que ostentam as características étnicas dos povos da velha Europa.

Os homens robustos, fortes, cabelos negros, dentes alvos e reluzentes, construíam seus ranchos com maior capricho que os Coroados. Eram altos,

construidos com esteio em cuja ponta havia uma forquilha que segurava a cumieira feita de madeira roliça, geralmente com varas de pindaiba. Também os caibros e ripas eram de madeira roliça e amarrados com cipós. Não havia nenhuma repartição interna. Como viviam ao longo do Rio Paranapanema e nos cursos inferiores de seus grandes afluentes, eram habéis canoeiros e navegavam com grande agilidade. Gostavam de se enfeitar e nas festas pintavam o corpo com tinta extraída das sementes de urucú e da seiva do genipapo. Usavam colares confeccionados com pequenos dentes de macacos, entremeados com penas de tucanos ou de outros passaros de variadas cores. Usavam o "tambeta" uma especie de pausinho feito de resina de jataí, cravado no beijo inferior.

Plantavam o milho, cará e mandioca na proporção das necessidades. A lingua é constituída de palavras com raizes geralmente monossilábicas e o complexo linguístico é simples e define com clara precisão e com termos invariaveis as indicações geográficas, as denominações da flora e da fauna.

\* \* \*

No grau da civilização chegaram ao periodo da pedra polida, como se depara dos objectos que encontramos nas nossas longas peregrinações através das zonas ainda selvagens.

Ao contrario dos incolas amazonenses, viviam num completo estado selvagem. Na Amazona tiveram um grande passado. Ali os indios possuíam uma concepção artística que souberam imprimir com perfeição nas anforas, nas urnas, nos potes de barro, nas bilhas marajoaras, colecionadas no rico Museu de Manaus. Na minha retina deslumbrada passam, numa comovida reminiscência do passado as preciosas reliquias amazônicas, que constituem recreio aprazível para os olhos e motivos de agradáveis divagações para o espirito, ao rever, atravez da distância e do tempo, a argila insuflada de incomparáveis arabescos artisticos. Porem os indios amazônicos foram indiferentes à jangla suntuosa. Jamais reproduziram no barro as formas harmoniosas dos vegetais e nenhuma folha, nenhum ramo, nenhuma palma se encontra reproduzida no vasilhame. Somente aparecem caracteres simbólicos como a cruz grega, reptis, machados etc., e sinais que lembram as antigas concepções mexicanas, chinêsas e egipcias.

Os índios que habitavam a nossa zona, ao contrario dos índios do extremo norte, preparavam as jarras com processo rudimentar, primitivo e ingenuo, sem o menor traço de arte denunciando evidentemente a epoca da pedra polida.

Na barra do Rio Capivara com o Rio Capivari (Município e Comarca de Paraguassú) encontramos duas pequenas e curiosissimas jarras com ris-

cos e entalhes que caracterizam uma epoca mais recente. Varios moradores do distrito de Alegria (Paraguassú) confirmaram ter encontrado uma panela de barro com desenhos traçados com tinta feita de genipapo e urucú. Talvez estas produções sejam o fruto de um segundo ciclo histórico, no alvorecer de uma civilização, que ia brotar ao contacto com os catequizadores do visinho estado do Paraná.

Em 1894 quando Olavo Hummel traçou as diretrizes da atual estrada boiadeira de S. Matheus ao Rio Paraná, encontrou nas cabeceiras do Ribeirão Laranja Doce um trilho velho que ia até S. Pedro de Alcantara (Jataí). Este trilho servia evidentemente de comunicação entre os indios aldeados na margem esquerda do Rio Paranápanema e os da margem direita, espalhados em varios nucleos, entre os quais os da Serra do Diabo e Corredeira do Frade.

Os índios eram nomades. Uma das maiores tribus de coroados estava localizada no "Salto Quatiara" no Rio do Peixe, no lugar em que hoje surge a magestosa "Uzina Hidro-Elétrica da Empresa Cayuá fornecedora de luz e força motriz a todas as cidades da Alta Sorocabana de Martinópolis a Presidente Wenceslau. Durante os trabalhos de construção dessa obra, foi encontrado um machado de pedra, deixado pelos índios, quando iam-se retirando mais alem em virtude da invasão

da civilização. Este machado, coisa curiosíssima, é de rocha granítica.

Todos os machados que tivemos a oportunidade de encontrar eram geralmente feitos com pedras silíceas, pedra ferro e de basalto, isto é, com rochas existentes na região.

O caso do machado de granito é interessante, e envolve mesmo, uma página de história sobre o nomadismo indígena na nossa zona. Focaliza fatores de grande influencia histórica.

Bem sabemos que o granito faz parte das rochas cristalinas arqueanas expostas nas regiões este e sudeste do Estado, as quais formam a Serra do Mar e seus inúmeros contrafortes e se estendem rumo oeste até a base sedimentar do Permiano inferior, deduzindo-se portanto que os selvícolas do Rio do Peixe tinham comunicações com os índios localizados na Serra do Mar e, talvez com as tribus da zona oceânica.

E' admitido que do Atlantico até as cordilheiras dos Andes tivesse existido um caminho atravessando o Estado do Paraná e Mato Grosso e, que por via fluvial os índios alcançassem este caminho com extrema facilidade. Teriam talvez percorrido o caminho de Peabirú? (1) Este caminho julga-se

(1) Identificando o itinerario seguido pelo Alemão Ulrich Schmidel, em 1553, quando em serviço como militar dos governos de Fernando Mendonça, Irala e Cabeça de Vaca, regressou de Assunção, traçou as diretrizes do celebre caminho de Peabirú.



*Cel. Francisco Sancho de Figueredos celebre pelas investidas contra os índios Coroados do Rio do Peixe*

per o trilho percorrido pelo Apóstolo São Tomé em sua peregrinação na America Latina e passou portanto a denominar-se caminho de S. Tomé. A versão da vinda do Apóstolo era, aliás, corrente entre os índios paranaenses, e, também no Paraguai corria a noticia de que um homem extraordinario em tempos remotos foi visitar diversas aldeias pregando o Evangelho, ensinando ao mesmo tempo como se podia utilizar a mandioca e a herba mate. Gentil de Moura, (comunicação feita ao Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo em 1910) assim descreve o caminho de Peabirú:

“Partindo de Assumpção, desceu o Paraguay e subiu o Paraná até a barra do Yguassú: dahi seguiu pela margem direita até a altura do Rio Cotegipe; em seguida atravessou os rios Piquiri, Cantú e outros afluentes desses rios; transpoz a Serra da Esperança; passou pelas cabeceiras do Curumbataí e foi cruzar o Ivaí nas proximidades de Terezina. Depois em rumo de sudoeste, foi passar nas cabeceiras do Tibagi, onde deixou o caminho para Santa Catarina, pelo qual subiu Cabeça de Vaca. Ai tomando a esquerda, pendeu para as mattas do vale do Assungui, passou pela aldeia dos Bilreiros e de Carieseba, onde logo adiante encontrou a encruzilhada do caminho que descia para Cananea. Prosseguindo, porem, sempre a esquerda, deixou o vale do Assungui e foi sahir nos campos da Faxina, Capão Bonito e Itapetininga, pelos quaes seguiu até as proximidades

de S. Miguel Archanjo, deixando outra encruzihada que servia para ligar Cananea á região de Piratininga. Desse ponto, pelos campos de Sarapuí e de Sorocaba, foi sahir em Biesae, mais tarde Mançoba ou Jupiava e hoje Itú, donde procurou o Rio Tielé, por cujas margens seguiu até as proximidades do rio Jurubatuba". Porém pensamos que o caminho pré-colombiano que ligava a nossa zona com o Atlantico sahia de S. Vicente ao Rio Paraná, atravessando os rios Tibagi, Ivaí e Piquiri e seguia atingindo o Perú e a costa do Pacifico. Os bandeirantes utilizaram-se desse caminho que já existiu antes da descoberta do Brasil. Talvez que os índios do Rio do Peixe se servissem deste caminho para alcançar as praias do Atlantico, ou do outro citado por Gentil de Moura.

Os machados de basalto que, nos tempos passados, davam origem a diversas conjeturas sobre a existencia dessa rocha em nossa zona, foi agora esclarecida a duvida pela descoberta de uma espessa camada de rocha que do Salto Quatiara segue rumo norte até Lucelia e, deste ponto continua aproximadamente na mesma direção até à depressão sinclinal que forma o pitoresco Salto Carlos Botelho no Rio Feio. Desta rocha compacta os índios se utilizavam para preparar os machados de pedra.

Estabelecendo-se como preliminar o conceito da existencia de um caminho que servia de comu-

nicação entre os índios do Rio do Peixe e do litoral deve-se chegar a conclusão que este caminho galgava o "divortium aquarum" do Rio Paranapanema e cruzava a Serra do Mar, para depois atingir as praias Atlânticas. Do Rio do Peixe não se atingia com facilidade o litoral, numa trilha direta, a não ter sido utilizado o curso navegavel do Rio Panará, Paranapanema e Tibagi, até encontrar a zona dos campos para onde passava o caminho terrestre que ligava S. Vicente ao Paraguai. Seria interessante do lado histórico poder localizar dito caminho, como fez Gentil de Moura ao descrever o caminho do Paraguai a Santo André da Borda do Campo.

\* \* \*

Entre os selvagens e os homens civilizados houve lutas cruentas e, além das referidas, tendo como campo de batalha a Vila de Campos Novos e as cabeceiras do Ribeirão S. Mateus, uma verdadeira chacina foi consumada na "Água das Mortes" afluente do Ribeirão Alegre que corre próximo á cidade de Paraguassú.

Mais ou menos no ano de 1878, segundo o testemunho de Jerónimo e Joaquim Vieira, os índios surpreenderam uma turma chefiada por Teodorinho e apoz cruenta luta foram assassinados treze trabalhadores. Os índios levaram uma criança. Uma mulher da familia, horrorizada com o drama

de sangue que se desenrolava deante de seus olhos, fugiu e escapou à vingança dos índios, depois de vagar por alguns dias no meio de florestas e vastos campos.

Mais tarde travou-se lutas entre os índios e a família Vieira. Um dia encontrando João Vieira, o atacaram imediatamente, mas socorrido pelos parentes, escapou da morte.

Outro embate foi ocorrido uns seicentos metros abaixo da Avenida S. João (cidade de Paraguassú) mas os índios foram rechassados. Alguns morreram na luta e outros bateram em retirada..

Entre os membros da família Vieira e os índios, os combates eram frequentes, talvez por estarem estes residindo num lugar que antigamente servia de travessia e de comunicação entre as aldeias do Rio do Peixe com as das vertentes do Rio Paranapanema. No Imóvel "Pontinhas" desde a abertura do sertão havia uma grande area limpa de mato devido ao fogo ateado pelos índios nas travessias periódicas entre as duas regiões mencionadas.

## OS PRIMEIROS POVOADORES

A ação bandeirande da marcha para Oeste, iniciada nos albores do Brasil Colonia, e ao tempo de S. Paulo Piratininga, teve intensa continuação no meiado do século XIX. Se as primeiras vararam o sertão para o descobrimento do ouro, as segundas concorreram para o largo aproveitamento da riqueza potencial das terras desconhecidas.

A marcha para Oeste sempre foi o programa imposto por uma fatalidade geográfica: uma trajetória que os modernos e heróicos desbravadores da selva, trilharam até alcançar o Danubio Brasileiro, representado pelo caudaloso e pitoresco Rio Paraná.

Em 1850, como vimos, a nossa zona era completamente desconhecida. O progresso só chegava, numa palida luz, até Botucatu fundado em 1844 e elevado a Vila somente em 1855.

Avaré fundada em 1862 foi elevado a Distrito Policial em 1867. Mais tarde seguindo sempre o rumo oeste, surgiu uma pequena povoação com timidas choças de caracter rudimentar chamada

"Tres Ranchos" quasi a definir e classificar um simples pouso de boiadeiros. Foi em seguida batizada com o nome de Cerqueira Cezar, que tornou-se o ponto de apoio de penetração para a frente.

Em 1858 surgiu S. Domingos que logo quasi desapareceu em consequencia de um Decreto baixado em 1867 determinando a transferencia da sede daquela Freguezia para as margens do Rio Pardo, creando-se assim a vila de Santa Barbara do Rio Pardo. No mesmo ano e quasi no mesmo rumo foi creada a freguezia de Lençoes e, posteriormente, em 1972 a freguezia de Santa Cruz do Rio Pardo. Como se vê, poucos centros habitados existiam de Botucatu em direção ao Rio Paraná, no meiado do seculo passado. Não podia portanto esta grande e imensa região continuar sendo habitada por indios e animais ferozes. Eis que surgiu o "Hercules do Sertão" na pessoa massiça de José Teodoro de Sousa. Esse rude homem montanhez, partiu para um lugar qualquer, sem conhecer um caminho, pois não existia e, verdadeiramente sem um objetivo que lhe pudesse garantir o triunfo real da conquista. A posse das terras foi a mais potente força que impeliu este arrojado desbravador para regiões longinquas; foi ela que atraiu fortes energias humanas para o desconhecido, foi ela que mais tarde creou o dinamismo propulsor de uma nova riqueza. Foi um produto do espirito da época. Na França, Cha-

teaubriand cantou a poesia dos imensos desertos e das florestas sem fim. A febre das viagens atravez regiões desconhecidas era apanagio dos românticos apaixonados pelo novo, sedentos de ávidas distrações, e foi a época em que mais refulgiu o espirito das investigações geográficas. Foi precisamente nesse meiado de século que os primeiros Ulysses pisaram o solo da Alta Sorocabana, vagando pelas matas e afrontando as investidas dos indigenas. José Teodoro de Sousa, seguiu acompanhando a bacia do Rio Pardo, passou nos "Tres Ranchos" S. Domingos, Lençoes, Santa Cruz do Rio Pardo e atravessou o Rio Turvo no ponto em que hoje surge a Vila de S. Pedro, e no fim de varios dias de penosa e fatigante viagem chegou ao Rio Novo na barra do corrego "Barracca". Não seguiu rigorosamente o curso do Rio Pardo, pois a mataria espessa teria esbarrado a arrojada e feliz aventura. No Rio Novo plantou um cruzeiro, marco católico, como sinal para mais tarde fundar um povoado.

Continuou ainda sua penetração no hinterland. Atravessou o Rio Pari e alcançou as vertentes do Rio Capivara. Voltou para seu Estado natal para trazer o material humano e povoar a região descoberta. Não foram escravos que seguiram o forte sertanejo no Novo Eldorado, mas lavradores livres homens afeitos a dura e aspera vida da seiva bravia.

Atraz, nas vertentes do Rio Pardo ficaram o Cel. Francisco Dias Baptista, José Marques do Vale, Jorgino Marques, João Gonsalves Ferreira, José Ferreira Maciel, Carlos Bernardino de Sousa, Joaquim Luiz Dutra, José Pinto Cardozo etc.. Mas José Teodoro de Souza quiz ir para a frente.

Com a fundação da Vila de S. Pedro e Campos Novos, foi transferido, pode-se dizer, o centro de ação para novos descobrimentos numa vantagem grande, tanto do ponto de vista geográfico, como no objetivo do povoamento. De modo lento, mas sêguro, apareciam os primeiros resultados da descoberta e cada vez mais chegavam lavradores e comerciantes que iam se estabelecer nas margens do Rio Novo.

Fixando residencia em S. José do Rio Novo, o herói do sertão não descansou. Seguindo sempre o rumo Oeste, numa arrancada renovadora, atravessou o Rio Capivara, penetrou nas vertentes do Ribeirão Alegre e, com coragem napoleônica, travou luta com os índios que tentavam esbarrar-lhe o caminho.

Seguiu ainda pela frente rumo São Matheus.

Na retaguarda da civilização foram abertos os primeiros caminhos, para o territorio incógnito, creando novas células de povoamento, novos centros dos quais nervos e arterias se estendiam para regiões ainda não trilhadas.

Na Vila de S. José do Rio Novo (Campos Novos) se estabeleceram, antes de 1875, data em que



*José Antonio de Paiva —  
Morreu aos 106 anos*



*Vicente Henrique da Silva (vulgo Vicentão) que  
travou lutas contra os  
Selvagens.*



*Manoel Pereira Alvim*



*Jeronymo Vieira que lu-  
tou varias vezes contra  
os indios*

faleceu José Teodoro, Nicolau de Maio, Geraldo Gerdulo, Domingos Ursaia e José Justino Ferreira, que constituíam a elite intelectual daquela época. Em 1885 S. José do Rio Novo foi elevado a categoria de Município e nas vertentes deste rio como do Taquaral e Pari o desenvolvimento demográfico era animador. Teve início um deslocamento de agricultores para a frente. Quem desbrava, quem luta com o jequitibá e com o ipé, quem luta contra a onça, não pode ficar ao contacto com a civilização que chega perto das moradias dos desbravadores.

Esses homens, por indole e por um sentimento atávico, não se sentiam bem senão no rude contacto com a floresta secular. E, assim fugiam, traçando seus itinerarios e na avançada, floresta a dentro, abriam o caminho aos outros homens de aventura.

Francisco de Assis Nogueira e José Machado de Lima, moravam nas margens do Rio Pari, Bernardino José de Souza no Macuco, Antonio Joaquim Melchor de Camargo no Pouso Alegre, Salvador Ortiz de Oliveira no Sapé ou Potreirinho, João Vieira no Ribeirão Alegre, os Paivas (1) e

---

(1) JOSÉ ANTONIO DE PAIVA JUNIOR — Em 6 de Abril de 1933 faleceu o mais velho sertanejo da nossa zona. Tinha 108 anos e deixou numerosa prole: 4 filhos, 45 netos e 59 bisnetos. Travou violentas lutas contra os índios na ocasião da abertura das matas do Ribeirão S. Mateus.

Preira em S. Matheus e outros em áreas de terras circunvisinhas. Lembramos também os Botelhos que moravam no Imóvel Jacutinga e que talvez foram os primeiros a fixar residência na redondeza de S. José do Rio Novo, e Francisco Lourenço de Figueiredo, Joaquim Pedro de Figueiredo, José Vicente de Figueiredo e Vincente Severino da Costa.

Antonio Alves Nantes, vendeu sua propriedade de Santa Rosa e mudou-se para Jaguareté (próximo a actual moradia de Antonio Joaquim) desvendando nessa marcha os mistérios do mais longínquo recanto do noroeste paulistano.

Foi sem dúvida a bandeira que orientou outros intrépidos pioneiros a rasgarem o último bafante de sertão que separava a zona dos campos com as matas do Rio Paraná e Paranapanema.

Foi o carro de boi que abriu o caminho, trilhado depois por Domingos Medeiros (Anhumas), José Custodio Vencio que estabeleceram nas cabeceiras do Ribeirão Anhumas.

O poder absorvente de solo não exerceu nenhuma influencia sobre o espirito dos primeiros homens. O povoamento, no começo foi lento, depois tornou-se tumultuoso: constituíram-se as gigantescas posses de José Teodoro de Souza e de Francisco de Paula Moraes, que em breve se fracionaram em latifúndios menores, porém sempre com áreas vultosas.

O elemento humano, fixou-se na zona dos campos no meio daquela vegetação baixa, rarefeitas de cerrados, delimitada em todos os varios sentidos pelas florestas grandiosas que margeavam os rios Paraná, Paranapanema e Rio do Peixe. Via-se no começo, transitoriedade em tudo: as casinholas dos primeiros moradores davam a impressão de um nomadismo sem um destino preciso.

Durante a conflagração europeia de 1914-1918, as velhas regiões do Estado, impossibilitadas de vender as colheitas cafeeiras, a preços remuneradores, apresentavam a extravagante anomalia economico-financeira de fazendeiros empobrecidos e colonos enriquecidos. A alta de preços de cereaes favorecem em demasiado aquela situação. O proletariado agricola desejoso de transformar-se em fazendeiros ou pequenos sitiantes, emigraram para a Alta Sorocabana e crearam um parque agricola que os nossos olhos admiram no quadro da pomposa tela que designa uma nota de suavissimo enlêvo de doce melancolia: *Magna res est amor!*

Esta nova força, formada e consolidada através as velhas e disciplinadas fazendas do Este, semeou, plantou, colheu, edificou cidades, vencendo vitoriosamente, numa arrancada digna dos antigos heroes gregos, todos os obstáculos que a natureza ergueu contra a força dinâmica do homem civilizado. Começou então o verdadeiro povoamento do sertão, afluindo verdadeiras caudais immigra-

tórias, vindas de outras regiões do Estado, destruindo os latifúndios num drama épico e ciclópico que ficará imortal nos anais da história do Trabalho. Os primitivos pioneiros abriram o rumo aos agricultores vindos depois e, se os primeiros morreram pobres, os segundos formaram no novo meio social o tipo característico dos *nouveaux riches*, que hoje constitui a aristocracia do Trabalho assentada sobre a terra dadivosa e fértil da Alta Sorocabana.

## UMA PAGINA DE HISTORIA

### FREI MANOEL

Procedente do vizinho Estado do Paraná, em 1892 apareceu na antiga Vila de Campos Novos, um homem de estatura mediana, de rosto ossudo e enrugado, com cabelos eriçados e uma espessa barba negra a invadir-lhe o rosto. Trazia um chapéu esverdeado pelo longo uso e, seu rosto de asceta parecia possuir um novo misticismo religioso que devia arrebatá-lo as multidões esparsas no imenso sertão do Paranapanema. Apresentou-se na rissonha e tranquila Vila com o nome de Frei Manoel. Escolheu como sede de seu Apostolado a Fazenda de Manoel José localizada á margem direita do Rio Novo.

Esse misterioso personagem, vestido de uma longa túnica, buscava o rancho dos humildes para cativar-lhes a simpatia, e angariá-los para as fileiras de seus prosélitos. De tempo a tempo desaparecia, internando-se nos sítios, ou arebaldes onde perambulando de casa em casa, receitando medicamentos, foi conquistando a admiração e a simpatia do ignorante sertanejo, por indole, supersti-

cioso, que via na pessoa do novo Messias um Santo. O seu nome correu de boca em boca por todos os recantos e a sua fama espalhou-se por toda a parte. Centenas e centenas de pessoas, como ondas incessantes d'um mar agitado, seguiam o profeta nas suas peregrinações e o povo derramava flores quando ele, em frente de longa romaria, ia catequizar os humildes trabalhadores da roça. Estas romarias pareciam verdadeiros pontificais do sertão. Fileiras intermináveis de homens e mulheres, recolhidos em suas simples convicções, acompanhavam o Apóstolo. Rezas e cânticos, arcos de bambús enfeitavam as ruas de Campos Novos recobertas de grama. Os corações fremiam. Um entusiasmo coletivo dominava o espirito do povo. Ouviam-se exclamações como esta: Eu temo o Deus que passa! Obteve, por todos os cantos uma celebridade que baldamente poderia ser disputada por um grande e autentico Propagador da Fé ou genial homem de ciencia.

Por toda a parte se falava no nome de Frei Manoel. O povo sujeitava-se à embriaguez das palavras que o feiticeiro pronunciava gravemente. Campos Novos nunca esteve tão concorrida, tão animada como durante o tempo em que o Taumaturgo proclamava prodigios assombrosos. Ele não tinha a frente cingida com o loiro da gloria, como os antigos Sacerdotes dos idolos, mas um grande lenço branco cobria-lhe quasi o rosto inteiro, pa-

recendo um fantasma, à luz das tochas, quando nas formosas noites do verão pregava aos ouvintes o novo Credo debaixo de uma robusta e frondosa paineira, na praça José Teodoro.

Os agricultores abandonavam os campos para seguir o Monge nas longas procissões. Ninguém cuidava mais em fazer plantações e, a vida, ficou profundamente perturbada. Roças sem queimar, terras sem plantar: o horizonte da zona Camposnovense, apresentava sinais de tristeza e de fome. Foi um ano de crise espantosa. A lenda do fantastico homem ultrapassava os limites da antiga Vila de Campos Novos, e espalhava-se em Salto Grande, Platina, Conceição de Monte Alegre, até aos ultimos moradores de Anhumas e Jaguareté. Os fanaticos cresciam em numero, como os cogumelos depois da chuva! A Fazenda Manoel José transformou-se numa verdadeira Meca. Numerosas pessoas, vindas dos mais longinquos recantos do sertão rodeavam o rancho onde se ouvia um ruido de festa, o som da viola e o rufo dos pandeiros mineiros.

Era arrojado e ambicioso. Tinha sonhado triunfos e, o oprobrio e as baixezas não lhe detiveram o passo. O seu afan refuzia-se em saciar os appetites carnaes, metendo em pratica uma certa terapeutica que consistia em "fechar os corpos das virgens". Misteriosa formula aplicada com successo por um devoto das Bacantes que imolou varias vitimas no falso altar da Fé Católica. A sua au-

dacia não tinha limites. Todavia os triunfos magníficos obtidos logo de início não tiveram continuação. A sua recente celebridade empalideceu bruscamente.

Um grupo de homens organizou uma espécie de batalhão para combater o Messias, que veio perturbar a vida pacata de um povo, dedicado ao trabalho e tradicionalmente votado ao amor à família e às práticas do bem.

Frei Manoel suspeitou logo da tempestade que se lhe amontoava por cima da cabeça.

Deante do receio de uma investida, só uma estrada se abria ante ele: o caminho de S. Pedro do Turvo com fácil ligação para Santa Cruz do Rio Pardo. Era o mez de Setembro. Manhã fresca. Só algumas nuvens côr de opala assomavam ao oriente. Quando a luz da aurora começou estender sua fraca claridade sobre os campos floridos que se vão do Ribeirão Jacutinga até S. Ignacio, Frei Manoel acompanhado de uma longa caravana seguia o caminho em demanda daquela Vila. Quatro horas de marcha, cruzando vales e subindo espigões, a legião Manoeliana avançava célere para alcançar o abrigo seguro de qualquer tentativa de ataque. Mas S. Pedro do Turvo foi o Calvario que marcou a tragedia do Golgota, cujo desfecho perdeu-se nas profundas concavidades banhadas pelo manancial do Turvo, transformado naquele instante no Jordão ao consumir-se o tremendo sacrificio.

O governo do Estado avisado do que se passava em Campos Novos, mandou soldados da Polícia para debandar os fanaticos e punir o autor de tamanha desorganização social. O encontro deu-se em S. Pedro. Os soldados esperavam provavelmente encontrar resistencia, porque o bando de aldeães estava armado.

Frei Manoel nem sequer pensou em reagir. O Deus Homem, tombou ao chão, matado por bala de carabina.

Seu cadaver foi posto numa cova aberta no instante. Um povo imenso circula pelas ruas. Findou-se assim um reinado que durou porem pouco tempo.

A noticia da morte espalhou-se por toda a zona com uma rapidez quasi prodigiosa, e provocou no rebanho creado pelo falso Anacoreta, verdadeira consternação. O sangue de um arrojado aventureiro lavou as manchas pinceladas no espirito de um povo pacato e ordeiro.

Assim findou a vida desse homem misterioso que, por varios menses, arrastou tanta gente por ele fanatizada. Seu verdadeiro nome era Francisco Izabel natural do norte do Brasil.

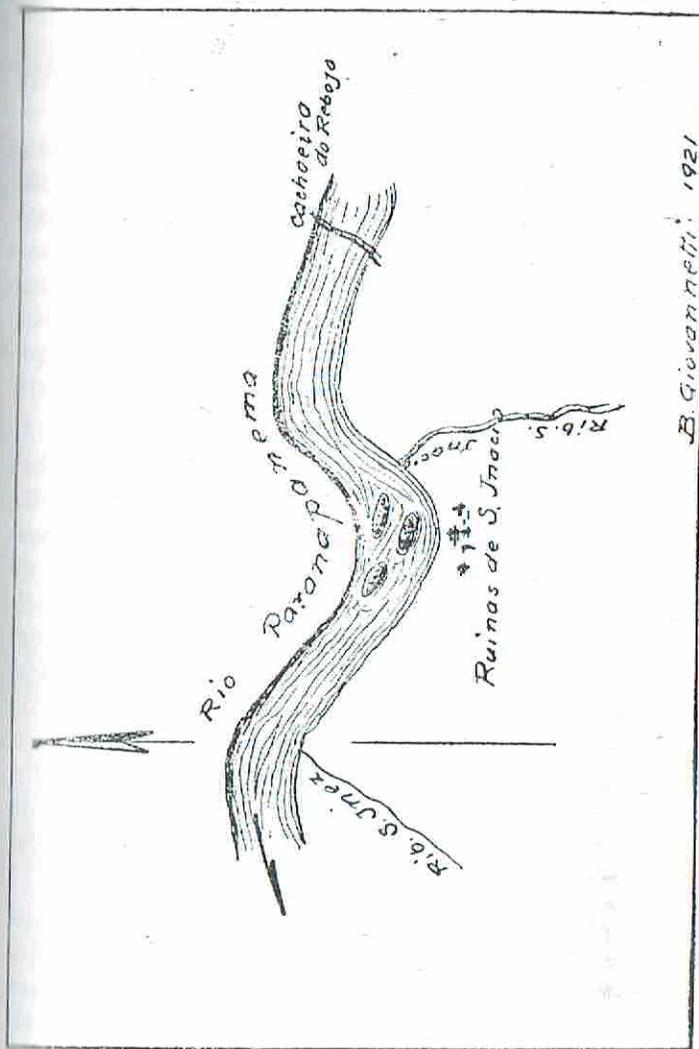
Em Campos Novos conhecemos pessoas que conservavam, como reliquias sacras os tocos de cigarros de palha que o falso sacerdote jogava fora; como lembranças de um profeta que soube com astucia dominar a vida de um povo.

## RUINAS HISTÓRICAS DO RIO PARANAPANEMA

Perdidas e afogadas na mataria espessa do Rio Paranapanema, existem vestígios das antigas reduções jesuíticas que convidam ao recolhimento e à meditação, e falam ao nosso coração a linguagem muda das ilusões e das esperanças, das glórias e das tristezas dos seculos passados.

Essas ruínas se encontram na barra do Rio Paranapanema com o Rio Tibagi e Pirapó. As primeiras lembram as reduções de S. Inácio (Ipaumbucu) e, as outras a redução de N. S. de Loreto. Ao lado direito do Rio Paranapanema as ruínas de S. Pedro, outra redução localizada dentro da posse que mais tarde pertenceu a Manoel Pereira Goulart.

No seu silencio traduzem um empreendimento realizado e destruido, um ideal amorosamente acalentado, que naquela longinqua zona, esvoaçou e se extingui. Estas ruínas possuem uma alma como a propria historia; elas vibram como um poema a perpetuarem o mito, embora sejam desmo-



ronadas e corroidas pela inclemência da Fatalidade.

Elas são como monumentos que encerram a alma reluzentes dos povos e reconstróem o passado recompondo os capitulos sublimes da História. O seculo XVII semeou, na extensa zona marginal do Rio Paranapanema e no seu vasto interland paranaense, fragmentos de civilização esplendorosa que tão tragicamente foram destruidos pelos bandeirantes para assegurar a grandeza territorial do Brasil.

Não há que não conheça a maravilhosa obra das reduções jesuíticas, fundadas a partir de 1610 no trecho do Rio Paranapanema, em frente a nossa zona da Alta Sorocabana. Na provincia de Guaira, desde o ano 1554 existiam os nucleos officiais espanhoes de Ontiveiros, Real Ciudad del Guaira (confluencia do Rio Piquiri com o Rio Paraná) e Vila Rica (na margem esquerda do Rio Ivahi na confluencia com o Rio Corumbatai, pouco abaixo de Salto do Cobre). Todas estas reduções, como as demais que existiam no Estado do Paraná, estão assignaladas no celebre Mapa "Paraguaria" (1646-1649).

Neste tempo os jesuitas, conquistaram pacificamente, mais que Alexandre, Cesar e Napoleão, ignotas, immensas e tenebrosas regiões do nosso continente, fundando no deserto selvagem uma civilização evangélica, não inferior às esplendorosas

organizações da antiguidade, como em Atenas, Sparta, Roma, derramando por toda a parte o seu sangue intemerato e combatendo, com a palavra e com o exemplo os erros da sociedade. Aqui no Brasil surgiram as grandes figuras de Anchieta, Nóbrega, Belchior de Pontes, Leonardo Nunes, Miguel de Paiva e outros impávidos soldados da Cruz, que deixaram sulcos profundos e indistructiveis de gloria e de fulgor, no campo do ensino — euntes docet — e na formação do carater dos primeiros habitantes.

Em 1610 os padres italianos José Cataldino e Simão Mazzetta, foram encumbidos de executar as ordens régias, emanadas pelo Governador e pelo Bispo de Assunção e fundaram as tres reduções na margem do Rio Paranapanema. Estas duas reduções tiveram grande preponderância na obra civilizadora chegando a rivalizar com as mais esplendorosas povoações do Paraguai. Nossa Senhora de Loreto foi, depois da Real Ciudad del Guaira e Vila Rica a terceira capital do Reino das Missões. Segundo o Padre Gay, o grande e culto jesuita Montoia escreveu sua obra magistral sobre a "Arte de la lengua Guarani" em Nossa Senhora de Loreto, livro que foi impresso na redução de Santa Maria, situada um pouco ao norte do Iguasú. Foi o primeiro livro impresso na América Latina. A segunda edição desse livro foi impressa em Madrid em 1640. Ali, portanto, nasceu a im-

prensa no novo Continente sul-americano. Nossa Senhora de Loreto, desfrutou uma era de fulgurante esplendor e, com S. Inácio e S. Pedro (situada na margem Paulista) representavam no século XVII as tres sentinelas avançadas do progresso no imenso sertão paranaense e paulista. (1)

A história dessas ruínas é um pouco obscura e extraordinariamente complicada. Os índios participavam na vida daquelas cidades em miniatura. Em nossa Senhora de Loreto, existia o "DUMPTUS" modelado com verdadeiro bom gosto, cujos vestígios foram, até poucos anos atrás, encontrados nos escombros das telhas e tijolos esparsos no meio de uma vegetação invadente. Eis o único documento que nada ilustra sob o ponto de vista arqueológico, a existência desta localidade.

Atravez do papiro os povos antigos nos deram a possibilidade de conhecer sua história e a síntese

(1) Em frente à barra do Ribeirão Santo Inácio existem tres ilhas e no canal entre estas e a margem paranaense, as aguas do rio correm em rápidos, conservando as beiradas livres de vasantes que geralmente constituem verdadeiros focos de malaria. Estas ilhas assentadas sobre camadas vermelhas de arenito Triássico, imprimem à paisagem um aspecto de beleza deslumbrante. Nas pedras notamos incisões gravadas com ponteiros de ferro. Estes sinais rupestres estão quasi apagados e sem nitidez, razão pela qual não conseguimos reproduzi-los. Devem ser de autoria dos selvicolas como os sinais nas *itacoatiaras* (pedras pintadas) encontradas na Amazonia.

de suas grandezas. Três séculos passaram-se e, talvez páginas inteiras de história pulsassem naquelas remotas localidades dominadas hoje pelo silêncio profundo da floresta.

Cairam as civilizações egípcias, assírias, gregas e romanas e surgiram desses escombros do passado outras formas de pensamentos e de ação; outras civilizações que tiveram, como as antigas, o trágico fim. Mas ao longe do Ivaí, do Paraná e Paranapanema, os restos esparsos, imensamente afastados do tempo, testemunham a existência de uma civilização brotada em alicerces latinos, em terras ainda hoje despovoadas.

O regime político dos jesuitas assentava sobre uma forma de Republica social cristã. Estabeleceram o sistema das lavouras coletivas, armazenando os produtos, para serem distribuidos aos membros da comunidade na proporção de suas necessidades. A propriedade ninguem a possuía como individuo. Como a organização era uma religião e a soberania divina, a propriedade partilhava deste duplo caracter. Estava posta já em pratica a teoria de Proudhon e Babeuf, os precursores do moderno Socialismo. Também a educação e alimentação das crianças dependiam da administração pública.

A maioria dos povos reduzidos à direção dos jesuitas era guarani, porem havia índios Camperos, Kaingangues, Cabeludos, Guaianazes, etc. Subiam a mais de 100.000 os índios aldeados por

ocasião do ataque dado pela bandeira de Manoel Preto e Antonio Raposo. Quando esta bandeira investiu sobre a Real Ciudad del Guaira, que era a capital do imenso Imperio Teocratico dos jesuitas, houve o êxodo e, todos se refugiaram nas reduções do Rio Paranapanema, para ficar, devido a distancia e dificuldade de comunicações, a salvo dos ataques dos paulistas. Daí, conforme o relato de Montoya (Conquista Espiritual) foram organizadas 700 jangadas e numerosas canoas desde a fóz do Pirapó até S. Inácio para transportar 12.000 indios para a região do Paraná e Uruguai. A bandeira ao atingir as reduções do Paranapanema, tendo-as encontradas abandonadas, destruíram tudo: Igreja, escola, casas, monasterio, etc. Agora não existe mais nada! A história porém dessa formidável empresa indo-cristã, constitue inegavelmente um capitulo brilhante, uma pagina de relevo e de brilho na ação civilizadora dos selvagens. Nada mais sobrevive dessa grandeza. Em N. S. de Loreto, encontramos alguns anos atrás, tijolos e pedaços de telhas, testemunhas fragmentarias das construções que ali existiam.

Esses acontecimentos históricos, mergulhados no Tempo, nos seduzem muito mais que os fatos ou crônicas da vida presente. O passado através de milhares e extranhas vicissitudes, encoberdo do tenue e doce véu de misterio e de poesia, fascina e encanta. O amor ao antigo, hoje, é uma febre e, devido a esse intenso amor ao passado,

foi talvez que o fulgurante e inspirado Flaubert reviveu, através das sublimes e encantadoras páginas de Salambó, as empolgantes civilizações cartaginezas e, nós, no meio de um materialismo triunfante, voltamos a olhar para essas ruínas, que são fontes perenes e serenas, onde paira a grandeza da historia.

## A EPOPEA DAS DIVISÕES DE TERRAS E FRACIONAMENTO DOS LATIFUNDIOS

No início da formação da civilização, a propriedade era considerada como um atributo divino, concedido aos homens: *domini et terra et plenitudo ejus*.

Mais tarde tornou-se um objeto da legislação civil que, nascida na ordem religiosa, foi incorporada, pela evolução dinâmica da sociedade, no direito civil.

Também aqui no Brasil, os primeiros títulos de propriedades, como prova de posse, eram consagrados na solenidade do registro mediante atos praticados por Sacerdotes, os quaes transcreviam os *jus in ré* em livros paroquiais.

Nos traços fundamentais da história econômica de Roma, no grande duelo travado entre a aristocracia e a plebe, o direito de propriedade foi golpeado nos seus profundos alicerces com a distribuição das terras feita por Sylla e Cesar. Quando o Imperio Romano chegou ao auge de seu esplendor, e as grandes obras do progresso se tornaram uma necessidade para a consolidação das

ditaduras, a desapropriação dos bens imóveis era exercida arbitrariamente de maneira mais ou menos despótica, para assegurar o bem comum à coletividade.

O processo da limitação dos direitos de propriedade, conquanto agora parcial e accessorio, é todavia evidente e contínuo. A prevalência, cada vez maior, dos direitos da coletividade, se torna, por evolução fatal, uma completa substituição pelo que respeita à propriedade territorial. No Brasil, o latifundio nunca foi o opressor dos trabalhadores rurais à maneira de certas nações do velho continente e, se ainda o latifundio existe, é devido ao fato de faltarem os compradores aos lotes de terras.

Na nossa zona desde os primeiros anos do descobrimento, os grandes latifundios sofreram uma profunda e radical transformação. Perderam a sua consistência granítica de grandeza e imensidade.

Em Campos Novos tornou-se o centro clássico que abrigou por muitos anos os destruidores da propriedade inculca territorial. Foi uma longa quadra de esplendor para sua vida comercial, cuja fama chegou a todos os recantos do Estado.

De toda parte acorria gente de diversas classes e condições para o então afamado centro de riqueza, um verdadeiro paraíso de negócios que seduzia e que encantava...

O meio social creou, entretanto, desde os primeiros tempos, uma figura que desfrutou grande notoriedade em materia de negocio de terras: o grileiro!

A posse facil de latifundios, gerava os falsificadores de titulos de dominio cujas vendas ultrapassavam a area geográfica da região numa proporção fantastica e assombrosa.

No assalto dado a uma terra, sem elemento nativo, sem gente, os aventureiros estranhos com capacidade de mando, souberam fazer-se senhores poderosos, levando vida nababesca com as fabulosas rendas de um pedaço de papel, forjado na casa do compadre chefe politico.

Os ângulos de convergências dos Rios Paranapanema e Paraná encerram, nas areas de seus setores, zonas uberrimas, capazes de abrigar vasta população no labirinto hidrográfico dos Rios Santo Anastacio e Peixe, cujo eixo é hoje representado pela opulenta faixa atravessada pela estrada de ferro Sorocabana, em que está erguido o monumento ao progresso com a extensa onda de cafezais.

Como vimos, toda esta imensa região pertenceu antigamente aos dois primitivos posseiros, José Theodoro de Souza e Francisco de Paula Moraes. Eles faziam vendas em papel particular de certa "agua" ou duma fazenda composta de "campo e mato" e, não havendo texto expresso proibindo a

assinatura a "rogo", todas as escrituras, outorgadas pelos primeiros posseiros analfabetos, traziam assinaturas de terceiras pessoas. Varias destas "terceiras pessoas" faziam vendas à revelia do proprietario, o qual geralmente ignorava por completo as amputações exercidas sobre suas propriedades.

O periodo de maior intensidade de vendas de terras foi de 1890 e 1891, por parte dos herdeiros dos primeiros ocupantes.

Naquela epoca distante da Vila de Campos Novos, apenas se conheciam os cursos do Rio Paranapanema e Paraná. Toda esta imensa mesopotâmia foi pela primeira vez reconhecida e fracionada pelos destemidos engenheiros, conquistando-o ao gentio em duros encontros. Somente três localidades constituíam pontos de progresso: Campos Novos, Platina (antigamente denominado de Saltinho) e Conceição de Monte Alegre. Daquella época em diante processou-se lento mas seguro o progresso económico, refluindo-se e irradiando-se para oeste numa marcha acelerada.

Tiveram início os processos das grandes divisões de terras que, mais tarde, com o avançamento da Estrada de Ferro Sorocabana deviam caracterizar uma nova epopéia. a epopéia magestosa do fracionamento dos imensos latifundios incultos. A Vila de Campos Novos teve seu apogeu de gloria quando foi centro das atividades profissionais dos engenheiros que ali residiam.

Em 1885, Nilo Deodati fez varios serviços topográficos no Rio Turvo, e tentou penetrar no Rio do Peixe, tendo sido repellido pelos indios coroados que, em numerosas tribus, habitavam toda a bacia daquele importante rio.

Em 1886 foi traçada a linha divisoria do grande imovel "Monte Alvão" que, partindo da cabeceira do Ribeirão S. Matheus, na atual fazenda de Maia e Guimaro (Quatá) seguiu até encontrar o Rio do Peixe.

Mais tarde em 1891 os engenheiros Nilo Deodati e Simão Levy, em companhia de Jacob Molitor, organizaram uma expedição para proceder ao levantamento de um trecho do Rio do Peixe, acima da barra do Ribeirão Panela. Os indios não deixaram levar a bom termo tal trabalho.

Dai teve inicio o movimento tendente a dividir o imenso latifundio e incorporar à civilização essa terra, estranha nos seus aspectos e avassaladora na sua grandeza.

Em 1893 fixou residencia em Campos Novos o Dr. Otto Meusser, formado na Alemanha em Filosofia e Letras. Rico de abundante cultura classica, mergulhou no vasto oceano da agrimensura. E emergiu vitorioso na divisão do imovel "Taquaral" e na abertura da estrada boiadeira entre os campos de Rancharia e o barranco do Rio Paraná. Morreu pobre e dizimado pelo álcool, tombando, numa noite de chuva, na beira de uma rua da cidade de Campos Novos.

A onda dos profissionais foi aumentando de volume. Vieram em levas fantásticas. O Dr. José Maria de Oliveira Roxo chegou em Campos Novos anteriormente ao ano de 1906, e fez as duas divisões "Jacutinga" e "S. Matheus".

Em 1907 veio em S. Cruz do Rio Pardo o dr. Julio Lucante que nasceu em 1869 no Departamento de Gers, na França. Fez muitos trabalhos na então Comarca de Campos Novos.

Contemporaneamente veio Francisco Teixeira de Carvalho, que dividiu a "Fazenda Grande dos Toledos", "Roseta", "Pouso Alegre", etc. Em 1909 foi crescendo de intensidade o numero de profissionais em procura da terra prometida.

Cito varios nomes com as homenagens devidas aos que imolaram suas existências no altar do progresso, na obra em que nada temiam e tudo defrontavam com uma coragem indômita, de uma grandeza Spartana.

Lacerda Franco Cayobi, Antonio Rebelo dos Santos, Emiliano Martins, Casimiro Masini, Guilherme Woss, Arthur, J. Piller, José Kreguer, Miguel Jappolucci, Godofredo Rios, Lars Swesson, Carlos Brown, Amarilio Ribeiro, José Ferraz da Rosa, Ermengardo Ferraz da Rosa, Fortunato Ciampolini, Alberto Amaral, Moreira Lima, Albino Kloker, Francisco de Salles Capinan, Felix Maria Cestari, Sebastião Pereira, Athayde de Andrade, João Argenta, Luiz Alberti, Reginaldo Doria,

João Carlos Ferraro, José Teixeira de Carvalho, Jayme Arruda, Eugenio Lacerda Franco, etc., foram esses homens os precursores do atual progresso.

Se alguém abrisse uma enquete para saber quais os homens que maior serviço têm prestado ao progresso desta nossa rica zona, a resposta seria unanime: os engenheiros e os agrimensores. E, com efeito, deve-se aos titânicos esforços desses profissionais a maravilhosa e empolgante transformação dos grandes feudos, em pequenas propriedades rurais, que constituem hoje o alicerce máximo da nossa riqueza e do nosso bem estar.

A justiça histórica não pode também esquecer o sacrifício e o esforço titânico empregados por obscuros e anônimos trabalhadores que se especializaram a prestar seu auxílio aos engenheiros nos vários e difíceis levantamentos topográficos. Essa classe de operários, quasi desaparecida, teve em toda a nossa zona uma etiqueta sonora, um nome que ecoava de comarca em comarca, como novos bandeirantes na penetração dos sertões.

Chamavam-se com o nome de "picadeiros". O barbarismo regional é muito expressivo. Os "picadeiros" eram os camaradas que abriam picadas, mas além disso eram os guias, os orientadores dos engenheiros na execução dos trabalhos geodésicos. Os engenheiros que vinham da cidade desconheciam completamente a floresta vir-

gem; não possuíam o sentido da orientação e não conheciam os mistérios da natureza ainda selvagem. Só os "picadeiros" possuíam uma orientação singular.

Geralmente os engenheiros transitavam os levantamentos nas picadas abertas por esses trabalhadores que, sem conhecer orografia, sabiam des-cortinar os espigões numa forma impecavel.

Em todas as cidades, cabeças de comarcas, existiam numerosas pensões cujo movimento principal era dado pelos trabalhadores empregados nas divisões e demarcações de terras. A nossa zona, por longos anos hospedou centenas e centenas de trabalhadores do mato. Alguns tornaram-se celebres. Pedro de Alcantara, vulgo Pedro Anastacio, foi um verdadeiro pioneiro. Em 1908 fez parte da Comissão Geográfica e Geológica na exploração do Rio Peixe. Foi muito apreciado pelos seus chefes. Tornou-se mais tarde o braço direito dos primeiros engenheiros que residiam na então Comarca de Campos Novos. Tendo o sol como bussola, discriminava os imóveis, com segurança e exatidão.

José Trigo, Marcolino Antonio, José Rodrigues, José Ferreira, Antonio Canguçu, João Hipólito, Joaquim Pimenta, Manoel Machado Rodrigues, José Fidelis, Antonio Nascimento, etc., foram os mais destemidos picadeiros que pisaram as nossas florestas e cujos nomes lembramos, para

prestar uma homenagem aos obscuros trabalhadores, que tão grande e valioso serviço prestaram à geografia regional.

A vida, dentro da mata espessa, parecia igual à idade da pedra, entre o infraglacial e post-glacial, quando o homem vivia nomade de caverna em caverna, alimentando-se de caça e pesca, e frutas silvestres. - Os nossos "picadeiros", em falta de cavernas dormiam debaixo das arvores, tendo como companhia e conforto uma fogueira, e como musica o rugido da onça vagante na obscuridade da noite, no meio da solidão da floresta milenária.

Estes verdadeiros heróis não tiveram como Aquiles e Ulisses um Homero, que imortalizasse seus atos; entretanto, realizaram um longo, paciente e admirável trabalho, feito de sacrificio, audácia e martírio, fonte do nosso progresso e origem da nossa opulência.

O trabalho feito no decurso de uma geração civilizadora, não pode ser esquecido, porque faz parte integrante da nossa história, e traduz um período mais marcante, mais característico e mais importante de uma mitologia, em que os heróis foram reais no Olimpo do trabalho e nas realizações humanas.

O fenómeno da fragmentação dos latifúndios, creou a zona "pioneira" da Alta Sorocabana. Nasceu o ciclo da policultura, que fez surgir novos

centros formigantes de gente forte e corajosa. Os terrenos valorizaram-se espantosamente; foram erguidas cidades e casas majestosas. E' obra florescente de um vintênio apenas, do que resultou o desenvolvimento assombroso, cuja manifestação edificante brota na vitalidade coletiva de um grande povo. A tragédia das ambições humanas criaram a força épica e permanente da civilização. Assim a terra despovoada, sem sociedade e sem vida social, tornou-se o maior empório agrícola do Estado.

## UMA CIDADE HISTÓRICA: CAMPOS NOVOS DO PARANAPANEMA

A Cidade de Campos Novos é a mais antiga do chamado "sertão do Paranapanema". É uma graciosa cidade que se estende numa doce declividade entre as bordas do Rio Novo e Corrego Barraca. O terreno em que surge a vetusta cidade foi doado em 1868 por José Teodoro de Souza por escritura lavrada em S. Domingos (Comarca de Agudos) e sob a invocação de S. José do Rio Novo. Distrito Policial em 24 de junho de 1878, elevada a Distrito de Paz em 13 de Abril de 1880, e a Município com a denominação de Campos Novos do Paranapanema, em 10 de março de 1885, e à categoria de Comarca em 1892, cuja sede, pela lei n. 1.630, foi transferida em dezembro de 1918 para Assis, cuja instalação foi solenemente feita em 15 de março de 1919.

Nos primeiros tempos tudo era tosco e pobre: casebres cobertos de sapé com paredes de pau a pique, ruas cheias de locos de arvores recém-abatidas, duas praças quasi invisíveis por estarem asfixiadas no meio do matagal que se alastrava in-

tensamente fora das linhas geometricas traçadas e que só um tosco cruzeiro indicava a existencia das mesmas.

Foi a tradição da zona. Foi a Terra Prometida de onde partiam os primeiros desbravadores pelo Nilo, representado pelo Rio Paranapanema, em busca das riquezas que jaziam inertes na imensa região que findava na fronteira do visinho Estado de Mato Grosso. Quando o elemento italiano afluía aos milhares, aqui chamados pelo Governo do Estado, provenientes de todos os cantos da península e se espalhavam ao longo da Paulista e Sorocabana, e nos vales do Triangulo Mineiro, chegaram em Campos Novos varios destes que muito contribuíram ao seu progresso. Na evolução demografica, mental e economica à colaboração do elemento italiano foi fundamental e decisiva. Em 1889, os membros da Comissão Militar, engenheiros Jerónimo Vilela Tavares e José da Silva Braga demarcaram as terras pertencentes ao Património, cuja area resultou de alg. 32,270. Dois anos depois o engenheiro Pinto da Silva Valle, elaborou o projeto da Vila e os membros da Camara Municipal consignaram na ata de 5 de maio de 1891 um voto de gratidão afim de agradecer e lembrar o nome daquele profissional. A cidade teve vida agitada desde a revolta de 1894 até as violentas campanhas políticas que convulsionaram por anos a fio a sua organização inter-

na, e prejudicando a sua expansão economica e cultural. A revolta, cujo epilogo se desdobrou na baía de Guanabara em março de 1894, durante a Presidencia do Dr. Bernardino de Campos, teve sua repercussão na longinqua Vila de Campos Novos. Para defender a fronteira com o visinho Estado do Paraná, em poder das forças revolucionarias, o Presidente do Estado enviou ao Dr. Rafael Sampaio, em Botucatú, fuzis em quantidade para armar os voluntarios que o Cel. Anacleto Pires reuniu em Avaré, e o Cel. Firmino Braga em Pirajú. Esses dois officiais da Guarda Nacional tinham ordem de reforçar a guarnição postada no setor entre Salto Grande e Fartura.

Em 30 de abril de 1894 o Cel. Francisco Sancho de Figueiredos officiou ao Major Lauro Lima Muller que "recciando que as nossas fronteiras soffressem o insulto da invasão do inimigo que se achava em Tibagi, cuja povoação havia aderido ao movimento revolucionario, organizava um batalhão de guardas nacionais voluntarios, para guardar as fronteiras do Tibagi e lá se foi um batalhão organizado em Campos Novos.

E Campos Novos teve seu batismo de sangue.

Em 1874 os indios coroados resolveram assaltar de surpresa a Vila para matar — como diziam os que presenciaram a cena — o posseiro José Teodoro de Souza. O cacique da tribu reuniu um poderoso contingente de indios, calculado mais

ou mênos em 1.000, que ficou escondido durante uma inteira noite, no meio de um capão de mato que, naquele tempo, rodeava o curso do pequeno corrego "Barracca". Ficaram ali os indios emboscados à espera do dia.

Entre as 9 e 10 horas uma escrava foi procurar um frango no meio de uma capoeirinha no fundo do quintal da casa de seu senhor, quando inopinadamente foi presa por um grupo de indios escondidos naquele lugar. A escrava emitiu gritos assustadores, tendo acorrido gente para ver o que teria acontecido. Era o primeiro domingo do mez e a população estava rezando, como de costume, ao pé do cruzeiro. Quando perceberam o perigo o incendio lavrou imediatamente pela pequena Vila. De todos os cantos acorreram homens e mulheres para a batalha. Era preciso desferir um golpe de força, e o embate foi violento. O formidavel tiroteio sacudiu a pacatez da Vila abalando a sua calma habitual. O povo viveu horas de labaredas. Nuvens de flechas escureceram o horizonte. No meio da luta surgiu uma mulher, verdadeiro tipo de Vesta, de nome Leopoldina Maria de Jesus, que tornou-se a heroína da épica jornada. Transportando arcabuzes, espingardas, garruchas e mosquetes e carregando as armas detonadas para ajudar os homens, deu exemplo vivo de força e entusiasmo, atijando o ardor da batalha com palavras de incitamento que lhe

crepitavam no fundo do coração. As palavras de Leopoldina davam a impressão de uma verdadeira descarga de fuzilaria. Esta legionaria ficou ferida por uma flecha. Apesar da superioridade formidável dos atacantes, a Vila resistiu. As duas horas da tarde os índios sobreviventes, estrondosamente derrotados nessa tentativa de conquista, fugiram, e a calma voltou de novo no seio pacato da povoação.

Percorrendo a sua história, encontramos a sua população sempre vibrando pela grandeza do Estado e, nas atas municipais, encontramos varios episodios que refletem, nas suas simplicidades, a vida patriarcal do saudoso tempo passado.

A primeira Ata da instalação e posse da nova Camara traz a data de 14 de janeiro de 1887, tendo sido nomeado Presidente o Rev. Padre Paulo de Maio.

Na quarta Ata consta um requerimento apresentado pelo cidadão Teodoro Botelho de Carvalho pedindo providencia sobre a destruição de uma roça em suas terras, sendo intimado José Pedro de Lima a retirar seus porcos e obrigado a indenizar o mal causado. A Camara deliberou mandar o fiscal e dois arbitros para que estes, "depois de prestarem juramento aos Santos Evangelhos, cumprissem o que a Lei manda".

A sexta Ata é mais saborosa e contem um fato picante de um humorismo sem igual. O vereador

Manoel Jacinto Marques levou ao conhecimento da mesa que "tendo havido grande destruição nas roças de milho pelos passaros de bico redondo, e como não ha no código de postura um artigo a esse respeito, pedê as providencias que o caso exige". Houve evidentemente ampla discussão sobre o assunto. Afinal, a Camara deliberou que "cada roceiro será obrigado a matar 25 passaros de bico redondo, e fazer a entrega dos bicos e, não cumprindo a ordem, incorrerá na multa de Rs. 5\$000.

Na 12.<sup>a</sup> Ata a Camara ordena ao fiscal de mandar limpar o rego dagua e, o que bulir no mesmo será multado de Rs. 5\$000 e 6 dias de cadeia".

Em sessão de 11 de agosto de 1887 o vereador Domingos Ursaia propoz a Camara que solicitasse do Presidente da Provincia o aumento de praças, não só por ser local central, como tambem por estar sujeito a ser assaltado (sic) pelos índios.

Na sessão de 5 de outubro de 1889 foi assinado um Officio dirigido à Camara de Tatuí pedindo esclarecimentos se "pode ou não lhe conceder para exercer a profissão de medico 'o Dr. João Maria Luzi, subdito italiano, naturalizado brasileiro, visto ter ele residido em nossa cidade de 6 para 7 anos".

Na sessão de 26 de abril de 1890 foi deliberado que fosse levantado um empréstimo de Rs. 200\$000 para fazer o matadouro, sob a responsabilidade direta da Intendencia.

Na sessão de 24 de agosto de 1890 foi proposto pelo cidadão Nicolau de Maio que a Intendencia officiasse ao Dr. Governador do Estado, Ministro da Agricultura e Dr. Pinheiro Machado, levando-os ao conhecimento dos assassinatos feitos pelos índios bravios e pedindo a catequese no município. Isto foi apóz a morte de Frei Mariano, quando a primeira catequese foi suspensa. Em 1891 houve uma sessão extraordinaria para dar posse ao Dr. Afonso Gonçalves Fraga, na qualidade de Juiz Municipal e de órfãos.

Neste mesmo ano densas nuvens se accumularam no horizonte politico do Estado. Em 3 de novembro, quando o marechal Deodoro da Fonseca deu o golpe de estado, o Dr. Americo Brasiliense manteve-se fiel ao governo ditatorial, tendo-se portanto incompatibilizado com a opinião publica e com os seus velhos amigos Prudente de Moraes, Campos Sales, Bernardino de Campos e Cerqueira Cesar. Houve em todo o Estado graves agitações politicas, em virtude das quais o Dr. Americo Brasiliense abandonou de surpresa o Governo nas mãos do major Sergio Tertuliano Castelo Branco, que o transferiu ao vice-presidente dr. José Alves de Cerqueira Cesar. A agitação e

a confusão que lavrava em todas as camadas politicas de S. Paulo teve seu éco e a sua repercussão em Campos Novos. Houve manifestações populares, discursos, e foi para tal fim, em 28 de dezembro de 1891, convocada uma sessão da Camara. Pelo presidente da Intendencia foi declarado, na abertura da sessão, que tendo já 'deferido juramento aos intendentes e demais autoridades aclamadas pelo povo", mandou que com urgencia se enviasse ao Governo do Estado copia da presente ata, officio de demissão do 1.º suplente do Juizo Municipal que resignou o cargo perante o povo, e mais copia dos papeis relativos ao movimento que aqui se operou para depor Americo Brasiliense, e autoridades que aderiram ao Governo Tiranico do mesmo e, em seguida, mandasse que se lavrasse na ata um voto de felicitações ao Estado e a Republica na pessoa do Dr. José Alves Cerqueira Cesar, Vice-Presidente do Estado do qual se espera secundando ação popular, aprovação do que aprovo em honra 'do atual governo". De todas as atas por nós examinadas e que existiam uns trinta anos atraz no arquivo da Prefeitura, só esta é que trata de assunto de politica estadual, pois as outras refletem apenas os acontecimentos da vida local.

Na sessão da Camara de 19 de janeiro de 1892, o Presidente propoz que fossem, pelo fiscal, avisados todos os cidadãos que tiverem criações dentro do Patrimonio, fazendo retirar 'ditas cria-

ções, deixando só uma vaca de leite de conformidade com o código em vigor.

No mesmo ano e, em sessão de 5 de abril, pelo Intendente foi dito que fosse intimado pelo secretario da Intendencia o cidadão Honorato de Macedo para comparecer perante a Intendencia afim de apresentar a carta que tem de solicitador para ser registrada no livro competente. Tendo-o intimado declarou que não tinha carta de solicitador e por essa razão deixava de comparecer.

Em 25 de agosto de 1892 a Vila foi elevada a categoria de Comarca. Grande júbilo reinou na povoação com tão auspiciosa noticia. Porem a instalação oficial verificou-se a 16 de fevereiro de 1893. Nessa ocasião foi convocada uma sessão solene da Camara para receber o primeiro Juiz de Direito na pessoa do Dr. José Baltazar de Abreu Cardoso Sodré. Antes da chegada do Juiz, nomeado por ato de 19 de dezembro de 1892, o Intendente mandou lavrar uma Ata contendo o compromisso pelo qual devia o primeiro magistrado prestar juramento de servir fielmente a justiça. Quando o Juiz entrou na sala da Camara foi saudado com discursos e recebido ao som do Hino Nacional. O secretario leu a Ata, e o Juiz ao ouvir o termo de compromisso, declarou que não podia asina-lo por haver prestado ao poder competente o juramento de estilo.

Infelizmente os livros preciosos, documentos, relatorios, mapas etc. que formavam uma coleta-

nea interessante de noticias, um manancial de informações fidedignas, sobre a vida primitiva do Municipio, foram queimados por estarem corroidos pelas traças e deteriorado pela ação do tempo. Com a criação da Comarca, uma nova vida resplandesceu na longinqua cidade sertaneja. Teve uma vida agitadíssima seja no campo politico, como no judiciario. Foi o fóco de irradiação para o oeste e, ali se foram superpondo varias camadas etnográficas, na concurrencia dramatica pela posse das terras.

Nos primeiros tempos á Comarca dominava a vasta extensão territorial desde o Ribeirão Coimbra até as barrancas dos rios Paranapanema e Paraná e o divisor Peixe-Paranapanema. Campos Novos concorreu para a criação e desenvolvimento de todas as cidades e municipios que se foram formando e separando.

Transcrevemos aqui os nomes dos Juizes que se sucederam em Campos Novos durante a existencia da Comarca. Teve ela como seu primeiro Juiz de Direito o dr. José Baltazar de Abreu Cardoso Sodré e, sucessivamente os drs.: João dos Santos Amazonas Pinto, Bernardino Peixoto de Campos, Joaquim Gomes Pinto, Francisco Cardoso Ribeiro, Renato de Toledo e Silva, Luiz Soares da Silveira, Lupercio da Rocha Lima, Josefino Fernandes da Silva, Teodomiro de Toledo Piza, Pacifico Gomes de Oliveira Lima e Vasco Joaquim Smith de Vasconcelos.

A justiça publica esteve representada por ordem e sucessão nas pessoas dos Promotores Publicos drs. Mario Pedro da Silva, Oiyaviano Silva, Tulio de Campos, Mario Aquiles Pereira de Barros, Joaquim Rodrigues Vilarés, Vicente Mamede de Freitas Junior, Renato Gonçalves de Oliveira, Manoel da Silva Carneiro e Thomaz Velney de Almeida. Muitos desses foram conduzidos ao Sinai de seus ideais, tendo galgados os elevados postos na Magistratura.

## UMA CIDADE PITORESCA: SALTO GRANDE

Salto Grande! Alegre e risonha cidade, um brejeiro sorriso da Natureza que um paisagista deverá escolher como objeto de suas telas. O panorama que depara o viandante ao chegar nesta linda cidade, pela estrada de ferro, é deslumbrante.

Entre campos e prados amenos, fechada na verde e breve cerca de suas colinas, alegrada em torno pelas aguas silenciosas dos rios: Paranapanema, Novo e Bugre, apresenta-se a pequena cidade, na sua fulgurante beleza natural, entre a paz e doçura de um logradouro realmente pitoresco. Suas ruas ressentindo o progresso da vida moderna, indicam entretanto, aqui e ali, algumas construções antiquadas, do tempo ainda da fundação. Do alto da cidade, volvendo o olhar para o ocidente, avista-se um panorama fantasticamente lindo: cônicos massiços e os gigantes cos cyclopes, atirados em direção ao ceu da terra paranaense, e cobertos de um manto verde-escuro, indicam, nas suas variedades de contornos, as ri-

quezas e os atrativos naturais daquele visinho Estado.

Em redor da cidade, abundam verdes pastagens, onde as palmeiras "babussú" se erguem magostas nos seus penachos de esmeralda, como coroas de flores ao panorama gentil.

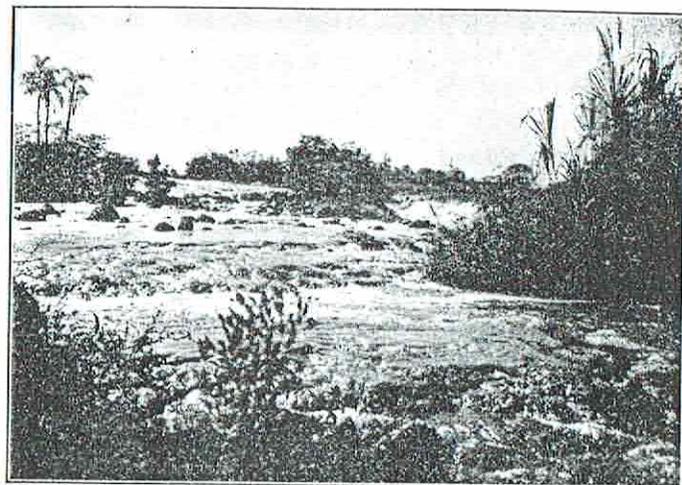
No centro de frente ao Paranapanema, uma linda praça, ergue-se bela Igreja dominada por uma grande torre central, rematando em cuspide, e representando o unico monumento religioso levantado por aquele povo.

Foi obra do Padre Caetano Catello. Nenhuma pintura desfarça a nudez das paredes, que na sua simplicidade, recortam o verde extravagante dos bosques visinhos.

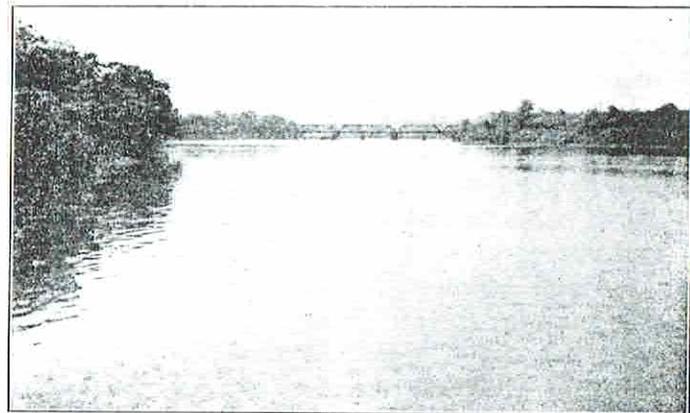
A cidade foi fundada em 1886 por Pedro Pocaí, homem de tempera excepcional que se estabeleceu nas margens do Paranapanema, rompendo com ardor e tenacidade, a opposição tenaz e inflexível opostas pelos indios.

Antes da entrada de Pedro Pocaí havia alguns ranchos cobertos de sapé que pareciam moradias provisórias de pescadores e caçadores.

Para medir as intimas energias do seu arrojo, convem voltar aos tempos passados, para melhor compreender a resistencia que teve de opôr às hostilidades de uma natureza insondável e cheia de perigos de toda sorte. Certo, o espetáculo pavoroso dos primeiros colonizadores da zona do Paranapanema, trucidados pelos indigenas — não



*Salto no rio Paranapanema (Salto Grande)*



*Rio Paranapanema*

intimidou o animo dos fortes — pode-se dizer mesmo dos rebeldes — que, nas aspirações ao futuro, nutriam de força e valor a linfa renovadora contra os revezes suportados. Pedro Pocai foi indiscutivelmente um homem de grande valor e forte coragem, intrepido, tenaz, carater rigido, fechado na sua ideia fixa, selvagem até a misantropia.

Com uma natureza ardente e impetuosa, perenemente animada dos hábitos carateristicos aos lutadores, fez conhecer no ambiente político daquele tempo o seu nome, todo aureolado pela ação que o levava a lutar, dando combate, ele mesmo, aos perturbadores da ordem que pululavam, para ofuscar o róseo horizonte de Salto Grande, no periodo do seu desenvolvimento.

Quando, numa feroz luta política, combatida anteriormente ao 1900, foi assassinado Antonio Molitor, Pedro Pocai, condenando o barbaro crime, trabalhou com denodo para restabelecer a ordem, ameaçada de uma revolta interna que ia precipitar a população numa verdadeira chacina e foi devido a sua atuação o rápido restabelecimento da ordem e da paz. Por um clássico amor, a Bruto, votado a esta terra, florescia a custa de enormes sacrificios, era Pedro Pocai de todos querido e respeitado. Chefe político até os ultimos momentos da vida, nenhuma facção ousou contestar-lhe este direito. Morreu no dia 8 de setembro de 1913. Conhecemo-lo pessoalmente, poucos mêm-

zes antes de seu falecimento, e, aquele vulto de linhas acentuadas e esculturais falava, com visível eloquencia, duma vida de lutas e de sacrificios. O povo, agradecido por tamanhos desvelos, rendeu-lhe homenagem, perpetuando-lhe o nome numa das ruas mais belas da cidade.

Em 1891 foi elevado a distrito de Paz, em 1911 a Municipio e, em 1923 a categoria de Comarca que foi depois transferida para Ourinhos. Em 1926 o Governo do Estado organizou uma comissão anti-malária, com uma turma de saneamento, afim de proceder à limpeza e drenagem dos terrenos marginaes ao Paranapanema, Novo e Bugre e, graças aos trabalhos feitos, desapareceram os casos de impaludismo, (endemia) que, no passado, muito obstou o progresso local.

Próximo à cidade corre tambem o caudaloso Rio Pardo. Imponente é a ponte metálica, composta de tres vãos de 20 metros, cada um. Foi projetada pelo dr. Joaquim Huet de Bacellar, então engenheiro chefe da Comissão do Prolongamento da Estrada de Ferro Sorocabana. Os encargos dos pilares são de cantaria e as vigas são de aço, tipo triangular e de estrado inferior. Esta bellissima obra de arte está cerca de 200 metros acima da confluencia do Rio Pardo com o Rio Paranapanema, e numa corredeira, oferecendo agradável panorama.

Do lado de montante ve-se o Rio Pardo, nas suas amplas curvas, e a jusante, um delta divi-

dindo a embocadura deste Rio em dois braços, e no fundo aparece as matas frondosas do Estado do Paraná.

A altura do taboleiro da ponte ao nível normal das agua é de 19 metros.

Ao fundo da cidade, corre melancólico e quieto o Rio Paranapanema, que a briza encrespa ligeiramente, e o sol prateia.

Este imenso Rio nasce na Serra do Mar e serve de divisa aos Estados do Paraná e S. Paulo. É um dos nomes mais completos e engenhosamente combinado para definir na lingua Tupi a verdadeira natureza do rio opulento em cascatas e curvas fortissimas de grande velocidade.

A um quilometro abaixo da cidade, existe uma cascata, a mais bela e a mais poderosa entre as outras do mesmo curso. Antigamente era conhecida com o nome de "Dourados".

A rocha negra de onde se precipitam as aguas é ponteaguda, e a torrente se fragmenta em varios sentidos, antes de refazer a sua linha de nível. É uma escada fantastica e as aguas caem com tamanha furia infernal, formando grandes ondas de espuma alvinitente encrespada pelo vento.

O rio brame pelo canal do Inferno, atravessando enormes massas de basaltos, escavados pelo intenso e ciclópico trabalho das aguas, que, nas suas vertiginosas e incansaveis correrias, criam e destroem!

Em redor da cascata deparamos verdejantes colinas, sobre as quais o sol espalha o tesouro imenso de suas carícias e beijos, produzindo reflexos caprichosos e fantasticos. Não se pode descrever sua beleza, porque não se encontram expressões ou mesmo pinceladas para reproduzir a grandeza e a magnificência desta extraordinária tela de tintas Tizianescas. Esta cachoeira constitui uma das mais promissoras riquezas da região noroeste do Estado, e será futuramente aproveitada, quando a industria suplantar a agricultura.

A beleza panorâmica de todo o conjunto que encerra a cidade de Salto Grande, possui inspirações que somente um artista poderá fixa-las na tela ou no verso. Na entrada da cidade, devia-se traçar a inscrição que existe num velho convento de Ravenna:

*O magna solitudo!*  
*O sola magnitudo!*

## IMPRESA

O primeiro órgão de publicidades que apareceu na nossa zona foi o "Correio do Serião" fundado aproximadamente em 1900 em Santa Cruz do Rio Pardo, por Antonio Galvão. Na galeria da imprensa do interior do Estado, ocupou aquele semanário um lugar reservado de distinção, pela sua atitude austera de critica moderna, e pelas reputações dos seus brilhantes colaboradores. Naquela folha colaboraram o Dr. Sebastião Pozzuoli, Dr. F. Engenio Martins Ribeiro, Luiz Otavio Bretas e Hilarindo Nogueira que assinava os artigos com o pseudonimo de Major José Caipira. Eram artigos destinados a despertar iniciativas proveitosas, estimulando energias, submetendo a uma critica elevada não só os atos administrativos locais, mas ainda os costumes e os vícios sociaes do povo. Foi o primeiro jornal que penetrou nos mais longinquos recantos do então sertão do Paranapanema.

Em Campos Novos, sede de Comarca desde o ano de 1892, a imprensa apareceu somente em 1910. O prelo chegou transportado em carro de boi, no meio da curiosidade geral.

Redatoriado pelo vibrante jornalista Dr. Amador Nogueira Cobra, saiu à luz a primeira folha "Campos Novos". Este jornal possuiu um estilo atraente com a colaboração de ilustres advogados que militavam no Foro da Comarca.

Tendo o proprietário da tipografia mudado de pensamento, político desapareceu o jornal que, em curto espaço de tempo ia-se impondo pela sua correção absoluta, reconhecida e proclamada por todos. Em 1912 fundou-se o periodico "O Paranapanema" sob a direção do sr. Nicanor da Silva Ribeiro. Trazia artigos de fundo bem elaborados com um noticiario desenvolvido. Esta folha foi uma das mais violentas que surgiram em nossa zona. Teve varios colaboradores entre os quaes lembramos os nomes já desaparecidos de Adolfo Rodrigues Dantas, Padre Ernesto B. Cangueiro, João Aurelio Cataldi, Dr. Brito de Araujo etc. O Dr. Brito foi o verbo inflamado daquêle convívio intelectual, que constituiu um dos capítulos mais interessantes na história dos costumes desse tempo. Médico talentoso, tornou-se um fecundo orador, e defendia causas no foro da Comarca, contrastando, com uma florida eloquência, grande numero de admiradores que glorificavam seu nome.

A mentalidade daquela época era rudimentar e intolerante. Houve derramamento de sangue, para resolver casos politicos que culminavam geralmente num cego fanatismo partidario, cujo

desfecho tragico foi o assassinato do Cel. Francisco Sancho de Figueiredo.

Naquêle periodo agitado pelas tremendas lutas politicas locais, em que reinava grande confusão no meio das paixões mais efervescentes, surgiu outro semanário "A Ordem", collocando-se ao lado do partido oposicionista chefiado pelo Dr. João Teixeira de Camargo. Liderando a opposição politica local, iniciou trovejantes polémicas que espalharam uma temperatura elevada no espirito calmo e pacifico do povo.

Os artigos polemicos versavam sobre os desatinos administrativos, com acusações sistematicas contra todos os atos da Prefeitura. Foi um momento de profunda convulsão em que a virulencia das correntes politicas e a violencia das paixões envenenavam a alma do povo, semeando intrigas e colhendo discordias. As polemicas vivazes entre os dois semanarios determinavam conflitos e espancamentos. A "Ordem" teve vida curta e, ambos morreram antes de 1919 quando foi transferida a sede da Comarca para Assis.

Sobre os escombros do "O Paranapanema" em 1917 apareceu o semanario "Folha de Campos Novos", que tambem teve curta vida. A primeira imprensa, portanto, floresceu em Santa Cruz do Rio Pardo e Campos Novos. Inegavelmente a ela coube a primazia das belas tradições de cultura. Ao lado do artigo polemico alinh-

vam-se as notas sociaes dos nascimentos, obitos e aniversarios.

Com o prolongamento da estrada de Ferro Sorocabana de Salto Grande a Presidente Epitacio, nasceram varias cidades e os pirralhos da imprensa surgiam e desapareciam com vertiginosa rapidez.

Como dissemos em 1919 foi transferida á sede da Comarca de Campos Novos para Assis. Em 1918 editado pela Casa Barros surgiu a "Cidade de Assis". Em 6 de novembro de 1921 veio á luz da publicidade o "Jornal de Assis" fundado pelo snr. Antonio de Barros e redatoriado pelo Dr. Jonatas Monteiro da Silva. Foram colaboradores os snrs. Paulo Botelho de Camargo, Torres Sobrinho, João Aurelio Cataldi etc. Em 1926 o jornal passou ás mãos do snr. José Nigro, que até hoje conserva a propriedade e direção. E' órgão de co-operação intelectual que abriga, dentro das mais larga tolerancia, todos os que por seus escritos, pesquisas e lucubrações, concorrem para derramar mais luzes em torno dos nossos mais palpitanes problemas da atualidade.

Tornou-se um dos veteranos da imprensa da Alta Sorocabana. Em 1918 foi reeditado em Salto Grande o semanario "Salto Grande" que sob a direção do dr. A. de Carvalho Franco e, sendo redator chefe o Dr. F. B. Maciel conseguiu alcançar um lugar de destaque na imprensa regional. Mais tarde foram transportadas para Palmital

as oficinas e o jornal, conservando as tradições de nobreza e dignidade, continuou suas publicações sob o titulo "O Palmital" já também desaparecido.

Em 1928 surgiu a primeira imprensa em Paraguassú. Sob a direção do dr. Fernando Pimentel e tendo como secretario o prof. Luiz Gonzaga de Camargo, saiu à luz o semanario literario e noticioso "Paraguassú". Era impresso na Tipografia Camargo, de Assis. No numero 20 de 6 de maio de 1928 está transcrita a copia da Ata da Sessão inaugural da instalação da Comarca, realizada com emocionantes festividades em 30 de abril daquele mesmo ano. Esta tentativa liquefez-se como a neve ao contacto dos raios solares. Teve porem um grande merecimento: a propaganda da criação da Comarca coroada de pleno exito. Neste mesmo ano, sob a direção do infatigavel dr. Fernando Pimentel e Cel. Antonio Nogueira, e com a gerencia do atual diretor, foi fundado "A Nova Comarca". Em 4 de agosto de 1929 o jornal ficou sob a direção exclusiva do snr. Mario Pacheco. Com a edição de 7 de dezembro de 1930 foi alterada sua denominação passando a ter o titudo "A Comarca". Desde sua fundação até a ultima fase a nau foi sempre conduzida com criterio e segurança. Sua atuação impulsionou o progresso da florescente cidade. E continua numa orientação inteligente, sua obra altamente patriótica, visando a grandeza da Co-

marca e a prosperidade da região. Teve infância risonha e mocidade calma e serena. Seu diretor, velho batalhador da imprensa sertaneja, tem trabalhado incansavelmente em defesa das aspirações do povo, num esforço admirável, digno de louvor.

Em junho de 1934, sob a direção do dr. Alessandro Salvador apareceu o semanario "O Paraguassú", que veio á luz sob a epigrafe "Orgam de Defeza dos interesses da Comarca". Foi proprietário o snr. Manoel A. de Oliveira. Foi um jornal de cor politica e de propaganda do Partido Constitucionalista. Teve curtissima vida e morreu com um ativo insignificante de uns 15 numeros. Surgiu em seguida sob a mesma direção outro semanario encimando o titulo pomposo "A Verdade". Passou ser o órgão official do Partido Constitucionalista. Viveu curta vida como seu antecessor. A interrupção das publicações do "O Paraguassú" foram determinadas pela venda da tipografia.

Tambem Conceição de Monte Alegre teve seus órgãos de imprensa. Em 1917 Temistocle Rocha Ramos fundou o semanario "O Monte Alegre" e, com a extranha denominação de "Matraca" publicou alguns numeros deste semanario humoristico de critica não só da politica local, mas tambem dos homens e dos acontecimentos sociaes.

Em abril de 1930 o snr. Alvaro F. Camargo Aranha fundou em Quatá a "Folha de Quatá" e,

em 24 de outubro de 1931 iniciou a publicação de uma revista com o titulo "Vida de Quatá" em substituição da "Folha". Em 17 de abril de 1934 o snr. Jerónimo Rogerio Tostes fundou, sempre em Quatá, o semanario "O Municipio", com artigos bem vasados e com largo e abundante noticiario, não só de cronicas locais como regionais. Jornal bem feito, teve porem uma vida curta á semelhança da "Folha de Quatá".

Em julho de 1933 reapareceu em Rancharia o "Imparcial" que vinha sendo publicado em Regente Feijó sob a direção de João Gomes de Oliveira.

Em fevereiro de 1934 sob a direção do Padre Antonio Cesar veio á luz em Maracahi o jornal "Lar Sertanejo" de propaganda católica. Em agosto de 1937 sob a direção dos snrs. A. P. Mello, Rev. Jonas Martins foi lançado á publicidade o semanario a "Voz de Ypé".

Relatando toda a imprensa da Alta Sorocabana precisaria escrever um volume inteiro dedicado a noticiar os inumeros jornais que nasceram, e que morreram, e os poucos que ainda vivem na estacada da luta.

Nobres tentativas que fracassaram, das quais restam apenas vagas lembranças. A imprensa é a mais poderosa arma do progresso, mas para a manutenção de um jornal é preciso sacrificio, coragem, pois o exito é sempre uma escalada e o triunfo uma ascensão sangrenta...

## O PRIMEIRO BANDEIRANTE: JOSÉ TEODORO DE SOUZA

O nome de José Teodoro de Souza se prende aos primeiros títulos jurídicos passados na região, ao povoamento e à descoberta de terras ignotas, que do Rio Pardo findavam-se numa brutal exuberância na vegetação até as margens do Danubio Brasileiro: O Rio Paraná.

Este intrepido pioneiro nasceu em Pouso Alegre no Estado de Minas, nos primórdios do século passado, aproximadamente de 1805 a 1815. Não temos a data certa de seu nascimento. Veio à zona do Paranapanema em 1855 e aspera lhe correu a vida na orla do imenso sertão.

Em 31 de maio de 1856 registrou na Paroquia de Botucatu a posse, na qual declarou que possuía todas as terras desde o Rio Turvo até frontear a barra do Rio Tibagi com o Rio Paranapanema, desde o ano 1847. Quando deixou sua cidade natal Pouso Alegre, trazia o plano traçado de ficar senhor de um imenso latifúndio, pois naquele tempo todo o oeste da Província de S. Paulo estava recoberto do véo do misterio.

Foi necessario declarar que tinha posse nas ditas terras desde o ano 1847 para ser considerado legítimo o ato de ocupação, em face da lei numero 601 de 1850, em virtude da qual tornavam-se nulas as ocupações de terras devolutas, por outro titulo que não fosse o de compra. Em 30 de janeiro de 1854 foi promulgado seu regulamento, pondo fim às apropriações de terras devolutas, tentando assim de salvar o patrimonio devoluto da Província. Eis o termo com que José Teodoro descreveu a posse: "Sou senhor de umas terras de cultura no lugar denominado Rio Turvo, distrito desta Vila de Botucatu e suas divisas são as seguintes: Principiando esta divisa no barranco do Rio Turvo, barra do correquinho da Porteira, divisando com os herdeiros e meeira de José Alves de Lima, e cercando as vertentes de quem direito for até encontrar terras de José da Cunha de tal até atravessar o Rio Pardo, por outro lado até o espigão que divide as vertentes do Paranapanema pelo espigão fora, com quem direito for, até cair no mesmo barranco do Paranapanema, por este abaixo até frontear a barra do Rio Tibagi, e daqui cercando as vertentes desta agua que se acha dentro deste circulo, até encontrar-se com terras de Francisco de Souza Ramos, daqui descendo até o barranco de S. João, por ele abaixo até sua barra no Turvo, por este acima até encontrar com a barra do "Correquinho da Porteira" donde foi principio e finda esta divisa. Cujas

terras assim divisadas e confrontadas as possuo por posses mansas e pacificas que fiz no anno de 1847 e nelas tenho morada habitual até o presente.

Por José Teodoro de Souza, Francisco das Chagas Moia. Apresentado aos 31 de Maio de 1856. Vigario Modesto Marques Teixeira”.

Dentro portanto do âmbito de sua posse assim adquirida, iniciou o desbravamento do sertão, fundando tres cidades: São Pedro do Turvo, Campos Novos e Conceição de Monte Alegre.

Quando saiu de Pouso Alegre, tomou o rumo de Botucatu, atingiu as vertentes do Rio Pardo, atravessou os campos de Lençoes e S. Domingos e chegou as margens do Rio Turvo, no lugar em que hoje surge a Vila de S. Pedro do Turvo. Talvez uma extranha contingencia geografica, colocou esta cidade na sala de espera, do anfiteatro que deparava-se envolto na onda do misterio, em sua frente. Ali ele construiu uma casa. Lavrou a madeira necessaria e, com serrote e um formão, sem o emprego de um só prego levantou a moradia perto do Turvo. Seu machado cantou alguns dias na mata onde havia abundancia de madeira de lei. Os caibros eram de pindaiba e as ripas eram tiradas dos coqueiros. Pronta a casa, facil tornou-se prove-la dos moveis necessarios. As camas feitas com cavaletes e as mesas com taboas pregadas em pernas roliças constituam o mobiliario do maior latifundista da então Provincia de S. Paulo. Dali rompeu pela selva

a dentro. Na barra do Corrego Barraca com o Rio Novo fundou uma nova Vila que denominou com o nome de S. José do Rio Novo. Foi o segundo ponto de apoio para seguir o roteiro para alem. Ergueu-se, na pálida desolação de uma natureza sem vida, pela primeira vez, à luz fulgurante do sol, a cruz do cristianismo.

Como tudo era liso sem tropeços topográficos, no meio de um panorama invejavel, a Vila tornou-se mais tarde um centro propulsor de progresso e de forte vitalidade.

Dali caminhou para oeste. Atravessou o Taquaral e Veado, e penetrou na região em que as aguas do Rio Capivara refrescam. Atravessou este rio, e chegando nas margens do Ribeirão Sapé, acampou e, repousando lançou a ideia de um novo arraial. Assim surgiu tambem Conceição de Monte Alegre.

No interior das terras infindaveis teve repetidos encontros com os indios, unicos senhores da região.

Ele fez como Romulo: chamou a si todos quantos quizessem povoar o posto avançado da civilização, enfrentar os indios agitados e ameaçadores e formar, ao mesmo tempo, o capital humano para a grandeza futura da nossa zona.

Trilhando continuamente o sertão, adquiriu perfeito conhecimento de toda a zona fechada entre o Paraná e Parauapanema, o que lhe serviu

para marcar com clareza as divisas dos imóveis vendidos, apesar de muitas delas fossem outorgadas por terceiros sem a sua autorização.

A sua generosidade, a sua caridade, e a sua bondade, souberam operar prodígios e realizar cousas admiráveis. Deu pão aos famintos, deu agasalho aos indigentes, deu remédios aos enfermos, e a todos deu a simpatia e o seu grande coração.

Era um perdulario de bondade; entretanto, para si, guardou apenas a mais extrema pobreza. Contam os velhos que, em troca de um escravo violeiro, deu o imóvel "Borda do Campo", situado proximo a atual cidade de Campos Novos, com uma area de 3.500 alq.

Era homem alegre e folgazão. Possuía um carater inatacavel e todas as transações feitas estavam revestidas de lisura e seriedade. Tinha nas veias o sangue do pioneiro, audaz, uma ancia de aventuras, a herança ancestral do desbravamento, a inclinação pelos cometimentos vastos e ariscados e nutria a esperança viva nos destinos do futuro. Escreveu com a ação rasgos alucinantes de arrojo, estrófes imortais de uma epopéia que marcou os destinos históricos da zona. Era seu desejo desbravar a zona, povoa-la, penetrar nos domínios dos índios como amigo, e não como conquistador.

Os índios o chamavam de Pae como chamavam de Pae-Pirá o grande bandeirante Antonio

Pires de Campos que, com apenas 14 anos de idade, tomou parte numa expedição que foi além da linha divisória entre o Amazona e o Prata.

João Mendes Junior, em seu livro "Os indígenas do Brasil" assim se exprime sobre a figura deste grande sertanejo: "Um dos maiores posseiros das regiões do Paranapanema, foi o sertanejo José Teodoro de Souza.

Em 1862 ele apareceu nesta Capital, seguido de alguns índios; e a seu respeito disse Joaquim Antonio Pinto Junior o seguinte: O cidadão José Teodoro é um homem de coração bem formado, que se tem constituido protetor dos índios, que lhe dão até o nome de pai; ele, a expensas suas, os conduziu a esta capital, para apresenta-los ao Governo; é ele que os auxilia em suas necessidades mais urgentes; é em sua fazenda que encontram todos os socorros; de uma modestia a toda prova, não faz ostentação de seus serviços".

Em todas as avançadas pelo sertão a dentro teve como companheiros Bernardino de Souza Ramos, João Manoel, Francisco de Souza Ramos e João da Silva Oliveira que foi indiscutivelmente o mais valente e arrojado de todos os companheiros.

Sua primeira mulher foi Francisca Leite da Silva, e, falecendo esta, casou-se em segundas nupcias com Ana Luiza de Jesus. Do primeiro consorcio nasceram José Teodoro de Souza Junior

(José Teodorinho) Maria Teodoro de Souza casada com Francisco de Paula Moraes, a mulher de Francisco Sabino de Souza e a mulher de José Inacio Pinto e de Josué Antonio Diniz. Do segundo casamento teve um só filho: José Luiz de Souza. Todas as transmissões de terras feitas dentro da imensa posse ficam assim discriminadas.

- A) por José Teodoro de Souza e sua primeira mulher.
- B) por José Teodoro de Souza, seus filhos e genros.
- C) por José Teodoro de Souza e sua segunda mulher, seus filhos e genros do primeiro matrimonio.

Como unicos vestigios dos primeiros passos, dados por este intrepido bandeirante do sertão, restam nos antigos cartorios (especialmente de Lenções, hoje Agudos) escrituras redigidas em extravagante grafia, num estilo pitoresco, com periodos grotescos de um idioma divorciado da gramática, escrituras geralmente outorgadas e assinadas por terceiros a rogo do posseiro.

Morreu pobre em Abril de 1875, numa manhã côr de opala, envolta num veu húmido de tristeza, sem um só amigo, sem uma voz consoladora, com a ausencia do sol bêlo e fecundo, que

em vida lhe inoculava a força e o ardor na penetração atravez do sertão desapiedado. Deixou viuva a segunda mulher e o filho José Luiz de Souza que nasceu apoz a morte do pai.

Da obra de José Teodoro de Souza, começou o arrojado labor de um povo conciente de sua alta missão civilizadora. Nas avançadas audazes pelo interior ignoto, para as regiões das florestas imensas, foi estabelecer a linha arterial por onde mais tarde se fez a circulação da riqueza.

Ele plantou, portanto, o marco inicial e a marcha continuou sem desfalecimentos, num rasgo assombroso, que traduziu em realidade exuberante os vaticinios do maior heroi da nossa zona.

A HERANÇA DE UM GRANDE LATI-  
FUNDISTA:

*FRANCISCO DE PAULA MORAES*

Em 19 de fevereiro de 1877 João Antonio de Moraes, vulgo João Beraldo, vendeu a Francisco de Paula Moraes, uma sorte de terras nas vertentes do Rio do Peixe, cujas divisas principiavam em frente as cabeceiras do Rio Capivara, e desciam poucas leguas rio do Peixe abaixo. Naquela época o Rio do Peixe era completamente desconhecido e, os antigos sertanistas pensavam que além do divisor das águas que vertem para o Paranapanema, corria apenas o Rio Tielé.

Este desconhecimento geográfico é patenteadado pelo Mapa precioso elaborado pelo Visconde Taunay e apenso á sua magistral obra "A Retirada da Laguna".

Francisco de Paula Moraes foi outro herói daquele tempo, e lançava-se aos feitos mais intrépidos numa ação tão arrojadada que parecia possuir um pouco de Ulisses da terra. Foi amigo e companheiro de José Teodoro de Souza e também

ele quiz tornar-se grande latifundista, visando a posse das terras que iam para além do divisor do Paranapanema.

Com João Beraldo, penetrou naquele imenso vale rodeado de rochedos que formavam paredões, penhascosos, e chegaram ao rio que pensavam que fosse um afluente do Aguapei ou Feio. Caminhavam dias e dias sem interrupção, parando ao cair do sol na beira de um correço e as vezes subiam numa árvore para abraçar maior extensão e descortinar o que aparecia na frente. Quando mal despontava a aurora, continuavam a viagem através daquela remota região. Tinham assim descoberto o novo curso que mais tarde tornou-se notável nas varias Comarcas da Alta Sorocabana pelas multiplas questões de terras que surgiram após o falecimento de Francisco de Paula Moraes.

Porem as terras eram devolutas e não podia delas se apossar e nem tampouco legitimá-las em virtude do Decreto de 1850 e respectivo regulamento de 1854, vedando ocupações por serem de propriedade exclusiva do Estado.

Achava-se portanto numa situação desfavorável. As altas florestas, a fertilidade assombrosa do solo acuiram o seu apetite.

Não desanimou perante o impossível!

Alegre e liberal deixava sempre atrás de sua passagem um rasto de larga simpatia. Alto, car-

regava uma barbicha semelhante às brochãs dos pintores de navios. Elasticamente agil como um macaco, na magreza peluda do corpo, o valoroso mineiro pensou dirigir-se a Corte.

Vestido com chapéu de couro, trabuco fincado no cinturão de couro de onça, levando fumo de rolo, o isqueiro de pedra e um saco de pas-soca feita com carne de porco, partiu em demanda da Capital do Imperio.

Em S. José do Rio Novo (hoje Campos Novos) cruzavam-se os comentarios.

Chegando á Capital, essa figura pitoresca de autentico sertanejo de vestes listradas, solicitou a tão ardentemente ambicionada audiencia do Imperador.

O grande Monarca, dadivoso e caritativo, benevolo e indulgente o recebeu com imenso prazer e profunda satisfação.

Este nosso heroi sertanejo, ao penetrar na suntuosidade do Paço Imperial, sem se embarçar, olhou apenas todo aquele novo mundo de frivolos palacianos, e ajoelhou-se perante a nobre figura do Magnanimo Imperador.

O salão Imperial, que a todos deslumbrava pelo inexcedivel luxo das tapeçarias, quadros, espelhos e trofeus, foi naquele momento, repleto de altos dignitarios, acorsos a ver o homem que vinha dos longinquos sertões do Paranapanema.

Não titubeou e, atravez os cortesões venceu as mais intrincadas e dificeis relutancias, chegou aos pés do Imperador e descreveu o Vale do Rio do Peixe e pediu que lhe fosse concedido o direito de posse. Todos os olhares se voltaram assim para o humilde mas franco sertanejo.

O Imperador nada podia fazer em favor do humilde mineiro pois a lei era clara e não podia ser derogada no interesse de um só. Então o Ministro da Agricultura chamado á Corte para dar seu parecer sobre o extranho pedido, propoz medir uma area de terras na bacia do Rio do Peixe por conta do Governo e adjudica-la ao petionario, ou este medir por sua conta a area descrita na escriptura de compra feita a João Beraldo, que mesmo assim alcançava varios milhares de alqueires.

Não convinha aceitar ditas propostas porque o desejo dele era de obter um grande latifundio, de proporções gigantescas, maior do que foi cedido ao seu amigo José Teodoro de Souza. Não desanimou perante o fracasso. Seu semblante exprimia varonilidade e moderação, e as terras estavam lá longe de qualquer intervenção governamental.

Regressou para S. José do Rio Novo. A sua chegada naquele tosco vilarejo colonial foi saudada com vivo entusiasmo. Ninguem se pode furtar à necessidade de ir visitar o grande ho-

mem e certificar-se em pessoa do fatal sucesso da viagem. Homens e velhos, negros e brancos, toda a variada e desigual população da Vila correu a abraçar o homem que vinha da Corte. Fizeram-lhe serenatas debaixo da janela. Houve folguedos.

Apezar de nada ter obtido sobre o dominio do Rio do Peixe o seu titulo valorizou-se na Bolsa dos avidos adquirentes e especuladores que acorriam para comprar areas imensas de terras.

Este heroi que não teve um Homero para posteriza-lo, morreu tragicamente assassinado em 1883 por Francisco Caputo. Deixou viuva Maria Teodora de Jesus, duas filhas casadas com Pedro Teodoro de Souza e Domiciano Luiz da Rosa, e um filho de nome José Carlos de Paula.

Em 22 de setembro de 1883 na Comarca de Santa Cruz do Rio Pardo foi iniciado o inventario dos bens deixados por Francisco de Paula Moraes.

O inventariante, Luiz Domiciano da Rosa inventariou sem o menor escrupulo, toda a bacia do Rio do Peixe desde a barra que faz no Rio denominado Alto Paraná até as suas ultimas cabeceiras, tudo avaliado por Rs. 110:000\$000. Toda esta bacia fluvial alcança uma area aproximada de 500.000 alqueires. Senhor de tão grande latifundio deixou em moveis, duas cangalhas, uma penela de ferro, um caldeirão, uma caçarola, seis

pratos, seis facas, seis garfos, uma canastra, um óculo de alcance desconcertado, um selim velho tudo avaliado por Rs. 72\$000. Todo o Rio do Peixe foi avaliado em tres lotes distintos, sendo o primeiro lote constituído pela Agua denominada Barboza, o segundo lote constituído pela Agua denominada Antas e o terceiro lote principiava na Agua denominada Pomba, -já vendida a Augusto Piedade, e findava na barra do Rio do Peixe com o Rio Paraná. O inventario foi julgado por sentença em Lenções em 12 de Abril de 1886, pelo M. Juiz de Direito da Comarca Dr. Joaquim Antonio do Amaral Gurgel.

Os herdeiros iniciaram logo a venda. O imenso latifundio recebeu golpes fataes.

Mais tarde na Comarca de Campos Novos, em preitos memoraveis foram divididas e demarcadas as areas vendidas e a bacia do Rio do Peixe começou perder seu aspecto misterioso, para dar vida a uma civilização florescente e, em pleno desenvolvimento.

Francisco de Paula Moraes viveu na primavera heroica da nossa zona, arrastado pelo vento de aventura. Foi com José Teodoro de Souza um dos embaixadores da presente civilização. A esse pitoresco varão do sertão deve-se numa arrojada ocupação de terras devolutas, a grandeza atual de toda a rica bacia do Rio do Peixe. O divisor Peixe-Parapanema que, atravessa de este para

oeste á região, é pontilhado de cidades e recoberto de uma agricultura pujante e majestosa.

De longe em longe nas cabeceiras dos afluentes do curso superior divisam-se profundas fendas, que os sertanejos denominam de "terreno abarancado". Estas fendas foram visadas por Francisco de Paula Moraes e lembravam os sulcos profundos, cujos cimos pareciam ter-se desmoronado como obstáculos poderosos, nas suas tentativas de conhecer de perto a sua preciosa riqueza latifundaria.

## UM FIDALGO NA FUNDAÇÃO DE CAMPOS NOVOS: *NICOLAU DE MAIO*

Quando José Teodoro de Souza realizou o reconhecimento da zona, ao chegar ás margens de um rio, que denominou "Rio Novo" pensou que a topografia se prestava maravilhosamente para fundar uma povoação, e mandou levantar no alto do campo um cruzeiro, como marco inicial.

Surgiu assim Campos Novos. Esta vetusta capital do ex-sertão ficou situada na barra do Barracas com o Rio Novo, sendo aquele pequeno afluente assim chamado porque em sua cabeceira esteve acampada a turma chefiada por José Teodoro.

Do Estado de Minas enveredaram para a nova Canaã nucleos seleccionados de povoadores, forte argamassa depositada no fundo do alicerce da primeira sociedade camposnovense, e que trouxeram, para o novo meio agreste, as sementes cheias de fé e de romantismo.

Registramos-lhes os nomes: Nicolau de Maio, Geraldo Gerdulo, Domingos Ursaia (cunhado de

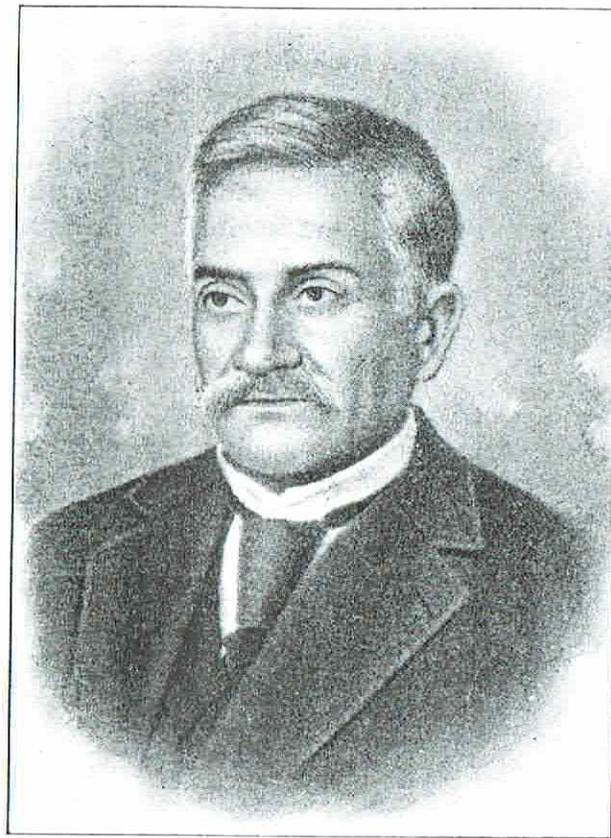
Nicolau de Maio) João Gizzi, José Vincente de Figueiredo, João da Silva Oliveira, etc.

Nicolau de Maio foi, indiscutivelmente a figura da mais alta e notável projeção no meio social de Campos Novos, e das mais eminentes de sua vida histórica e política, caracterizada pelo fulgor de espirito e dignidade civica.

Deixou traços inapagaveis de dignidade moral, e foi o maior esteio de seu progresso, tendo conservada intacta a fidalga hierarquia.

Consultando a celebre obra do Com. Crollanza sobre as familias nobres italianas (2.º volume folha 50) se encontra o nome da familia de Maio, que appareceu no horizonte histórico de Tramonti (Amalfi e Salerno) desde o tempo dos reis Svevi, como senhora de ricos feudos. Em 1565 teve a contee de Annone e, em 1718 o ducado de S. Pedro. Foi nobre em Napoles, durante o reinado do Principe Montanha, tendo tido ramificações políticas em Tramonti, Capua, Benevento e outras cidades da Italia Meridional.

João de Maio foi presidente da Real Corte de Somaria em 1402. Outro João de Maio teve o titulo de Barão em 1813. Martino de Maio foi Bispo de Bisaccia e Bisceglie em 1494. Esta familia de fina linhagem teve entrelaçamentos com a Casa Anjou, senhora do antigo condado e ducado de França. Tal ligação foi realizada após o ano de 1266, quando Carlos de Anjou fez com os Angevinos a conquista das duas Sicilias. Após



*O fundador de Campos Novos: Nicolau de Maio*

o ano de 1480 os príncipes Francezes de sangue real traziam o título de Duques de Anjou. Nicolau de Maio, descendente directo desta familia historica, nasceu em Bosco, provincia de Salerno (Italia) em 1834. Depois de ter feito o curso ginasial, veio ao Brasil em 1869, estabelecendo-se em Saprecado, no Estado de Minas.

Quando José Teodoro levantou o cruzeiro para a fundação de Campos Novos, este austero italiano e brasileiro adotivo veio para a nova terra, em 1873, desdobrando-se em esforços consideraveis para acelerar seu progresso e sua grandeza. Faleceu á 11 de junho de 1918.

Neste longinquo recanto do planalto piratingano, o irmão de Nicolau de Maio, Padre Paulo, foi o primeiro Vigario da Paroquia e Nicolau de Maio Sobrinho da mesma familia, ocupou cargos publicos, seja no tempo do Imperio como no regime republicano.

Nicolau de Maio dedicou seu extremado zelo pelos sagrados interesses da causa publica, tendo trabalhado com fé e sem desfalecimento para fazer de Campos Novos uma cidade modelo.

Alistado por um nobre sentimento de tradição herdada, as novas correntes que propunham á abolição da escravatura, empreendeu vigorosa campanha e foi um astro que projetou um feixo de luz nos primeiros clarões anunciantes do fatidico dia 13 de Maio de 1888.

Foi prefeito municipal e a sua gestão foi de um brilhantismo invulgar pelos melhoramentos introduzidos na engrenagem administrativa. A sua personalidade foi acima do nível comum. Quando a política quebrou a paz, e a tranquilidade da pequena cidade, e a intriga imperava traiçoeira e covarde e eram exercidas vinganças mesquinhas, que traziam a população em continuos sobresaltos, a figura deste varão pairava acima de todas as tempestades e, como S. Francisco de Assis semeava o amor e a paz no seio da família camposnovense. Era nobre em tudo: na política como na vida particular. Contribuiu muito a aumentar o poder demografico da cidade chamando pessoas de fora, favorecendo todos os que desejassem fixar residencia no lugar. Assim a onda do trabalho vinda ainda de além oceano desempenhou papel relevante para o progresso economico e social de Campos Novos. Ali encontravam, com a frescura das aureas do Rio Novo, os ares sadios das campinas, não só o perfume da sincera e acolhedora hospitalidade, mas um campo vasto e fecundo de paz, trabalho e tranquilidade. (1)

(1) Uma forte corrente de imigrantes italianos se estabeleceu ali: Nicolau de Maio Sobrinho, André, Anselmo e João Giannasi, Domingos Ursaia, Basilio, Hilario, Florindo e Eugenio Bonini, Jacomo e Benedicto Ricci, Domingos Grisolia, Paulo Capannacci, José, Angelo e Augusto Bertencini, Francisco de Vecchi, Alexandre Mesturini, Raphael de Giovanni, Emilio Ghilardi, Emi-



*Padre Paulo de Maio — I.º Vigário  
de Campos Novos*

O tempo, que arrasta a nossa geração na descida parabólica da vida, deixa nas coisas mortas uma cor indefinível e indestrutível. Campos Novos, que hoje dorme numa imovel serenidade no plano batido de ares puros e alegres, representa para a nossa zona o Museu Histórico dos fatos e acontecimentos, que a aza fatal do tempo velou de uma neblina impenetrável aos pesquisadores das coisas mortas.

Mas a "Magna parens terra est" de Ovidio, lá esta ainda de pé, como foco, para iluminar com a grandeza do passado a esperança do futuro! E o nome de Nicoláu de Maio, ao par do de José Teodoro de Souza, ficará imortal no Panteon da Grandeza do passado, como um dos maiores artifices da opulência da antiga Vila de S. José do Rio Novo.

---

lio Contrucci, Angelo Nicolosi, Onofre la Selva, Dr. Casimiro Masini, Dr. Miguel Jappolucci, Dr. João Aurelio Cataldi, Pasqual Cataldi, Emilio Cinelli, Francisco Grilli, Geraldo Gerdulo, Francisco Gizzi, Affonso Tozzi, Balthazar Lorenzetto, Falchi, Gattai, Musetti etc., que foram expressões típicas de um trabalho viajante e proteiforme na esfera das concepções construtivas.

AS VÍTIMAS DO PROGRESSO:  
*MANOEL PEREIRA ALVIM*

Os primitivos povoadores da região escreveram paginas fulgurantes de heroismos, nas suas tremendas e gigantescas lutas contra os elementos hostis da natureza. O homem integrou-se na rizeja da floresta, combateu e venceu, e como novo heroi Spartano, criou o culto da terra, com uma nota de suavissimo enlevo e doce melancolia:  
*Magna res est amor!*

u

Houve triunfadores e vencidos, houve herois e mártires, houve quem derramou sangue na superficie da terra generosa, para levantar a esttua do progresso numa região ainda selvagem. Foram homens destemidos, cujos nomes deviam figurar "ad perpetuam memoriam" no grande livro dos herois regionais.

Em 1871 José Antonio Paiva e Manoel Pereira Alvim adquiriram, de José Teodoro de Souza, o imovel denominado S. Mateus, por escritura publica, no Cartorio de S. Domingos, pequena Vila que se erguia a pouca distancia de Lenções.

Proprietarios desse grande imovel, situado hoje na Comarca de Paraguassú, fixaram suas moradios nas margens do Ribeirão, em cabanas cobertas com taboinhas e fechadas com paus roliços entrelaçados e endurecidos por meio de barro. Foi o concreto armado usado pelos primitivos povoadores do sertão. No meio de perigos e aventuras trouxeram do Estado de Minas alguns escravos e varias familias de agricultores, desejosos de povoar o imenso e desconhecido sertão que constituia a posse do grande Teodoro. Ai plantaram o primeiro rancho, e tranquila começou a nova vida na nova terra. Era o tempo em que a miragem do café continuava a realizar o seu designio fulgurante, e fôra este o sonho que tangeria varios agricultores a romper as asperas solidões sertanejas.

Manoel Pereira Alvim, figura de autentico "bandeirante", estabeleceu-se nas margens do córrego denominado "Bugio", uma das cabeceiras do Ribeirão de S. Mateus. Iniciou logo a plantação de dois mil pés de café, no lugar certo em que hoje surge a lavoura florescente do illustre dr. Leonidas Arantes Barreto, cuja Fazenda chamava-se "Serra Preta".

Como na zona não havia nenhuma plantação de café, ele trouxe as sementes da Fazenda do Comendador Cardia, situada no porto de Lenções, que era o lugar frequentado pelos sertanejos na epoca do desbravamento e povoamento.

Mas uma terrível surpresa estava reservada ao forte desbravador. Era o mês de agosto de 1887. Manhã de sertão calma e alegre. Rústico levantar do sol com suas pinceladas nos morros que rodeavam o curso tortuoso do Ribeirão S. Mateus. Época de colheita de café. Quando a luz branca e suavíssima da aurora começava distender, no largo horizonte, os primeiros clarões, o genro de Manoel Pereira Alvim com mais pessoas saíram de casa rumando para o cafezal afim de colher o café. O pessoal começou o trabalho com a máxima tranquilidade. Mais tarde, Manoel Pereira Alvim, montou a cavalo e foi ajudar os camaradas na tarefa designada. Ao chegar na lavoura amarrou o burro numa toceira de capim e, caminhando em direção ao ponto onde estavam os demais companheiros, atirou num veado que ia passando por perto de seu genro Antonio Luiz Ferreira.

O cafezal estava rodeado de mata virgem, que estendia-se sem caminho até o Rio do Peixe.

Os índios coroados, escondidos na mata es-  
pessa, dando berros medonhos, se precipitaram sobre os pobres trabalhadores, numa tremenda e lugubre carnificina, desferindo-lhes formidáveis pancadas. Corpulentos, musculosos, todos eles estavam nus. Empunhavam o típico arco e traziam feixos de flexas. Outros estavam armados com grossos pedaços de páus. Descarregaram todo o

peso da colera sobre os desventurados trabalhadores. O massacre foi hediondo. Cairam banhados em sangue Manoel Pereira Alvim, seu genro e a mulata Luiza, escrava e cosinheira na roça.

O velho preto Manoel Leitão escondeu-se logo em baixo de um frondoso cafeeiro, próximo a uma peroba derrubada, podendo assim presenciar a lugubre cena de barbarie dos terríveis assaltantes que, cortando a solidão tranquila da remota paragem do bosque, emitiam gritos assustadores ao praticar o hediondo crime.

Manoel Pereira Alvim, alto, magro, rosto pálido, fazendo um esforço susteve-se firme, mas caiu no chão banhado com largas manchas de sangue. Seu cadaver foi picado aos pedaços e seu corpo mutilado foi enterrado com falta de um braço. Amputaram o dedo anular de Luiza para tirar-lhe o anel e introduziram-lhe pela parte pubenda um grosso pau dos que costumavam-se servir para o ataque corpo a corpo, tanto que o mesmo saiu pela garganta a fora, tendo servido como leva para ser transportado seu corpo moído e espedaçado para sua casa, situada nos campos que se estendiam, numa serena placidez, pouco além do lugar da terrível chacina. Os selvagens, no tripudio da tragedia, cortaram a cabeça de Antonio Luiz Ferreira, e a levaram, muito provavelmente á aldeia, como trofeu de vitoria.

Os demais trabalhadores e escravos de Manoel Pereira Alvim; Zeferino Quirino, João Mulato e Francisco dos Santos, fugiram, visto tornar-se impossível organizar um contra ataque para vingar a morte dos infelizes companheiros.

Só Manoel Leitão presenciou tudo, e depois que os índios dispersaram-se jubilosos em demanda da mata, saiu do esconderijo e, passando pela moita de capim, encontrou o burro de sela de seu patrão com tres flechas cravadas pelo corpo e tentou leva-lo para a casa, mas morreu na estrada do campo.

Já o sol ia baixando, desaparecendo lentamente no ocaso, irradiando sobre as pontas dos cafezaes reverberos opalinos e pinceladas de fogo, quando Manoel Leitão, chegou á casa da familia da vitima. A tarde estava sumamente linda, Convocados de pressa os homens da visinhança resolveram ir de encontro aos pobres mortos, tão tragicamente massacrados. Por um trilho mal traçado, margeado de extensos matagaes, sob feixes prateados da lua, trouxeram os corpos mutilados para a casa. Rude e triste página do drama!

No dia seguinte foram carregados e conduzidos para o Cemiterio de Conceição de Monte Alegre, no âmago da terra devoradora.

De traz dos espigões os raios do sol doiravam os campos verdes e floridos. Os sinos da Capela emudeceram. O povo prestou um comovente

tributo de veneração as almas que tombaram no campo do trabalho.

Aqueles corpos varados por flechas, e levados para o fundo do tumulo, representam o funesto episodio da abertura do sertão, e os posterios devem venerar a memoria destes Titans, que souberam gravar em sulcos profundos os capitulos luminosos da nossa história sertaneja.

UM GRANDE PRECURSOR DO  
PROGRESSO:

*COMM. JOSÉ GIORGI*

Conheci José Giorgi, numa tarde de Setembro em seu escritório de Salto Grande, na plenitude do trabalho, no início das obras da construção do prolongamento da Estrada de Ferro Sorocabana, até a barranca do Rio Paraná. A primeira impressão que tive foi de um homem de ação e de batalha.

Para traçar os contornos vagos de sua vida intensa, precisa refazer uma longa estrada percorrida de há muitos anos. Passaram-se trinta anos de meu primeiro encontro com esse Titan do trabalho, que a sua figura majestosa está ainda na minha frente. Vivemos muito perto e muito juntos. Muitas vezes divergimos, mas durante os longos dezoito anos em que prestei meu auxílio à poderosa Empresa que ele organizou vim a conhecê-lo intimamente, e posso dizer que não conheci seu igual: na sua dinâmica pessoa nunca se formaram precipitados que, submetidos a fortes



reações, não deixassem como residuo uma materia transparente e cristalina.

A sua personalidade de nitidos recortes, por muitos anos projetou na região do Paranapanema um raio deslumbrador quando ainda a zona estava imersa na onda magica dos mais profundos dos misterios: o misterio do incognito e do desconhecido! Foi aqui que ele simbolizou a sua energia de aço, os seus impulsos indomaveis e a firmeza de um carater retilineo, integralmente plasmado num poligono de nobreza moral, factores esses sobre os quaes alicerceou os mais ambitos triunfos na ampla construção do progresso. Como o mar a sua ação tinha a vastidão e as ondulações. Ele trouxe em nossa zona, como bagagem as características dos grandes pioneiros e triunfadores; uma vontade ferrea de lutar para vencer, o brilho de ancestralidade digna e, sobretudo um amor à terra onde se expandiu o seu trabalho de edificação economica. Em 1912 deu inicio ao grande ramal Salto Grande-Presidente Epitácio.

A estação de Salto Grande foi inaugurada em 12 de outubro de 1909, sendo Presidente do Estado o saudoso e ilustre Dr. Manoel Joaquim de Albuquerque Lins.

A construção foi dada á José Giorgi e desde então sua atividade multiplicou-se, realçando inconfundivelmente os seus elevados tributos de organizador e de homem de ação. Iniciou o serviço,

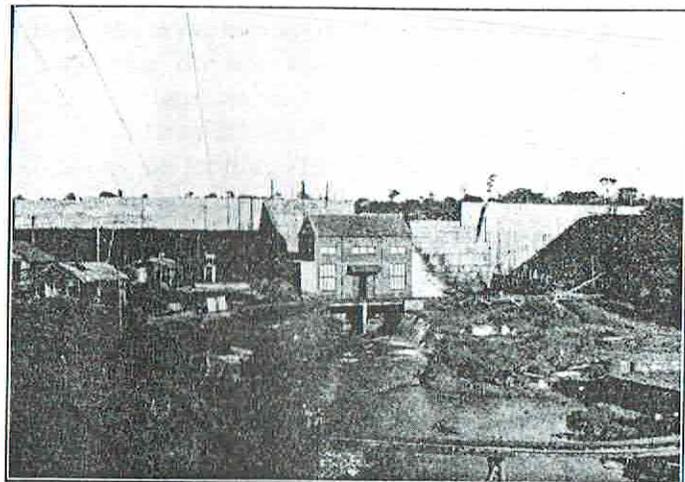
armou os acampamentos, abriu estradas auxiliares para o transporte do material, instalou a linha telefônica, levantou hospitaes na zona dos trabalhos e milhares e milhares de operarios abriram luta, contra a mata inhospita e selvagem.

Eu ainda vejo, no cinema das memorias, o duelo gigantesco travado entre o homem e a natureza; ainda vejo os esforços do Titan formando exercitos de homens, armados com os instrumentos do trabalho, romper as densas florestas e estender na faixa derrubada as fitas de aço de uma civilização que ia rumando em direção ao por do Sol.

Na vastidão remota de um grandioso conjunto vegetal, no silencio imperturbavel da floresta virgem, viviam seres humanos ocupados a levantar o grande monumento ao Trabalho, implantando os germes de um progresso que não tardou á chegar e que se afirmou na plenitude de suas forças construtivas, porque devorou a tragedia de milhares de imigrantes atraídos na nova Canaã pela força magnetica de uma riqueza inegalavel.

O que avultou ainda mais, na obra de José Giorgi foi, ao lado de sua grande expereincia, ter tido um otimismo que nunca esmoreceu.

Durante a conflagração Europea (1914-1918) o Governo do Estado, para a economia dos seus orçamentos, propoz a paralização dos trabalhos, mas José Giorgi não aceitou a proposta e conti-



*Usina do Pará 15/6/1938*

nuou com tenacidade o arrojo incançável a aspera tarefa até completar o programa iniciado. Em 1916, em Cardoso de Almeida, instalou num belo e elegante palacete, sua banda de trabalho. Ali, ele fez prodígios de fecundas realizações. Recebia inúmeras cartas e telegramas. Lia-os todos. Lia, anotava, e respondia. Havia em quasi todos os papeis do seu arquivo o vestigio forte do seu lapis. Algumas vezes eram notas concisas e energicas; outras frases delicadas misturadas á exclamações de ironia. Em todas elas notava-se o espirito de ação do homem de luta e de força, que foram as armas com as quaes venceu na vida.

Os trabalhos do prolongamento da estrada foram acompanhados pelas volumosas correntes de colonização. Com ingentes esforços, os desbravadores da nova zona, iam-se instalando nas terras adquiridas. Assim, á medida que peneirava a estrada de ferro, iam-se povoando rapidamente as suas margens, de modo que, dentro em breve, os sacrificios da construção eram compensados fartamente por um grande volume de transporte de passageiros e mercadorias.

Surgiram portanto varias cidades, celulas de progresso material e intelectual; nasceu do zero das matas os focos de uma civilização opulenta, que glorifica hoje a grandeza do Estado. Eis, aí, o primeiro ato deste arrojado construtor colaborando, no empreendimento heroico, pois vibrava-lhe na alma irrequieta a corda sensível do Pro-

gresso Nacional, embora embrionário que fosse. Completou assim o grande quadro em que ficam traçadas as linhas da Sorocabana, que fundada em 1869 por Maylaski com um mísero capital inicial, alcançou hoje o poderio das melhores estradas Brasileiras.

\* \* \*

A missão de José Giurgi, entretanto não terminou no ponto final da Estrada de Ferro Sorocabana, ele não se repousou nas encostas e nos sopés, mas continuou o caminho traçado para alcançar o cume da montanha, criando as formidáveis células do progresso nas margens da linha ferrea.

Demonstrou assim que a sua missão de esteio, de coluna mestre do progresso devia continuar para fecundar novas glebas e cultivar imensas possessões recobertas de matas virgens.

Na estação de Cardoso de Almeida, traçou o plano para fundar uma cidade moderna com a construção de uma Igreja de elegante estilo Renascença. Se a cidade projetada ficou apenas no papel, outras manifestações se seguiram com grandiosidade de conceitos e com a opulência de uma estrutura artisticamente genial.

A indústria Vitícola Enológica tomou um soberbo desenvolvimento, com produtos não inferiores aos afamados produzidos nas regiões suli-

nas do Paiz. Fatores estranhos á vontade de seu fundador, determinaram a paralização das indústrias do vinho, mas permanece, como testemunho de tamanha grandeza, um imenso pomar, rico das melhores qualidades de uvas nacionais e estrangeiras.

Em 1921 quando S. A. Real, o Príncipe Aimone de Savoia, visitou o Estado de S. Paulo e a nossa região, antes que fosse incorporada á civilização, teve elogios sinceros pelo empreendimento de vulto realizado em Cardoso de Almeida. Em 1917 iniciou a primeira plantação de café na Fazenda Santa Lina, definida com justa razão á perola da Alta Sorocabana. Com um gesto de fé absoluta lançou o molde da maior fazenda de café, uma expressão pura e eloquente das grandes organizações modernas. Em 18 de junho de 1924, S. Excia. o General Pedro Badoglio quando visitou algumas cidades da Alta Sorocabana, mostrou-se entusiasmado pela grandiosidade da Fazenda e declarou levar grata e profunda recordação.

Fundou a Empreza de Eletricidade Vale do Paranapanema. Sob esta denominação reúne-se uma vasta rede de distribuição elétrica a varias cidades situadas no trecho da Estrada de Ferro Sorocabana entre Salto Grande e Rancharia. *Non verba, sed acta*, foi o lema sagrado esculpido no frontespicio da Empreza ao levantar este novo edificio massiço de largas proporções.

O primeiro contrato de privilegio foi lavrado com a Prefeitura de Assis, em 22 de janeiro de 1920, e 24 de fevereiro do mesmo ano.

Quem conheceu a nossa zona há 23 anos passados, ainda se lembra um solo enrugado pelas asperezas vivas de uma natureza abruta, atravez de distancias incomensuraveis e de obstaculos sem conta, num meio geográfico em que a pujança gigantesca das matas heterogêneas e a grandiosidade magestática dos rios encachoeirados não davam coragem para crear uma industria elétrica, possivel só num ambiente desenvolvido e suficientemente povoado.

Em julho de 1924 foi inaugurada a iluminação de Salto Grande, em pleno periodo revolucionario.

Em 22 de junho do mesmo ano á presença de S. E. Embaixador Pedro Badoglio foi solenemente inaugurada a iluminação publica e particular de Conceição de Monte Alegre e Paraguassú, sendo prefeito municipal o velho sertanejo Cap. Viriato Olimpio de Oliveira.

Paraguassú naquele ano era uma modesta fração do ex-poderoso municipio de Conceição de Monte Alegre, composto de alguns casebres esparsos em desordem, no verde sossegado campo banhado pelo pitoresco e cristalino Ribeirão Alegre. Em 12 de junho de 1926 foi inaugurada a iluminação na cidade de Palmital. Em 25 de Março de 1928 foi inaugurada a iluminação de Quatá,

sendo prefeito o destacado e clinico dr. José Pires de Almeida. Em 15 de Abril de 1933 e, em 27 de agosto de 1934 foi inaugurada a iluminação de Caramuru, (antigo Sapezal) e Pau d'Alho, pertencendo o primeiro ao municipio de Paraguassú e o segundo ao de Salto Grande. Em seguida foram inauguradas as instalações em Rancharia, Maracaí, Roseta, Tupan, esta ultima situada na Estrada de Ferro da Companhia Paulista.

Todas estas cidades estão ligadas por linhas de alta tensão (35.000 volts) á Uzina hidro-elétrica que urge no Rio Pari, á poucos quilometros distante da Vila de Sussui.

E' uma obra de envergadura, tanto pela grandiosidade da concepção, quanto pelas vantagens sem conta que trouxeram á expansão de todas as ferças vivas de nossas industrias.

Alem desta Empreza fundou a "Empreza de Eletricidade Sul Paulista" que fornece força e luz á cidade de Itapetininga e S. Miguel Arcanjo.

Em largos traços vamos resumir os trabalhos executados no periodo de uma longa existencia.

- 1890-91-92. Construção de um trecho na linha Botucatu-Avaré.
- 1892-93. Construção de um trecho no Ramal de Itararé.
- 1894-95. Construção de um trecho da Estrada de Ferro denominada Braço Sul do Espirito Santo, hoje pertencente á Companhia Leopoldina que, partindo de Vitoria, capital do

- Estado de Espirito Santo, liga à capital Federal.
1898. Construção de um trecho de estrada de ferro entre as estações de Gloria e Santa Rosa na Mogiana.
1898. Varios trabalhos feitos no trecho entre Mayrink e Itú.
- 1905-6. Construção do Ramal de Pirajú.
- 1906-9. Construção do trecho entre Manduri e Salto Grande em que se destaca a importante ponte metálica sobre o Rio Pardo com 100 metros de comprimento.
- 1912-21. Construção do prolongamento de Salto Grande a Presidente Epitacio.

Depois notabilizaram-no á construção de um grupo de Tuneis e de um largo trecho da importante via ferrea Mayrink a Santos. No campo das construções ferroviarias alcançou o maximo de desenvolvimento, não igualado e nem superado: cerca de Mil quilometros!

Mas José Giorgi não foi tão somente um homem de ação pratica e construtiva, mas dedicou um culto fervoroso aos grandes, saindo do campo material para entrar na esfera do espirito. Com o poeta Aristeu Seixas foi o ideador do monumento ao ilustre engenheiro Dr. Alfredo Maia, que se ergue na ampla praça General Ozorio, em frente aos antigos escritorios da Sorocabana. Esse bronze que é um tributo legitimamente conquistado por aquele que tanto fez na reorganização da Es-

trada de Ferro Sorocabana, representa o simbolo de um dos mais ilustres engenheiros brasileiros, cuja atividade, saber e espirito de iniciativa, foram integralmente postos ao serviço do Estado.

Faleceu aos 70 anos, em 17 de agosto de 1936. Sua obra aquí fica como "monumento aere perennius" a caracterizar o primeiro período de progresso de nossa zona.

## UM GRANDE COLONIZADOR *CEL. JOÃO GOMES MARTINS*

A estrada de Ferro Sorocabana no seu trecho final, não faz muitos anos, corria por entre densas florestas e só de longe em longe apareciam as estações com as dependências, rodeadas de modestos ranchos e habitados por homens fortes e deslemidos que, no ignoto, foram procurar uma nova forma de vida. Pareciam pessoas varridas, por forte tempestade, dos centros civilizados.

Eram energias esparsas, que limitavam suas obras em derrubar matas na terra de "ninguém". Os grandes latifúndios conservavam ainda a virgindade inata do período da descoberta. Havia entre eles uma demarcação separando com estreitas picadas o domínio de cada proprietário. E, também havia imóveis objetos de contendas judiciais pela confusão e duplicidade de títulos de domínio. O progresso que ia avançando paralelo as fitas de aço da estrada de ferro, devia forçosamente modificar uma situação incompatível com a nova era que ia revolucionar velhos costu-



*Cel. João Gomes Martins*

mes e derrubar tradições insustentáveis com as exigências do povoamento.

Precisava fracionar, dividir e subdividir os latifúndios para criar com segurança a pequena propriedade rural, base única da riqueza e da consolidação de uma cultura estável e eficiente.

Entre os homens que apareceram no cenário para iniciar esta obra altamente patriótica, refulge a figura do Cel. João Gomes Martins, cujo nome se firmou e se consolidou entre os maiores artifices da grandeza e prosperidade do Estado.

Foi o Cel. João Gomes Martins, fidalgo de antiga data, uma figura expressiva de lutador e desbravador dos nossos sertões, quando ainda o prolongamento da Estrada de Ferro Sorocabana não tinha alcançado seu ponto final. Dotado de grande penetração de espírito, esse obreiro, sem tropeçar modelou nos antigos e vastos domínios territoriais de Francisco de Paula Moraes e José Teodoro de Souza, obras vivas e palpitantes, que se tornaram verdadeiras fornalhas ardentes em que se elaborou o caráter e o espírito de uma raça forte e generosa.

Sua obra teve início em 1917, quando na boca do sertão levantou o primeiro acampamento, tendo como divisa a clássica "Struggle for life". A expansão no começo foi puramente linear. Numa faixa muito estreita, mas porém comprida, foram marcados os pontos em que hoje surgem as grandes cidades, os vitais e poderosos centros de

vida e de trabalho. O vale do Rio do Peixe revelou-se inteiro aos olhos desse grande escafandrista de terras.

Fundou os seguintes núcleos rurais e urbanos:

Núcleo do Ribeirão dos Índios (Município de Santo Anastácio), Núcleo Boa Ventura (Município e Comarca de Presidente Prudente) Fazenda Monte Alvão-Ribeirão Cachoeira (Município de Quatá) Núcleo Colonial de Pitangueiras-Colônia Varpa (Município de Pompeia) Fazenda Cristal e Bora (Município de Paraguassú) e Núcleo Colonial de Ribeirão Grande (Município de Paraguassú). Assim as grandes figuras geométricas, cujas poligonais limitavam imensas áreas de terras, foram esmiuçadas em figuras menores e toda a zona agrícola adquiriu nova fisionomia: uma rede de pequenos quadriláteros locados no terreno, semelhantes a colcha de retalhos, constituem hoje os limites de novas propriedades, em que ferve o trabalho dinâmico do agricultor. A expansão atingiu a segunda dimensão: a profundidade, produzindo o desenvolvimento completo da zona.

Para dar vida a estes núcleos implantados no seio da mata virgem, construiu por conta própria, e sem o menor auxílio do governo e das Prefeituras locais, cerca de 200 quilômetros de estradas carroçáveis e 250 quilômetros de rodovias com as obras de arte indispensáveis a tais trabalhos.

Esta obra monumental, cujo arrojo lembra os heróis da antiga Helade, digna de um Titan, foi

sobejamente constatada por dados oficiais, por visitas "in loco" de autoridades e por inspeções do Ministério de Agricultura. É obra, portanto real, plástica, varia em suas multiformes molduras, que requeria, sem o menor exagero, um Homero para cantá-la em versos sublimes e harmoniosos.

Em 1925 o snr. Dr. Carvalho Barboza, inspetor agrícola do Governo Federal, organizou uma estatística correspondente aquele ano da qual resultou que a área colonizada tinha alcançado a fabulosa quantia de 20,634 alqueires, com 1560 famílias localizadas nos respectivos lotes. As famílias provinham da zona este do Estado e do vizinho Estado de Minas e, na nova zona, rica e fértil propagavam-se e cresciam, numa vida de trabalho, fundindo os caracteres numa compacta argamassa de aço. Os diversos núcleos rurais e urbanos, que hoje se estendem na vasta zona, formam cidades e municípios e atestam uma obra de prosperidade e de progresso que só um espírito realizador da tempera do Cel. João Gomes Martins podia imaginar e conseguir.

Este homem extraordinário trouxe para a Alta Sorocabana a pertinácia e a lealdade, atribuída ao vo da Ilha da Madeira, lugar onde nasceu em dezembro de 1887. Esta ilha encantada "de floresce a laranjeira" com sua fascinante beleza e seus chocantes contrastes, produz homens parecos, enérgicos e bondosos.

Embora ter alcançado o vertice da pirâmide económica, gostava conservar sua primitiva simplicidade e representar o papel de homem modesto que se tinha elevado por seu proprio esforço e sua inata capacidade. Nunca teve aparatos na vida externa, e era amadíssimo pelas suas qualidades pessoais.

Possuía com o culto da estética, nervos sutis e extraordinariamente vibranteis: armazenava no seu cerebro grande copia de conhecimentos e tinha a grande e insuperavel vantagem de ter folhêado com proveito o grande e o misterioso livro da vida.

Foi um perfeito organizador. Punha um cuidado assiduo em colecionar, com a paciência de um Certosino, todos os jornais e revistas que traziam notas ou descrições da zona sertaneja, sejam artigos escritos nos grandes diários da Capital como nas modestas e pequenas folhas do interior.

Aquella coleção é um precioso manancial de noticias que oferecem aos estetas o quadro da vida da nossa região, na madrugada do seu povoamento.

A sua ascensão se processou numa curva serena e, com a sua penetrante intelligencia, soube embrenhar-se na alma da terra sertaneja, obtendo invejosos triunfos.

As consequencias da colonização foram imensas para o progresso estadual. Foi uma imigra-

ção interna ordenada, disciplinada que ocupou definitivamente o sertão numa expansão vigorosa e benéfica.

Este arquiteto de uma obra eterna faleceu na sua esplendente vitalidade em S. Paulo, em de Setembro de 1937.

Hoje, naquelas imensas areas colonizadas, normigueiro humano labuta com as suas exigências, com os seus apetites, com as suas paixões com seu esforço dinamico: vida intensa, tangível vibrante de rumores, que surge e se move como ondas do oceano. É um novo mundo que surge semelhante á fantasmagoria dos sonhos. O pesamento flutua entre o verde dos cafezais e o do ceo.

\* \* \*

Como vimos, cabe ao Cel. João Gomes a formação e criação do nucleo da Varpa. Ninguém com imparcialidade poderá negar: agricultores Letões a ação notavel em favor do progresso do nosso Estado, que os acolheu em suas terras fertilissimas.

A Colonia Varpa, é um centro de franco progresso, de belas perspectivas, com grande e animador movimento comercial. É uma verdadeira mansão na terra. A sua sociedade, culta e honesta, toda unida sob a orientação do Pastor Evan-